

vii.

22

8.

V. 1.
22
2
8





b. p.
w. q. w.
V. T.

22

2

8

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, &c.

VOL. VII.

LONDRE

EM A COMPANHIA DE ESTAMPAS, ESCRITURAS, E IMPRESSOES.

6
W

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

MOR.

VOL. VIII.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.



INVESTIGADOR PORTUGUEZ

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

OU

JORNAL LITERRARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, que nec deponere possim.

VOL. VIII.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

O
INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

NOVEMBRO, de 1813.

Cōdo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA PORTUGUEZA.

CUMPRINDO com o que promettemos a pag. 379 do Vol. VII. do nosso Jornal; e para satisfazer a impaciencia, e vivos dezejos d'alguns dos nossos Subscriptores Ingleses, vamos inserir a interessantissima Memoria aprezen-tada a Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Luis Antonio de Oliveira Mendes, sobre o seguinte

PROGRAMMA.

Determinar com todos os seus Symptomas as doenças agudas, e chronicas, que mais frequentemente acommettem os Pretos recém-tirados da Africa: examinando as Cauzas da sua mortandade depois da sua chegada ao Brazil:

VOL. VIII.

B

se talvez a mudança do Clima, se a vida mais laboriosa, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago; e finalmente indicar os methodos mais apropriados para evitalo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isto deduzido da experiencia mais sizada, e fiel.

————— quod non
 Multa dies, et multa litura coercuit, atque
 Præsectum decies non castigavit ad unguem.

HORAT. DE ART. POET.

ENTRE OS projectos, em que se tem, desde a sua origem, e estabelecimento empregado esta Real Academia; nenhum he mais digno de louvor, do que o presente, que foi dado para discorrer-se; porque ao tempo, em que ella compadecida se manifesta humana perfeita, e verdadeira amiga desta porção mais desgraçada da especie humana, consultando em geral os interesses dos Pretos recém tirados dos Reinos Africanos para o Brazil, na preservação das suas vidas; consulta tambem em particular os dos seus senhores, que, por effeito da compra, de continuo arriscaõ o seu valor, e importancia que com aquelles se sepulta: e em commum os do Estado, que sabe, e peza, que elles são tanto mais preciosos, quanto necessarios para a estabilidade, e promoçãõ da Agricultura, e das differentes manufacturas nos Dominios do Ultramar; de cujos transportes continuados, fazendo successivamente girar o Commercio, e pôr em actividade a navegaçãõ, se percebem avultadissimos Direitos.

Para proseguir em hum assumpto taõ vasto, e em hum objecto que por si mesmo se faz recommendavel, e digno das maiores atençaõs, procedendo methodica, e, quanto possivel me seja concizamente; dividirei este discurso em seis partes, ajuntando a cada huma dellas as reflexoens precisas; e estas em seu todo derivadas da mais sizada, e fiel experiencia.

Na primeira parte: tratarei da natureza, e da qualidade do ar que os Pretos respiraõ na Africa: da salubridade das aguas; da temperança, ou intemperança de seu clima natalicio; da liberdade do seu viver; dos seus costumes; no que, e quanto se occupaõ; de que se sustentaõ; e finalmente do vestuario, que lhes serve de resguardo ao Corpo.

Na segunda parte : tratarei do modo, causas, e principio porque são desapossados da sua apreciavel liberdade ; concluindo com os systemas, pelos quaes os Pretos na mesma Africa são trazidos para o Cativo.

Estes dois pontos ao tempo que fazem parte do Discurso, lhe servem de huma precisa introdução ; e por isso tive por conveniente principiar por elles, para os conhecimentos necessarios.

Na terceira parte ; tratarei da lastimoza situação dos Pretos escravos ; e subdividirei a mesma escravidão em tres distinctas idades, a saber. A primeira quando são desnaturalizados do seu paiz ate ao Porto marítimo, aonde na Africa são revendidos para serem transportados para o Brazil : a segunda, quando são transportados, e entregues ao Commissario ate áquella epoca em que são revendidos no Brazil a diversos Senhores : a terceira, quando na America os Senhores os compraõ, e os ficaõ possuindo ate ao ultimo espaço das suas vidas.

Na quarta parte : tratarei das doenças agudas, que ordinariamente os acommettem, e que são adquiridas nas mudanças, e variaçoens dos seus alongados transportes ; aonde tudo de máo, e contrario á saude os persegue.

Na quinta parte : tratarei das doenças Chronicas, tirando algumas dellas a sua origem das agudas, de que escapáraõ ; e indicando donde sejaõ provenientes as outras, que de novo insurgem.

Neste lugar a seu tempo pela demonstração dos factos deduzidos, e tirados da mais fiel experiencia, me verei obrigado a tirar as duas necessarias conclusões. Primeira, que os Pretos, que da Africa são transportados para o Brazil, escapando a tantos contra tempos : inclemencias, e infortunios, podem ser chamados homens de pedra, ou de ferro. Segunda, que a cauza de toda a sua grande mortandade, e estrago, alem das outras causas que menos concorrem, he o modo, porque são tratados ; e que faz nacer a maior parte das suas molestias : as quaes cada vez mais vão crescendo, e levaõ os Pretos a Sepultura.

Na sexta parte : tratarei com fidelidade dos meios de se acautelarem, e de se curarem humas, e outras

enfermidades, sendo tudo deduzido da experiencia,* das mais exactas informaçoens e da presencal observação deste fatal estrago; fazendo esta ultima parte hum perfeito jogo com as reflexoens, e principios estabelecidos, e expontaneamente nascidos de todas as outras precedentes.

CAPITULO I.

Da natureza, e da qualidade do ar, que os Pretos respirão na Africa; da indole dellas; da salubridade das aguas, da temperança do seu Clima natalicio; da liberdade do seu viver; dos seos costumes; no que, e o quanto se occupão; de que se sustentão; e finalmente do vestuario.

He coiza por todos bem sabida, que a grande porção de Pretos que da Africa são transportados para fornecer de escravatura a todo o Brazil, he extrahida da Costa chamada da Mina; de Cabinda; do Reino de Angola; do Novo Rodondo; de Benguella; de Cabo Verde;† pòrtos todos estes da Costa de Leste na Africa; sem que se falle nas Ilhas adjacentes de Bissau, e Cacheu; de Fernando Po; da Ilha do Principe; de S. Thomé; da do Anno Bom;‡ e de Moçambique, na Contracosta. ||

Todas estas terras, segundo descrevem as cartas Geograficas, ficaõ de 1 a 8 grãos ao Norte, e ao Sol do Equador.

Desta deducção se tira a certeza de que os Pretos exportados para o Brazil, ainda considerados no centro dos seos certoens, são na sua origem, e nascimento, habitadores dispersos do meio dia.

Em razão desta sua situação local, he claro, que

* Falla-se da experiencia domestica, e não da Clinica.

† Da Ilha de Cabo Verde se exporta a escravatura para o Pará.

‡ Não se falla nas Ilhas de Bissau, e de Cacheu, e em todas as outras mais; porque ainda que em os seos certoens hajaõ pretos; com tudo quantos se podem reduzir á escravidão, são poucos, ou quando muito sufficientes para o serviço da terra.

|| De Moçambique he donde os Francezes, e Portuguezes vão buscar, e negociar escravos, que transportão para a Azia.

sendo elles habitadores da Zona Torrida, o seu Clima vem a ser intemperado, e ardentissimo, o que obriga ao terreno, e consequentemente aos habitadores a demaziada evaporação, e transpiração. Por isso mesmo a athmosfera, que sobre elles carrega, e circula, he a mais crassa, e o ar mais pezado, e menos puro, que se pode considerar, sem que, por essa mesma cauza de situação, possa haver viração, e ventos successivos, que refrescando os, os refaça de hum novo ar, e este saudavel que os vivifique.

Sendo pois toda aquella dita Costa de Africa, e ainda muito mais seos enranhados certoens, pela falta das viraçoens ate do mar, o paiz mais ardente, que se pode suppor, em tanto extremo, que se poderia dizer, que o nosso dia de veraõ he para elles de rigorozo inverno; vem elle tambem a ser muito doentio.

Porem os Pretos que no seu seio nasceraõ, e que dentro d'elle tem o berço maternal; alli vivem com satisfação plena; tendo este clima pelo melhor; porque outros não conhecem; e por effeitos da correlação, que o nascimento tem com o clima, em hum ar quasi empestado, lograõ no seu tanto huma perfeita saude, e são proporcionalmente menos acommettidos das grandes, e crueis enfermidades; do que outros quaesquer, que lá entraõ, que ou são prezas certas; ou pelo menos passao por hum gravissimo perigo trazendo porem sempre com sigo os vestigios, posto que degenerados, daquellas enfermidades.

O que estes habitadores na força da ardencia do clima tem mais a seu favor, que de algum modo os refresca, e que vivifica a sua cultura dos campos, he o Cacibo, ou Cacimba da noute: * porem essa mesma lhe he prejudicial e infecta; porque desse mesmo pezado orvalho he que se originaõ algumas das suas enfermidades; o que melhor se confirma com a experiencia, do que succede ás pessoas estranhas no paiz, que fogem a Cacimba, para tambem fugirem a muitas enfermidades; e sendo por ella apprehendidos, infallivelmente adoecem: porem os Pretos da Africa ja a ella habituados, vivem, e dormem expostos a

* Cacimba he hum orvalho, que na Africa entra insensivelmente a cahir sobre a terra, desde o pôr do sol ate ao amanhecer.

essa mesma Cacimba, sem que tanto lhes prejudique ; e menos ainda lhes prejudicaria, se sendo capazes de razão abraçassem a prevenção que os estranhos abraçãõ.

As aguas de que uzaõ estes habitadores da Africa concentrados nos seos certoens, aonde vivem dispersos, a excepção daquelles que habitãõ nas proximidades dos rios correntes, que vem desembocar ao mar em a Costa, como saõ os Rios Manjúba, Angoi, que tem o seu principio na Lagoa Dembe, o rio Padron, Ambria, Bengo, Libongo, Danda, Zanze*, Palmeirim, Coanza,† sem que se falle em outros muitos riachos, que vem de encontro a estes, e na grande Lagoa do Marasvi, que conta légoas: as aguas digo de que uzaõ, saõ pessimas ; porque alem de serem augmentadas, ou pelo menos conservadas, por essa mesma perenne Cacimba, os habitantes de longe se alimentaõ das aguas enxarcadas, e depozitadas, que aos poucos estaõ vertendo os pequenos regatos ; e quando estes lhes faltaõ, e deixaõ de suprir, se valem das aguas estagnadas, e dètidas das immundas lagoas, que alli existem ; havendo sitios, aonde nenhumaõ outras ha senaõ estas.

Nos pagos, ou Aldeas em que habitãõ, alguns se valem de fazer huns fossos mui profundos, que chegaõ a imitar aos nossos pozos. Nelles por natureza se achao aguas, alem de sempre tepidas, grossas, salitrozias, e de ordinario barrentas ; o que bastaria para prejudicar á saude quando outra couza mais não concorresse.

Estes povos no seu clima natalicio tem toda a liberdade no seu viver e tem como huma regra inalteravel, e sem limites taõ somente a sua vontade. Não obstante esta franqueza do seu viver, tem certas leis, ainda que muito poucas, a que vivem sujeitas. Adop-

* Zanze, he hum rio que vem desembocar na proximidade da Cidade de Loanda no Reino de Angola, onde se vai buscar a melhor agua para os habitantes daquella Cidade ; por onde tambem descem em canoas muitos mantimentos, e madeiras ; o que tudo he beneficiado pelos Prêtos.

† Coanza, he outro rio que vem de longe desembocar proximo á Cidade de S. Paulo de Loanda ; pelo qual tambem se conduzem, e descem os mantimentos, e as madeiras para a dita Cidade ; tudo fabricado pelos Pretos.

taõ entre os seus costumès a Polygamia; e saõ severos em fazer guardar, e cumprir (para me explicar assim) no seio da sua incultura a fidelidade conjugal.

O caracter destes povos, aindaque vivendo no centro da barbaridade, e do gentilismo, he o serem por genio rezolutos, doces, sizudos, e de boa fé: por isso em tudo a que se entregaõ, e de que saõ susceptiveis, saõ extremozos, e constantes. Saõ amantes em ultimo extremo: saõ vingativos, quando desenganados lhe daõ motivos para o serem, e por isto sendo capazes do amor, e do odio; com facilidade traçaõ hum pelo outro: nunca desabridamente por effeitos da inconstancia, mas sim pela ardencia, auge, e reconhecimento da offensa. Saõ muitissimo fieis aquem se inclinaõ, e chegaõ a estimar; e tem odio com o mesmo extremo a quem chegaõ a aborrecer: o que melhor, e muito confirmará o que se hade deduzir nas outras partes.

Saõ os Pretos da Africa sadios, fortes, robustos, e de huma boa compleição, e natureza no seu tanto. Entre outras demonstraçoens, a que mais por ora nos desengana, e nos convence, vem a ser; que elles na sua minoridade, e ainda ja adultos, fazem pôr por enfeite, e signal em as suas faces muitos lanhos, e estes atrevassados, e profundos, cujos golpes chegaõ quasi ate aos ossos, sem que passem pelo perigo de vida; o que bem confirmaõ as infinitas cicatrizes maiores, e menores, que vemos em as faces dos Pretos, que da Africa saõ transportados para o Brazil, e do Brazil para Portugal.

Esses ditos lanhos não só tem por fim o enfeite, que elles prezumem; mas tambem saõ indicativos da familia, do Reino, do Prezidio, e do lugar, aonde nascerão, e saõ moradores; como por exemplo, de Ambaque, Ginga, Caçancha, Gólo, Dalandula, Chicamba, Mixicongo, Congo, &c.

Supportaõ ainda mais, pois quando saõ permutados, soffrem o signal privativo do *Certanejo*, que os leva na escravidão, para serem conhecidos, e achados, no cazo de fuga. Ainda de mais lhe accresce, que chegando ao Porto Maritimo, aonde haõ de ser embarcados, ahi tornaõ a ser mercados no peito direito com as

armas do Rey, e da Nação, de quem ficaõ sendo vasallos, e vão viver sujeitos na escravidão; cujo signal a fogo lhes he posto com hum instrumento de prata no acto de pagar os direitos: e a esta marca lhe chamaõ *Carimbo*.

Soffrem de mais outra marca, ou carimbo, que a fogo tambem lhes manda pôr o privativo senhor delles, debaixo de cujo nome e negociação elles saõ transportados para o Brazil; a qual lhes he posta, ou no peito esquerdo, ou no braço, para tambem serem conhecidos no cazo de fuga: sem que nestes lances a natureza ceda a taes martyrios.

Estes povos pela maior parte vivem na inercia, e apenas se occupaõ em dois unicos trabalhos: primeiro, e principal no da agricultura, plantando o milho; o feijaõ, o aypim*; a mandioca†; a malagueta‡ o gengelim; o mandubim, de que fazem extrahir duas especies de azeite para o seu consumo; o gengibre, que ás vezes mascaõ, ainda que a maior parte deste genero lhes he levada do Brazil; e outras mais couzas, quanto elles consideraõ, que saõ sufficientes para o proprio sustento, e para o de toda a sua familia. Segundo, no da caça, e esta taõ somente quanta precisa seja para o mesmo fim.

Ainda que se acabe de dizer, que os Pretos na Africa se entregaõ mais a estes dois generos de trabalho, como o principal, e o mais preciso para a subsistencia da vida; com tudo demais se entretem no negocio do marfim, e da cera, cujos generos permutaõ por fazendas aos Certanejos.

Entre elles, assim como entre os Certanejos, corre o marfim como dinheiro: porque havendo, como ha em Loanda, o contracto delle, o contractador, que he

* O aypim he huma raiz de palmo ate dois palmos, que os Pretos na Africa costumaõ comer cozida; entre nos corresponde, e he semelhante ao nabo; e isso entre elles faz as vezes de pão.

† A Mandioca he huma raiz da mesma natureza, porem de outra especie; da qual se faz a farinha de pão, a quenga, de que se fallará no lugar competente, e tambem o enfunge, matete, angu, mingau.

‡ A Malagueta he, entre outras especies de pimentas a de que muito gustaõ os Pretos, por ser a mais ardente: he encarnada.

comprador certo, paga o marfim de conta, isto he, o de trinta, e dois arrateis para cima, a vinte oito mil reis o quintal; o meiaõ a razao de deseseis mil reis o quintal; o muido, ou escaravelha, isto he, de deseseis arrateis para baixo, a razao de seis mil, e quatro centos o quintal: tendo o contracto o privilegio exclusivo, para que nenhum outro possa transportar marfim para fora.

A cera de que muito abunda aquelle paiz, porque os Pretos costumãõ tirar o mel, que he o seu assucar, igualmente he negociada, e permutada com os Certanejos; e ainda que os Pretos não a saibaõ beneficiar, com tudo os Certanejos nos Prezidios tem as suas caldeiras, nas quaes a fervem, e beneficiaõ de hum tal modo, que transportãõ cera amarella, e branca; tendo cada paõ delta 2, 3, e 4 arrobas, que he transportada pelos Pretos.

Como pois o seu primeiro desvelo, e o trabalho dos Pretos consista na agricultura, como mais necessaria para o seu viver, e estabilidade; diremos alguma coiza sobre ella. De hum modo celebre fazem a cultura dos campos, e a plantaçaõ doque necessitaõ. Saõ taõ inertes, e taõ pouco industriosos, que sendo lavrada a terra com humas paz de ferro, que saõ as suas enchadas, serviço este em que se occupaõ todos da familia indistinctamente; entre estes só tres saõ os que semeiaõ. Hum destes vai adiante com hum páo, que tem ferro na ponta, com o qual faz huma covinha: o segundo, que logo se segue, lança nessa cova a semente do que querem plantar: o terceiro, que vai em ultimo lugar, com o pé cobre de terra a semente, e desta sorte fazem huma plantaçaõ a que chamaõ *á corda*; e esta crescendo se deixa ver toda em carreiras. Em soccorro da agricultura, alem das chuvas, que he no que consiste o seu inverno por pouco tempo, nada mais apreciavel ha do que o orvalho da noite, ou cacimba; que para este intento he essencial, pois que a ella se deve a fertilidade dos campos.

Como hum dos trabalhos, e o segundo em que se empregãõ aquelles habitantes, he o da caça; deve saber-se, que amanhecendo, logo o Preto se arma do arco grande, e do pequeno, e da espingarda. Para o grande leva flexas de ferro, e estas finas; e para o pe-

queno que he o *Budoque**, ballas de barro. Com o arco grande mata a caça grossa; com o pequeno, e com a espingarda a caça miuda: e tendo a sufficiente para 1, 2, 3, dias, retira-se para o seu domicilio. Se no acto de caçar matou elefante com o arco grande, e com as settas de ferro, ou ainda com Zagaia†, que tambem leva, delle tira quanto pode trazer; e dá parte aos vizinhos para no outro dia hirem buscar o mais; pertencendo ao caçador as partes que elles tem por mais delicadas, como são as pontas, ao que impropriamente se chama *dentes* de marfim, e as escaravelhas, que vem a ser os dentes do elefantes.

Em dous, e tres dias, que dura a caça, que se trouxera, em nada mais trabalhaõ. Ao cuidado das mulheres, e da familia fica o cozinhar a caça ao seu modo, e gosto. A' excepção desta, de algumas galinhas, e de alguns porcos, que criaõ em as suas *cortelhas*, isto he em huns pequenõs curraes, desconhecem outras carnes; assim como o peixe, que muito pouco para tantos se cria em as suas pequenas lagoas; e se o provaõ com maior abundancia, he aquelle, que salgado se leva dos Portos Maritimos por negociação para os certoens.

Esses mesmos povos Africanos no centro da sua rusticidade pouco uzo fazem, na comida, das hervas; de sorte que muito poucos as comem cruas; alguns mais porem uzaõ dellas cozidas, e temperadas com azeite, e com pimenta do seu paiz, e as comem acompanhadas do seu paõ.

* O Budoque he hum arco, como da rebeca, porem muito maior, feito da madeira mais forte, que se pode achar: das extremidades do arco sahẽm duas cordas parallelas, e entre huma, e outra no meio da corda se faz huma pequena rede, aonde se depozita a balla de barro; e comprimindo-se o arco, com a expedição da balla, feita a pontaria, o caçador mata a caça, que quer.

† A Zagaia he hum ferro, que na extremidade tem huma ponta com com duas rebarbas, como de anzol; e como hum dos dentes do garfo da fiska, a que no Brazil na pesca das Baleias chamaõ *arpuão*. Este ferro costuma ter na extremidade hum páo, ao qual está preza huma corda, cuja ponta fica tendo consigo o caçador. Com esta Zagaia na caça grossa, como de elefante, faz tantos tiros, quantos são sufficientes para a matar, puchando para si, por meio da corda, a Zagaia; que emprega tantas vezes, quantas são sufficientes para matar quanta caça lhe parece.

Nos contornos, e proximidades de varios dos Portos Maritimos na Africa, na distancia de hum ate dois dias de jornada, ha todo o genero de hortaliça ordinaria, de que uzamos, assim como tambem os legumes, e as aboboras, de que elles muito gostaõ; porem quanto mais se vai alongando a viagem pela terra dentro em maior numero de dias, a hortaliça mansa, como são as coves, o repolho, a alface, e toda a mais vai desapparecendo.

Os Pretos na Africa algum uzo fazem das frutas; porem nunca em grande abundancia, porque muito poucas tem. Todas ellas pela maior parte são frutas bravas; e as de que mais se alimentaõ são os *arassás* de toda a especie (que correspondem ás nossas peras); e mais do que arassá chamado *Guoi jaba*; e ainda em mais abundancia dos cocos, e *Dendes*, de que logo fallaremos. Alem destas frutas, ha outras a que podemos chamar mansas, como são as laranjas, as bananas, e os ananazes; que todas desapparecem segundo a distancia.

As cazas da habitação dos Pretos na Africa são cobertas humas de palha brava, e comprida, e outras das folhas dos coqueiros*, de fora com paredes de taipa†, a que no Brazil chamaõ *sanzalas*, ou *palhoças*‡, á imitação das cabanas, que se achaõ situadas na Trafaria, e na costa vizinha ao mesmo lugar.

Nada despendem os Pretos na Africa em a construcção destas cazas; porque cortando, e ajuntando com

* O coqueiro, he huma arvore bem semelhante á palmeira, com a differença de ser muito mais elevada, e mais grossa. As suas folhas são de 12 a 20 palmos de comprido cada huma.

† Taipa he huma parede de barro, que se faz do modo seguinte: Espetão-se alguns páos a prumo na terra na distancia de 2 ate 3 palmos; e nestes páos por fora, e por dentro se atravessaõ varas finas, que são prezas aos páos apumados, como juncos, ou vimes, a que no Brazil chamaõ *Sipo*; o vão do gradamento he cheio de barro amassado; e este seccando forma huma perfeita parede.

‡ *Sanzala*, ou *palhoça*; no Brazil he caza de Preto que mora no campo, na roça, ou no engenho; a qual he coberta tambem de palha, e tem algumas das paredes de fora de taipa, e outras vezes tem as paredes de fora feitas simplesmente de palha do mesmo coqueiro, que se vai prendendo no gradamento das varas; assim como se costuma fazer o telhado, ou cobertura com a mesma palha tambem preza no gradamento superior.

tempo a palha, e a madeira precisa, são por hum commum accordo convocados os vizinhos para esta dita construcção.

Nestas mesmas cazas a primeira, que he a principal, e maior, está dos lados cercada dos *Giraus**, sobre os quaes se lança a palha para as camas dos Pretos. No meio dessa caza está a cozinha, que consiste em huma fogueira, aonde se coze, e se assa a comida: e ao redor della, não obstante a ardencia do clima estão assentados os da familia a tomar o calor em quanto a fogueira dura a qual lhes serve de luz; e por isso ao por do sol se accende ate ao amanhecer, e de dia, como a fogueira lhes falta, se vão assentar ao Sol.

Em hum, e outro lugar sempre estão a caximbar, e cheios de prazer porque então nada lhes falta; he aonde fazem as suas cantilenas, e festons, que são acompanhadas do atabaque†, *Canzá*‡, pandeiro, marimbas||, berimbãos, castanholas, bater das palmas

* Girau, vem a ser quatro forquilhas de páo, que se cravaõ na terra com a altura da cama, que se quer fazer; e de humas forquilhas a outras se passaõ travessas, que são amarradas nas mesmas forquilhas pelos sipós; e nas travessas vem prender com o mesmo sipó muitas varas, que juntas humas ás outras, formaõ hum como estrado, sobre o qual se lança a cama dos Pretos: e por isso Girau na lingua da terra se chama a cama do Preto.

† Atabaque he hum quadrado de madeira á imitação de hum meio alqueire: porem de altura de hum quarto de palmo, que na parte superior, e inferior he cuberta de pelle de animaes; e faz o som de hum pequeno tambor: quando em huma, e outra parte alternativamente tocaõ os Pretos com huns pequenos páos, ou ainda com a mão extrahem delle o som, que querem pela maior ou menor pancada.

‡ O canzá, he outro instrumento dos Pretos: elle se faz de hum gomo de cannas bravas, ao que na linguagem do Brazil chamaõ *tabócas*; o gomo tem de comprido tres, e quatro palmos, e palmo, e meio de circumferencia. Abrem huma tenda no meio do lado deste tubo, ficando porem nas suas extremidades sempre fechado pelos nós dos outros gomos, pelos quaes este se cortára: pela superficie delle fazem com ferros humas graduadas escallas; e estas profundas, e pequenas distancias; de sorte, que correndo-se com hum pequeno paõ, que tem a figura de hum dos nossos fuzos, para baixo, e para cima, segundo a força, que lhe applicaõ, extrahem hum novo som, que serve de segunda ao atabaque.

|| Marimba, he outro instrumento dos Pretos formado do modo seguinte. Entre dois arcos semicirculares de páo fazem prender tantas *combucas*, ou *cuités*, que correspondem no feitto aos nossos cabaços, quantos são os sons graduados, que querem dar a este instrumento. Na parte superior as sobreditas cambucas ou cuités são circularmente cordadas, bem como os côcos, que ja vem feitos, e trabalhados do Brazil, e

concavas, e de differentes formas de assabios, que por elles são inventados com muita variedade.

Elles se sustentão de feijão cozido, o qual he temperado com sal de pedra, que tem a côr amarella, e he tirado da terra em Dembo, e levado pelos certanejos; genero entre elles de tanto consumo, que faz hum dos artigos da sua permutação. Temperaõ esse mesmo feijão com azeite chamado de côco, que he bem semelhante ao das oliveiras. Tambem algumas vezes, ainda que menos, o temperaõ com outro azeite, chamado de Dende*, e de mais lhe ajuntaõ a pimenta malagueta.

Tambem se nutrem com o milho primeiramente pizado, e depois cozido, de que fazem varias comidas. Huma dellas consiste em quebrarem a pilaõ o milho depois de cozido, de sorte, que separando-lhe a casca, fica partido, e o temperaõ com o mesmo sal, azeite, e pimenta.

Reduzem esse mesmo milho a huma especie de farinha, e cozinhando-a simplesmente na consistencia de paõ mal cozido, a isto chamaõ na lingua da terra *Anfunge*, e na do Brazil, cuscuz. Com esta farinha bem

postas em ordem com prizaõ, pela meia circumferencia do arco fazem por transversalmente humas pequenas taboas em falso, bem semelhantes ás teclas dos cravos; e sendo estas furadas pelo meio, fazem passar, e enfiar huma corda, que vai prender nas extremidades do arco; e as quaes taboas vem tapar, ainda que em falso, a bôca dos tubos, ou cambucos; e dando com humas especies de vaquetas, ou páos pequenos nas teclas, que querem, segundo a maioridade da pancada, e do tubo, passando de huns a outros rapidamente, conseguem diversos sons. Nas extremidades do arco prende huma corda bamba, a qual serve de pôr ao pescoço a marimba na altura, que querem, para a tocar, e transportar.

* Dendé he huma arvore, ou huma especie de coqueiro, que tem cinco, e seis palmos de grosso, com as folhas semelhantes ás da Palmeira, porem muito grandes e largas. No pé das folhas proximas ao olho, ou palmito sahem huns grandes cachos, como os da uva, que pezaõ de duas a tres arrobas; e neste grande cacho está apinhoado hum sem numero de fructos, que começando na grandeza dos pequenos peros, no espaço, e intervallo de huns a outros, estaõ outros mais pequenos, que acabaõ no tamanho de amendoas. Este fructo começando preto, acaba cor de açafraõ; e quando assim está se considera madura. He carnudo como os pequenos pecegos, tendo por caroço huns pequenos côcos, que quebrados tambem se comem. Cortado este cacho, tiraõ-se os fructos, e estes primeiramente se cozem, e depois se pizaõ: e separada deste modo a massa oleosa do caroço, se poem a ferver, e da superficie da agua se vai tirando com abundancia este gostozissimo azeite, que conserva a mesma cor do açafraõ.

apurada a que chamaõ *Fubá*, se fazem humas adelgadas papas, tambem simplesmente cozidas, e que mais se bebem, do que se comem: as quaes são dadas aos doentes: na lingua da terra lhe chamaõ *Matete*. Tanto o anfuje, como o matete, tambem se costuma fazer da farinha chamada de pão, e da mandioca, ao que se chama *Angu*, e *Mingau*.

Quebrado ao pilaõ o milho (sem ser cozido) o deitaõ de molho por alguns dias, e fermentando, delle resulta huma especie de cerveja quasi avinagrada, de que muito os pretos uzaõ em lugar de vinho, ou de agua-ardente; e a ella tanto se costumaõ entregar, que os chega a embebedar; e na lingua da terra lhe chamaõ *Aluá*: porem quando nos seos certoens apparece a cachaça, agua ardente do Brazil, a que chamaõ *Giribitá*, preferem esta bebida á outra.

Continuando-se na descripção dos paens de que os Pretos uzaõ, vem a ser hum delles, alem do aypim, tambem a mandioca, de que fazem a farinha chamada de páo* e a quenga†.

Alem disto tambem costumaõ torrar o milho, bem como nos assamos as castanhas; e depois delle entrar a estalar, e a abrir, o julgaõ assado, ao que no Brazil chamaõ *Pipoca*. Este milho antes de se torrar he molhado, e salpicado de sal, para que tome o gosto delle: o que igualmente se faz ao feijaõ, quando tambem se torra†.

* A farinha de páo vem a ser a raiz da mandioca relada, a qual depois de se achar neste estado, he metida nos *tapitis*, que são sacos tecidos de palha, bem como a dos abanos, os quaes pendurados se poem com pezos a escorrer; a sua humidade, e o succo, que ella deita, he a gomme do Brazil. Depois de hum, ou dous dias he esta farinha tirada dos *tapitis*, e posta a torrar-se em huma grande frigideira de barro, que leva muitos alqueires, e successivamente se mexe a farinha, ate que fique torrada.

† Quenga he feita da raiz tambem da mandioca da maueira seguinte. Deita-se huma porção da raiz da mandioca de molho em agua por cinco dias, para o fim de amollecere, e largar a casca; e quando a larga se chama *mandioco puba*. Pelo espaço de mais de oito dias ja sem casca se deixa estar de molho; e depois delles se poem por hum dia a seccar ao sol; e a isto he que no Brazil chamaõ *carima*.

Pizada ella, e temperada com o sal, isto he que chamaõ—quenga—e no Brazil mingau.

† Tanto do milho como do feijaõ, e ainda do arroz, que pouco gastaõ sendo tudo pizado, e reduzido a farinha, fazem outras muitas comidas,

Estando pois preparado qualquer destes generos do seu diverso paõ, passaõ os pretos a temperar hum molho muito salgado, e ardente pela muita malagueta, que moem, no qual vaõ molhando aos poucos a carne.

Quanto ao seu vestuario: os Pretos na Africa andão quasi nus. A dous retalhos de fazenda se reduz a compostura dos individuos de ambos os sexos: hum que os cobre da cintura ate ao meio da perna, dando volta ao redor da cintura, e se ata com hum orello; ao que chamaõ Tangas: outro que do pescoço, sendo atado por baixo dos braços, vem ate aos joelhos, a que chamaõ *Molele*, e lhes serve de lençol: e quando o não trazem assim atado, o trazem como manta por cima do hombro direito, hindo atravessar, e sobrepor por baixo do hombro esquerdo.

As fazendas, que os Pretos na Africa costumaõ fazer suas pelas permutaçoes para este intento, saõ as fazendas grossas, vindas do Malabar, a que mesmo chamaõ *fazenda* de preto. Alem de todas estas saõ as baetas, serafinas, cres, e linhagens.

Alguns delles costumaõ trazer as suas tangas de hum tecido de palhinha muito fina, e macia, com o que suprem as fazendas mencionadas.

CAPITULO II.

Do modo, causas, e principio, porque os Pretos da Africa saõ desapossados da sua apreciavel liberdade.

Ainda que os Pretos Africanos vivaõ na franqueza, e na liberdade dos seus costumes, tendo por melhor lei a sua unica vontade; com tudo nós ja dissemos que tinhaõ, ainda que poucas, humas certas leis, a que estavaõ sujeitos.

Segundo ellas, 4 vem á ser os modos, pelos quaes os Pretos Africanos saõ metidos, e adstringidos ao captivo. Dous outros modos porem não podem ser

como he o *Abrem*, a *Panenha*, a *Caragem*, a *Cangicu*, e o *Acacan*, desse mesmo milho, e farinha de páo torrada, ajuntando-se-lhe sal quanto tempero, *Mandubim*, gergelim, e algum assucar, sendo tudo torrado, e pizado de tal sorte, que se reduza á mais fina farinha: a estas comidas saberozissimas chamaõ *Fubá* de milho, fuba de farinha, das quaes abunda o Brazil.

dellas derivados, porque tem principio na força, e na traição pela maior parte; e no animo, e vontade dos Pais, e dos maridos, quando castigaõ as mulheres, e os filhos.

Ja tambem dissemos, que esses povos incultos adoptavaõ a polygamia. Entre elles, segundo as leis constituidas, vem a ser o maior, e o primeiro dos crimes o misturar-se algum com a mulher, que está adscripta por outro no numero das suas concubinas. No centro de Africa parece que he ouvida a interrogação de Juvenal, achada na Sat. 2. ver. 37. Aonde agora estas lei Julia *de adulteriis*? Dormes?—Respondem os Africanos, que não, porque provado o crime, o reo he castigado.

Para este fim, assim como para outros, os Africanos d'entre si em cada hum dos Prezidios tem escolhido hum seu Juiz, aquem chamaõ *Sova*, para os julgar. Nestes mesmos Prezidios se achaõ tambem capitaens mores, que saõ postos por Patentes dos Governadores das Terras, e Cidades Maritimas. Estes Capitaens Mores tem huns certos homens da terra, pretos com vezes de soldados, a quem por paga se lhes dá huma farda annual. O Capitaõ mor muitas vezes se incorpora ao *Sova*, e o ajuda a julgar. A pena ultima em aquelle continente he a escravidão; e havendo cauza civil, ou crime commettido, interrogadas as testemunhas, he o devedor, e o adúlterador julgado á escravidão: e em continente saõ lançados em ferros, e adjudicados ao credor, e ao offendido, que os pode vender como seos: porque, pelo Juizo da Sentença proferida, ficáraõ sendo servos da pena.

Entre aquelles povos ha o costume, e o regresso, de que quando qualquer he condemnado ao cativoiro, pode este nomear alguns que por elle vaõ soffrer a escravidão; porem isto só se entende sobre aquelles, a que elle tem direito, como por exemplo, pode nomear os filhos, as mulheres, e os sobrinhos.

Eisaqui conservado na sua simplicidade, e achado o instituto de Romulo, referido por Dion. Halic. no liv. II. cap. 27. e por Jac. Gothofred. ad Leg. XII. Tab. Tab. 4. pelo qual se permittia ao Pai dar, e entregar o filho á noxa, e vendello por tres vezes.

As mulheres porem, que saõ adúlteras, e adjudica-

das á sua culpa, e ao credor com escravidão, não tem direito de poder dar substituidor, nomear, e pôr algum outro por si: porque entre elles se julga que não tem a quem nomear. Eisaqui sustentado outro costume dos Romanos, e delles transferido a nos, que as mulheres são principio, e fim da familia.

Feita pois por este modo a nomeação pelo condemnado, que só se lhe aceita em mais pessoas, do que huma, ate seis, sete, oito, e mais, segundo a gravidade do delicto, e maioria da divida: os que são nomeados, vão logo sendo mettidos em ferros, e se faz a divizaõ, e repartição desses novos captivos entre os Sovas, e os offendidos, ou credores: e cada hum delles pode permutar os escravos que lhe foraõ adjudicados.

Quando algum dos Pretos he visto, e apanhado em seara alhea, roubando os fructos, e levando o que não he seu; provado o crime na presença do Sova, he julgado á escravidão, podendo tambem fazer a nomeação das pessoas, de que ja fizemos menção. Eisaqui em hum paiz inculto postos em pratica os capitulos da Lei Aquilia, que elles desconhecem inteiramente.

Quando hum Reino faz guerra a outro Reino, e vem a ser vencedor, tendo o direito de matar os vencidos; trocaõ estes seos direitos no da escravidão, podendo-os por isso mesmo permutar. Eisaqui no centro do gentilismo mais bem desempenhados os direitos da guerra.

O quinto modo, pelo qual o homem livre he innocentemente trazido, e obrigado á escravidão, he o da força, e aleivozia. Quando alguns de entre elles persuadem, e levaõ a outros enganadamente a certos sitios, e ahi lançando-se aos que querem fazer captivos, os prendem; e os vão vender aos certanejos, quando estes estão em lugares certos a permutar escravos, como em Feiras; o que de ordinario vem a succeder aos de menor idade, por serem os mais capazes de cahir nesta fraude: e provando-se este mesmo crime, os delinquentes são julgados pelos Sovas á escravidão. Eisaqui entre elles posta em pratica a pena de Taliaõ.

Algumas vezes succede; que os pais de familias necessitados, querendo castigar os filhos, e as suas concubinas, vão permutar aos certanejos as mesmas con-

cubinas, e filhos, entregando-os á escravidão. Eisaquí o Patrio poder, e o Direito Marital, de que ha vestigios na Jurisprudencia dos Romanos, elevado ao seu ultimo grão, e mais benigno, do que entre elles, no Gentilismo, pela excluzaõ *vitæ et necis*.

Continuar-se-ha.

EDINBURGH REVIEW.

Em o No. 42 deste preciozo Jornal acha-se a analyse da obra intitulada.

A Tour through Italy, exhibiting a view of its Scenery, its Antiquities, and its Monuments, particularly as they are objects of classical Interest, and Elucidation: with an account of the present state of its Cities and Towns, and occasional observations on the recent Spoliations of the French. By the Rev. John Chetwode Eustace. 2 vol. 4to. London. 1813.

He escuzado dizermos que a analyse que desta obra fazem os sabios Redactores daquelle Jornal, he quanto a nos, mui judicioza, como o são, em geral, todas as que sahem de pennas taobem aparadas. Com tudo são homens; e como taes estão sujeitos a errar, e a ser enganados.

O author da Citada obra sahindo de Vienna em Janeiro de 1802 dirigio-se a Munich; e de lá passou pelo Tyrol para Italia. Passando por estradas desertas, e cercadas de precipicios ficou admirado de que não fossem frequentes os roubos, e assassinios por caminhos em que facilmente se podem armar ciladas, e em que bastaria espantar o cavallo do passageiro para lançar este em terra, e o roubar, &c. Se assim não acontece frequentemente, he isso inteiramente devido, diz o citado author, á influencia do Christianismo, e á autoridade do clero, que tem humanado os rudes ha-

bitantes dos Alpes. Elle accrescenta—que o viajante continuará a passar por alli com segurança, em quanto *os principios francezes* não passarem das Cortes, e cidades situadas nas planicies para os escrondrijos daquellas montanhas, &c. &c.

O author falla como hum verdadeiro Christaõ, que nos parece ser não só de nome, mas tambem do coração. Negar a grandissima influencia da Religião de Jesus Christo, na civilização do Genero Humano e no melhoramento dos costumes, seria hum perfeitissimo desvario, que não pode ter a sua origem senão ou n'huma profunda ignorancia, ou n'huma decidida perversidade de coração.

Os Redactores do Edinburgh Review não negão a influencia do Evangelho, nem dos seos propagadores Catholicos para melhorar o character da sociedade; mas negão, e com razão, quanto a nós, que se deva attribuir áquella cauza unica a segurança dos viajantes pelo Tyrol: e para combater a opiniaõ do author dizem os Redactores, que elle se devia lembrar dos *exames de salteadores que ha nos dominios de Suas Magestades Fidelissima, e muito Catholica na Peninsula*. No. 42 pag. 382.

Nos concordamos com os Redactores que a segurança dos viajantes pelas montanhas do Tyrol não he só e inteiramente devida a influencia do Evangelho, e dos seos Ministros: mas o que nos espanta, e escandaliza he que para combaterem o author vão buscar exemplos dos muitos salteadores que ha em Portugal, apesar de a Religião daquelle Reino ser a de Jesus Christo. Os Redactores da Revista de Edinburgh nos permittirão que lhe digamos, que analizando elles huma obra sobre a Italia, deviaõ primeiro que tudo ter conhecimentos exactos do Paiz para saber, se o que diz o Author que analyzaõ he, ou não exacto. Ora se os sabios Redactores da Revista de Edinburgh possuissem estes conhecimentos; quando elles quizessem citar exemplos de criminozos para provar que não he só o Christianismo que influe nos costumes, e acçoens dos Povos, não irião procura-los a Portugal, tendo-os na mesma Italia, tendo-os na Provincia de Bergamo, tendo-os nos Estados Pontificios, tendo-os n'huma palavra, na propria Capital do Mundo Chris-

taõ onde era espantozo o numero de criminozos, e de assassinos.

Parece pois, ou que os sabios Redactores da Revista de Edinburgh não tem conhecimentos exactos dos costumes dos habitantes da Italia; ou que, se os tem, os desprezáraõ, para seguirem a opiniaõ desses ignorantes, e mentirozos viajantes, que tiveraõ a impudencia de escrever á cerca dos habitantes de Portugal, sem nunca passarem de Lisboa.

Nos temos em muito boa conta os Redactores, da Revista de Edinburgh para nos persuadir-mos—que elles citáraõ Portugal, como paiz em que ha enxames de assassinos, só com o fim de insultar a Naçaõ Portugueza, como escandaloza, e injustissimamente tem feito muitos dos seus compatriotas, nos quaes mal se pode decidir qual he maior, se a ignorancia com que escrevem; se a perversidade com que o fazem! Supponho pois illudidos aquelles sabios Redactores; e para que o não estejaõ por mais tempo convem desenganalos; para isso bastará que lhes citemos a authoridade do seu illustre, e valorozo compatriota o Major-general Henry Mackinnon, que morreo valorozamente na tomada de Cidade Rodrigo por assalto.

I must add, diz aquelle General, that at a distance from the Capital, I know not any nation where there appears to be more purity of morals than in Portugal—They have in the country a peculiar virtue, from the kindness with which they treat servants; many of whom, attached to the same family from one generation to another, acquire by their savings, small properties, which in time enable them to rise and become independent. The occupation of a servant is here by no means so degrading as in England, and most other parts of Europe. Pag. 42 e 43.*

I cannot help remarking, that the general character of the Portugueze is sadly disfigured by foreign writers of travels:—and I think I can account for it, by their residence in Lisbon alone.—When the inhabitants of

* Veja-se a sua pequena, mas interessante obra intitulada, *A Journal of the Campaign in Portugal and Spain containing remarks on the inhabitants, customs, trade, and cultivation of those countries, from the year 1809 to 1812.*

Portugal are described by travellers, you have therefore little more than the account of these foreigners corrupted by trade, wealth, misery, and the vices of a court; that they are prone to murder, and every species of crime. One would naturally be led to suppose, that the manners of the capital would influence the provinces; particularly of this kingdom, whose chief city is without bounds, and greater in proportion to the extent of the country, than any other capital in Europe: but this is not the cause: for the badness of the roads, and of accommodation, renders the intercourse very difficult, and very few of the provincial families ever leave their homes.—The gentry lead at their homes, a most harmless and inoffensive life: they have few or no luxuries, and are very willing that strangers should partake of their fare.—They are universally religious, every house of any consequence having its chapel and daily mass. The lower orders of people are equally civil, obliging, and inoffensive. THE GREATEST CRIME YOU EVER HEAR COMMITTED, IS PILFERING—ROBBERIES, AND MURDERS ARE SCARCELY KNOWN; AND AS TO ASSASSINATIONS, I NEVER HEARD OF ONE IN THE COUNTRY. Pag. 57, 58, e 59.

Nos transcrevemos em Inglez as passagens da obra do General Mackinnon, porque ignoramos se os Redactores do Edinburgh Review sabem Portuguez; e á vista dellas esperamos que aquelles sabios Jornalistas não citem, para o futuro Portugal como paiz de salteadores, e de criminozos: elles devem ser tanto mais acutelados a este respeito, quanto he verdade, que elles pertencem a huma Nação no meio daqual os grandes crimes são desgraçadamente tão frequentes, que rara he a semana em que os papeis publicos não fação menção de roubos, e de assassínios, que horrorizaõ a humanidade; e crimes perpetrados não só na immensa capital da Gram-Bretanha, mas nas provincias! Entretanto que nos será facil, facillimo, provar-lhes, que mesmo em Lisboa, se passa hum anno e mais sem haver hum só assassinio! E com tudo talvez seja huma verdade que não ha hum so paiz em toda a Europa em que as Leis sejaõ menos executadas: assim como o he tambem que em nenhum estado as leis, apezar do seu rigorismo, estaõ em tão prompta, e ri-

gida execuçaõ, como na Gram-Bretanha! Mas tal he a differença da indole dos Portuguezes, á dos Inglezes!

LITTERATURA PORTUGUEZA.

Londres, 11 de Outubro de 1813.

Senhores Investigadores.

O seguinte Soneto foi realmente composto no asiago dia a que allude; não he porem o dezejo de fazer alarde de sentimentos patrioticos, que devem manifestar-se com obras, e não com versos, o que me incita a pedir a Vm^{ces}. queiraõ inseri-lo n'hum dos seus numeros; he taõ somente o amor proprio (talvez bem infeliz n'esta occasiaõ) de Poeta. Tendo Vm^{ces}. ja publicado, ha algum tempo, hum Soneto em lingoa Italiana, esperei que não recusariaõ a mesma honra ao que lhe offereço, cujo assumpto he Portuguez, e o Author tambem Portuguez.

Sou de Vm^{ces}. com a estimaçaõ que merecem, &c.

S.

SONETO.

Il giorno 1. di febbrajo 1808, in cui fu dichiarato da Francesi il Portogallo Paese di conquista.

O Lusitania, i figli tuoi dolenti
 Han visto lacerar l'augusta immago
 Dé loro Ré, per inalar sul Tago
 L'effigie del Tiranno delle genti.
 Di sangue, non di lagrime, torrenti
 Scorrer dovrian per cancellar l'oltraggio!
 Sangue vuoi Lusitania! E il cuor presago
 Accoglie, o Patria, i voti tuoi frementi.
 E voi splendor di quest' impèro estinto

Serenate, Ombre illustri, il guardo offeso,
Non mi vedrete mai fra ceppi avvinto
Baciar la man da cui son villipeso,
Libera hõ l'alma! E di catene cinto
Sensa viltà saprõ soffirne il peso.

SONETOS INEDITOS DO GRANDE BOCCAGE.

Il n'est de malheureux, que les cœurs detrompés.
Voltaire. Trag. de Merop.

SONETO.

Em vaõ para tecer-me hum ledo engano,
Filózofo ostentozo industrias cança :
Diz-me em vaõ, que exalando-se a Esperança
Repoza na Apathia o peito humano.

O Nauta, a sossobrar no pégo insano,
Vê rir-se ao longe a cêrula Bonança,
A mente esperançoza enfrêa, amansa
Os roncõs, e as bravezas do Oceano.

Se nos Mizeros cahe da mão dos Fados
O negro Desengano, ei-los anciozos,
E á desesperaçao, e á fúria dados . . . !

Dourai-nos o-provir, ó Ceos piedozos !
Justos Ceos ! Dem se quer, Jardins sonhados
As flores da ventura aos Desditozos.

BOCCAGE.

SONETO.

A' MEMÓRIA DE ARMIA.

Quando meu coração de Amor vivia,
(Uiana a liberdade em ver-se escrava)
E quando para mim se variava
O Ceo n'hum rizo, o Ceo n'hum ai de Armia:

Das escuras Irmaãs a mais sombria,
E que mais com seu pêzo o mundo agrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia !

Naõ mais, Dor, Fado meu ; Dor, meu costume !
 Cedo a paz gozarei, que o peito anhela,
 Nos olhos do meu Bem, do Ceo ja lume !

Junto á Ninfa immortal na estancia bella,
 Os dias perennaes, que vive hum Nume,
 Irei (Nume em ser seu) viver com ella.

BOCCAGE.

 ODE

AO GRANDE MARQUEZ DE POMBAL.

STROPHE I.

Naõ o vil interesse d'oiro, ou prata ;
 Naõ a esperanza de honras,
 A minha vos levantaõ ; nem da Plebe,
 De subitas catastrophes amiga,
 As tumultuozas ondas me arrebatãõ :
 He só, he só a gloria
 E o amor da virtude quem me inflama.

2.

Debalde os mares tumidos có vento
 Que brama, e ronca ao longe
 Tentaõ com furia horrenda a immovel rocha
 Que o grosso rolo d'agua estala, e quebra
 Sobre o fixo cachopo alcantilado
 Em vaõ no ar saltando
 Em crespa, e branca espuma cahe desfeito.

3.

Magnanimo Marquez tu com sereno
 Intrepido semblante
 Encarando a fortuna rugir ouves
 Da ingratakaõ o monstro abominavel ;
 Tu com placido espirito olhas cercado
 De imposturas, e affrontas,
 Satiras vis de petulantes Momos.

4.

Assim o sabio Socrates constante,
No meio dos algoses,
Não perde a cor ; com animo tranquillo,
Empunha, e bebe a taça do veneno :
Assim taobem o grande Belizario
Vê sem torcer o rosto
Nas inimigas mãos luzir o ferro.

5.

Vós de quem conta o mundo heroicos feitos,
Vós Gregos, vós Romanos
Alçai das campas as mirradas frentes ;
Vós premios dizeis, dizeis, que palmas,
Que coroas triumphais vos deo a Patria,
Que em venenos em ferros
Em exilios crueis não transtornasse ?

6.

Rasgai o veo, que os vossos olhos venda,
Alienados Luzos !
Quem deo a mão á Lizia que jazia
Em pó, e crespo famo sepultada !
Quem a mascara rompeo da Hipocrizia !
Quem sacou d'entre as trevas
A ley do dia, as Artes, e as Sciencias ?

7.

Entre loiros, e palmas quantas vezes
Seu nome ao Ceo levastes !
Eu mesmo, eu mesmo vi luzente nuvem
De alvos hymnos fender, toldar os ares !
No concavo das tubas, Sonorozas
Ainda os ecos duraõ
Ainda alvejaõ famosos obeliscos.

8.

Aves nocturnas, aves, que anciadas
Andais cós torpes bicos
Qual a branca seara devastando,
As louras messes do sagrado Pindo ;

Ide grasnar ao longe. Nestes campos
 Só doces Brogues voaõ,
 Só brancos cisnes nestas fontes bebem.

9.

Naõ se escarnece aqui do alheio vicio,
 Persuade se a virtude ;
 Canta-se hum peito forte huma alma grande ;
 Esta difficil meta ninguem toca
 Sem primeiro trilhar espinhos d'arte :
 Entaõ ao monte sobe,
 Se activo genio pela maõ o guia.

10.

Assim colhendo os loiros mas onde
 Fraco batel me levas
 Das ondas, e dos ventos impellido !
 Estes naõ saõ os mares, que eu sulcava,
 Foi-me da maõ o leme resvelado ;
 Ah torna debil barco
 Onde te mostra o rumo a fixa estrella,

11.

Pende Astrea dos Reys, saõ os Ministros
 Fieis executores
 Das supremas vontades dos Soberanos ;
 Aos nossos olhos saõ inacessiveis
 As maximas subtiz do gabinete,
 E os Principes na terra
 Ou maõs, ou bons, naõ devem ser julgados,

12.

Taobem tem manchas a triforme Deoza,
 Que as ondas prateando
 Nos torna alegre a tenebroza noite ;
 Naõ escapou dos Zoilos atrevidos
 O mesmo Author do dia luminoso ;
 Mas ladrem caens embora
 Que sempre he alva a lua, e o Sol brilhante

13.

Almas eu vejo de remorsos cheias
 Com as maõs tapando o rosto,

Confuzas esconderem-se aos meus versos ;
Com vosco falo, ó vós, ao braço ingratos
Que ás honras vos subio de alga, e lodo :
Tremei, tremei indignos,
Ouvindo a vós terrível da verdade.

De Francisco Manoel do Nascimento, não impressa
ate hoje.

THEATRO DA ILHA DA MADEIRA.

O excellente epilogo, que apresentamos aos nossos leitores, foi recitado naquelle theatro, por occasiaõ do sempre fausto e plausivel natalicio de S. A. R. o Principe Regente nosso Senhor. Elle nos foi remetido por hum dos nossos correspondentes naquella parte dos Dominios Portuguezes, sem o nome do author, que teve a modestia de occultalo ; mas o talento que elle descobre, posto que immaturo, como nos escreve aquelle amigo, he de hum felecissimo agouro na carreira das Muzas. Nos o publicamos com a mais viva satisfacão, tanto por que esperamos que elle obtenha os suffragios, taõ justamente merecidos, como pelo considerar-mos indice dos progressos que a litteratura e gosto fazem naquella ilha. O nosso patriotismo exulta, quando ouvimos, que ha na cidade do Funchal hum theatro, mantido por huma sociedade de literatos e illustres amadores, do baixo do nome de socios do Bomgosto ; onde se estuda a declamação, e se aperfeioa o talento dramatico, que tanto contribue para os progressos da civilizaçãõ.—quando ouvimos, que a tragedia, que taõ pouco se cultivava nos theatros Portuguezes, tem apparecido no da Madeira, em todo o esplendor da sua excellencia, e dignidade. Actores particulares e instruidos he so que podiaõ crear aquella escola de refinamento, e cultura, que tanto se admira nas duas capitaes do mundo civilizado. Mas nem os habitantes de Londres, nem os de Pariz possuem huma lingua taõ propria da magestade da scena, como a Portugueza ; e estamos certos, que se os benemeritos, e illustres socios do Bomgosto na ilha da Madeira con-

tinuaõ da mesmos sorte a promover aquella fonte de instrucção publica, bem depressa daraõ á patria o modello, que caracteriza as artes do Bomgosto, e aperfeiçoamento moral, e excitaraõ as muzas nacionaes a compor obras, que não façãõ envejar as dos Shakespears e dos Racines. Nos não podemos expressar melhor os nossos sentimentos de admiração e de estima por taõ digna, e esclarecida sociedade, como a do Bomgosto na ilha da Madeira, do que em publicar os progressos que ella tem feito, e vai fazendo neste ramo taõ brilhante, e necessario, á gloria nacional, á propagação das luzes, do bomgosto, e da literatura, de que ja não he pequeno annuncio o seguinte—

ELOGIO

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL.

Offerecido aos Senhores Socios do Bomgosto, e Recitado no Otavario dos annos do Mesmo Senhor em 1812. No Theatro do Bomgosto da Cidade do Funchal.

Rompendo o seio dos medonhos mares
 O valor Portuguez vagava altivo ;
 Na Europa vencedor o braço heroico
 Nas igneas costas da Africa troava.
 Já prodigios, sem conto, annuncios eraõ
 De outros maiores, que forjar deviaõ
 Da Azia orgulhoza as asperas cadêas.
 Sorrio-se entãõ o Ceo ; mais doce gloria
 Patenteou ao Luzitano Throno.
 Solitarios, incognitos Paizes
 A Regia Fantazia demandaraõ :
 Leis em vez de grillhoens, mansos costumes
 Em vez dos raios de Mavorte iroso ;
 Amor, e Paz, e delcitozas Artes
 Tinhaõ de ataviar Terrenos novos ;
 Tinha d'erguer abella Natureza
 A fronte ornada de melhores fructos,
 E gloriar-se dos cuidados do homem.
 Tal d'entre o horror, c'o luctuozo arcãõ
 De amontoados seculos surgiste
 E hum nome houveste, oh nitida Madeira.

Teu chaõ pizando a Portugueza Audacia
Julgou entrar n'hum Paraizo novo.
Mimozas Flores, Arvores sombrias,
Frescos Arroios, innocentes Aves
A's lidas suas hospedagem deraõ.
Soou a humana voz, o rude instincto
Se humilhou á razaõ; e o Sceptro Luzo
Cuidadozo polio teus bens agrestes.
Ah! de quanto disvello; e mimos quantos
Alvo tens sido, oh delectavel Ilha!
Naõ devem mais aos chefes seus a antiga
Habitaçõ do Luzitano Imperio!
Quaõ viva gratidaõ deve inspirar-te
O quadro augusto de Monarcas tantos!
A cuja sombra bem feitora e pura
Fostes crescendo em opulencia, e força;
E o que faltava de esplendor e dita
Para elevar de todo a gloria tua,
Em fim o alcanças nos faustozos tempos,
No Reino amavel de Joaõ o sexto.
Com que ternura insinuar-se deve
No seio teu este sagrado nome!
Quantas delicias deve dar-lhe o egregio
Seu natalicio venturozo Dia!
Hoje o descantaõ as Modestas Muzas;
Grata armonia em seu louvor erguendo.
Amparadas pór elle aqui dezenhaõ
Na varia scena os melindrozos quadros
Da proficua Moral: ou ja rizonhas
Trajando as leves roupas graciosas
Do commum procedor, ou ja traçando
De hum excelso Heroismo os nobres rasgos:
Esta a Bonina derradeira, e bella,
Que os institutos sociaes adorna:
Da travessa Thalia os sabios rizos,
Da sizuda Melpomene os dictames
Saõ o remate do sublime impulso,
Que os homens ajuntou, e ergueu Cidades.
Do Principe melhor cumpria aos Fados
Dar-te o mor brilho, avantajar-te em tudo
Oh nobre, oh linda, oh candida Madeira.
D'elle mimoza os Paternais Carinhos
No seio acolhe, e agradecida exulta.
Arrebatada em jubilos festeja.
O memoravel Dia magestozo,
Que trouxe ao Mundo a ja perdida imagem
Do famoso Trajano, o Rio, o Justo

Magnanimo Joaõ, á quem o Sceptro
 Buscar devêra na choupana humilde.
 A singella Virtude, o meigo Affago
 No Regio coração azillo houverão.
 Nos vastos Reinos, que affortuna, e manda,
 Quizêra ver a curva vassalagem,
 O vergonhozo, timido Respeito
 Tornado em simples, filial ternura.
 O bem dos Povos seus hé taõ somente
 O seu prazer, sua paixãõ, e gloria.
 Hum benefico rizo, e avoz ingenua
 Da saã verdade nos seus labios vôa.
 Pouzãõ-lhe n'alma as maximas austeras
 Dos Antoninos, dos Catoens, dos Titos.
 Do supremo poder tomando as redeas
 As Leis acata, e á rispidoos deveres
 Os puros dias fervorozo dobra.
 Entre as mil illuzoens da pompa, e sceptro
 O melhor dos Mortais intacto brilha.
 Do immenso poderio apenas goza
 Pelo affecto qu'inspira, e bens qu'espalha.
 Tal foi o Dom, que n'este dia excelso
 Generozo orvalhou o Ceo benigno.
 Deu hum Modello aos arbitros das gentes,
 Deu aos Povos hum Pay, á terra hum numen.

FEITO

Por hum Portuguez, sempre Amigo do seu Prin-
 cipe, da sua Patria, e dos Homens.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Lisboa, 21 de Septembro de 1813.

Huma pessoa, que sem fumos de literato, seja com
 tudo mediocrementemente versado na lição dos melhores au-
 thores Latinos, e Gregos, e que tenha tambem lido
 nos originaes, ou em boas traducçoens, algumas das
 melhores obras, que tem produzido a Italia, a França,
 a Inglaterra, e Alemanha; quando volta para caza, e
 para a nossa literatura, pasma de ver o grande numero

de authores Portuguezes, que nos chamamos classicos, da maior parte dos quaes elle antes não conhecia, nem as obras, nem o nome.

O seu espanto cresce, quando reflecte, que do maior numero dos ditos authores são as ediçoens rarissimas; e por tanto carissimas: prova que se não reimprimem, e por consequencia, que não são lidos: nem pode admittir-se a desculpa—que as obras, são muito antigas; porque antigos são Camoens, Ferreira, Bernardes, Barros, Couto, &c.; e com tudo reimprimem-se, e lem-se.

O nome de *Classicos* supponho eu que foi dado nas aulas aos authores latinos, em razão da difficuldade, que fez distribuir os authores, e os estudantes em classes, conforme o seu adiantamento. Os authores Latinos, que nos restao quasi todos são dignos de se lerem; alias a falta da facilidade, que deo aos modernos a arte da Imprensa, limitava o numero dos authores entre os antigos—mas segue-se daqui por ventura, que nos devemos chamar classico Portuguez todo o livro impresso no nosso idioma? Esta authoridade negaria eu ate a hum Diccionarista, para justificar a genuinidade das palavras, que poem como Portuguezas no seu Diccionario, pois considero que entre nos ha duas seitas, huma de *Quinhentistas*, outra de *Gallo verbistas*, que se devem recuzar igualmente por textos de lingua para termos, quanto mais para fraze, e estilo.

A estas consideraçoens ajunto outra que me animou a mandar a Vm^{ca}. os dois extractos seguintes. Entre os authores, cujo merito de pureza de lingua he incontestavel, observo que o assumpto, e algum defeito no methodo são cauza de que se não possam ler seguidamente as suas obras; e por tanto não he facil que se reimprimaõ, ou se comprem por alto preço.

Seria pois hum serviço (a meu ver muito grande) que faria á Literatura Portugueza hum Jornal tão acreditado, e tão lido, como o Investigador, se publicasse de quando em quando extractos bem escolhidos de Authores Portuguezes do credito, cujas obras são raras, e de difficil leitura seguida.

Com este fim remetto a Vm^{ca}. os dois extractos seguintes do Padre Antonio Vieira: e talvez para outra occaziaõ mandarei alguns de Fr. Luiz de Souza.

I EXTRACTO.

Encomendou El Rey D. Joaõ o Terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do Estado da India por via de seu companheiro, que era Mestre do Principe : e o que o santo escreveu de la sem nomear officios, nem pessoas, foi que o verbo *Rapio* na India se conjugava por todos os modos. A fraze parece jocoza em negocio tão serio, mas fallou o servo de Deos, como falla Deos, que em huma palavra diz tudo. Nicolaõ de Lyra sobre aquellas palavras de Daniel—*Nebucadonosor Rex misit ad congregandos Satrapas, Magistratus, et Judices*: declarando a Etimologia de Satrapas, que eraõ os Governadores das provincias, diz que este nome foi composto de *Sat*, e de *Rapio*. *Dicitur Satrapæ quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorum rapere*. Chamaõ-se Satrapas, porque costumãõ roubar assaz. E este assaz he o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo que conjugaõ o verbo *Rapio* por todos os modos. O que eu posso acrescentar, pela experiencia que tenho, he, que nem só do Cabo de Boa Esperança para lá, mas tambem das partes daquem se uza igualmente a mesma conjugação. Conjugaõ por todos os modos o verbo *Rapio*, porque furtaõ por todos os modos da arte, naõ fallando em outros novos, e exquisitos, que nem conheceo Donato, nem Despauterio. Tanto que la chegaõ começaõ a furtaõ pelo modo Indicativo; porque a primeira informação que pedem aos praticos, he que lhe apontem, e mostrem os caminhos, por onde podem abarcar tudo. Furtaõ pelo modo Imperativo: porque como tem o mero, e mixto imperio, todo elle applicaõ despoticamente ás execuçoens na rapina. Furtaõ pelo modo Mandativo, porque aceitaõ quanto lhes mandaõ, e para que mandem, todos os que nam mandaõ, nam saõ aceitos. Furtaõ pelo modo optativo; porque dezejaõ quanto lhes parece bem; e gabando as coizas dezejadas aos donos dellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtaõ pelo modo conjunctivo; porque ajuntaõ o seu pouco cabedal com o daquelles, que manejaõ, e basta só que ajuntem a sua graça, para se-

rem quando menos meyeiros na ganancia. Furtaõ pelo modo Potencial ; porque sem pretexto, nem ceremonia uzaõ de potencia. Furtaõ pelo modo Permissivo ; porque permittem, que outros furtem, e estes compraõ as permissõens. Furtaõ pelo modo Infinitivo ; porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixaõ raizes, em que se vam continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas : porque a primeira pessoa do verbo he a sua ; as segundas os seos criados, e as terceiras, quantas para isso tem industria, e consciencia. Furtaõ juntamente por-todos os tempos ; porque do presente (que he o seu tempo) colhem quanto dá de sy o triennio : e para incluirem no presente o preterito, e futuro ; do preterito desenterraõ crimes, de que vendem os perdoens, e dividas esquecidas, de que se pagaõ inteiramente : e do futuro empenhaõ as rendas, e anticipaõ os contratos, com que tudo o cahido, e nam cahido lhe vem a cahir nas maõs. Finalmente nos mesmos tempos nam lhe escapaõ os Imperfeitos, Perfeitos, Plusquam-Perfeitos, e quaesquer outros : porque furtam, furtáram, furtavam, furtariam, e haveriaõ de furtar mais, se mais ouvesse. Em summa, que o rezumo de toda esta rapante conjugaçã vem a ser o supino do mesmo verbo : a furtar, para furtar—E quando elles tem conjugado assim toda a voz activa, e as miseraveis Provincias soportando toda a passiva ; elles como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos, e ricos ; e ellas ficam roubadas, e consumidas.

He certo que os Reys não querem isto, antes mandam em seos regimentos tudo o contrario : mas como as Patentes se daõ aos Grammaticos destas conjugaçõens tam peritos, ou tam cadimos nellas, que outros effeitos se podem esperar dos seos Governos ? Cada Patente destas em propria significaçã vem a ser huma licença geral *in scriptis*, ou hum Passaporte para furtar. Em Holanda, onde ha tantos armadores de Corsarios, repartem-se as Costas da Africa, da Azia, e da America com tempo limitado, e nenhum pode saber a roubar sem Passaporte, a que chamaõ carta de Marca. Isto mesmo valem as Provizoens, quando se dam aos que eraõ mais dignos da Marca, que da carta. Por

mar padecem os moradores das conquistas a pirataria dos Corsarios estrangeiros, que he contingente: na terra soportao a dos naturaes, que he certa, e infallivel. E se alguem duvida qual seja maior, note a differença de huns a outros. O pirata do mar nam rouba aos da sua Republica; os da terra roubaõ os vassallos do mesmo Rey, em cujas maõs juráram homenagem: do Corsario do mar posso-me defender; aos da terra não posso resistir: o Corsario do mar depende de ventos; os da terra sempre tem por si a monçã: em fim o Corsario do mar pode o que pode; os da terra podem o que querem; e por isso nenhuma preza lhe escapa. Se ouvesse hum ladraõ omnipotente, que vos parece que faria a cobiça junta com a omnipotencia? Pois isso he o que fazem estes Corsarios.

EXTRACTO II.

Cuidavaõ, e diziaõ os Sabios antigos, que em diferentes Ilhas do mundo reynavaõ diferentes Deidades; que em Creta reynava Jupiter, que em Delos reynava Apollo; que em Samo reynava Juno; que em Chypre reynava Venus, e assim das outras. Se o Imperio da Mentira não fora tão universal no mundo; podera-se suspeitar, que nesta nossa Ilha tinha a Sua Corte a Mentira. Todas as terras assim como tem particulares estrellas, que naturalmente predominã sobre ellas; assim padecem tambem diferentes vicios, a que geralmente são sujeitas. Fingiraõ a este proposito os Alemaens huma galante fabula. Dizem, que quando o Diabo Cahio do Ceo, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharã em diversas Provincias da Europa, onde ficãõ os vicios, que nellas reynaõ. Dizem, que a cabeça do Diabo Cahio em Hespanha; e que por isso somos fumozos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem, que o peito cahio em Italia; e que daqui lhes veio serem fabricantes de machinas, não se darem a entender, e trazerem o coração sempre cuberto. Dizem, que o ventre cahio em Alemanha, e que esta he a cauza de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a meza, e com a taça. Di-

zem, que os pez cahiraõ em França, e que daqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, e amigos de bayles. Dizem, que os braços com as maons e unhas crecidas, hum calho em Hollanda, outro em Argel; e que dahi lhes veyo (ou nos veyo) o serem corsarios. Esta he a substancia do Apologo, nem mal formado, nem mal repartido: porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem com tudo a semelhança de verdade que basta para dar á Satyra. E supposto a Hespanha lhe coube a cabeça; cuido eu que a parte della que nos toca ao nosso Portugal, he a lingua: ao menos assim o entendem as Naçoens estrangeiras, que de mais perto nos trataõ. Os vicios da lingua são tantos que fez Drexelio hum Abecedario inteiro, e muito copiozo delles. E se as letras deste Abecedario se repartissem pelos Estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso M...? * Não ha duvida, que o M. M—— M. murmurar, M. motejar, M. maldizer, M. malsinar, M. mixericar, é sobre tudo M. mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos, e por todos os modos aqui se mente. Novellas, e Novellos são as duas moedas correntes desta terra: mas tem huma differença, que as Novellas armaõ-se sobre nada, e os Novellos armaõ-se sobre muito, para tudo ser moeda falsa.

Na B—— que he a cabeça desta nossa Provincia do B. acontece algumas vezes o que no M. quasi todos os dias. A manhece o Sol muito claro, promettendo hum fermozo dia, e dentro em huma hora se tolda o Ceo de nuvens, e começa a chover como no mais entranhado inverno. Succedeo-lhe hum cazo como este a Dom Fábrique de Toledo, quando veyo restaurar a B. no anno de mil seis centos e vinte cinco. E tendo toda a gente da Armada em campo para lhe passar mostra, admirado da inconstancia do clima, disse: En el B. hasta los cielos mienten. Não sey se he isto descredito, se desculpa. Que mais pode fazer hum homem, que ser tam bom como o ceo da terra, em que vive?

* Para a mostra do estilo, e da linguagem do P. A. Vieira paremos muito escuzado o nome das Cidades a que elle dirige a sua censura; e assim evitaremos que se nos faça alguma.—Os Redactores.

Outra terra ha na Europa, na qual eu estive ha poucos annos, em que se experimentaõ cada dia as mesmas mudanças, pelas quaes Galeno não quiz curar nella; porem alli ha outra razaõ; porque como a terra tem jurdição sobre o Ceo; segue o Ceo ás influencias da terra. Mas o que se disse do Brazil por galantaria se pode affirmar do M. com toda a verdade. He experiencia inaudita a que agora direy, e não sey, que fé lhe daraõ os Mathematicos, que estão mais longe da Linha. Quer pezar o Sol hum Piloto nesta Cidade, onde estamos, e não nõ porto onde está surto o seu navio, senaõ com os pez em terra, toma o Astrolabio na mão com toda a quietação, e segurança. E que lhe acontece? Couza prodigioza! Hum dia acha que está o M. em hum grão; outro dia em meyo; outro dia, em dous; outro dia, em nenhum. E esta he a cauza por que os Pilotos, que nao são praticos nesta Costa, areaõ, e se tem perdido tantos nella. De maneira, que o Sol, que em toda a parte he a regra certa, e infallivel, por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas, em chegando á terra do M. ate elle mente. E terra onde ate o Sol mente; vede, que verdade fallaraõ aquelles, sobre cujas cabeças, e coraçõens elle influe. Acontece lhe aqui, aos moradores o mesmo que aos Pilotos, que nenhum sabe em que altura esta. Cuida o homem nobre hoje que está em altura de honrado, e á manhaã achase-se infamádo, e envilecido. Cuida a donzella recolhida, que está em altura de virtuosa, e á manhaã acha-se murmurada pelas praças. Cuida o Ecclesiastico, que está em altura de bom Sacerdote, e á manhaã acha-se com reputação máo de homem. Em fim hum dia estais aqui em huma altura, e ao outro dia n'outra, porque os labios são como o Astrolabio. He isto assim? A vos mesmos o ouço, que eu não o advinhey. Vede, se he certa a minha verdade, que não há verdade no M——.

SCIENCIAS.

CONTINUAÇÃO

Dos Extractos dos Elementos de Chimica concernente á Agricultura, &c. &c. &c. Por Sir Humphrey Davy.

Continuados de pag. 586 do Volume VII.

CERA.

A cera acha-se em muitos vegetaes; obtem-se em abundancia das bagas da Murta (*Myrica cerifera*); pode tambem ser extrahida das folhas de muitas arvores; no seo estado puro he branca. A sua gravidade especifica he 9,662; derrete-se no calor de 155.; he dissolvida por alcohol fervendo, mas não frio; he insolavel n'agoa; as suas propriedades como hum corpo combustivel são bem sabidas.—A cera do reino vegetal he precisamente semelhante á que achamos nas colmeas. Segundo as experiencias de M. M. Gay Lussac e Thenard, 100 partes de cera constaõ de carvão 81,784 — de oxygenio 5,544—de hydrogenio 12,672.

OLEOS FIXOS.

O Oleo fixo obtem-se expremendo-se as sementes, e frutas das plantas; a azeitona, a amendoa, as sementes do linho, e o nabo *bravo* (*napus Rapa*) produzem os oleos fixos vegetaes mais communs; as suas propriedades são assas notorias. A sua gravidade especifica he menor, que a da agoa; a do oleo da azeitona, e sementes de nabo he 913; a das sementes

do linho, e amendoa 932; a do oleo da palmeira 968; e finalmente a do oleo da noz, e bolota da faia 923. Muitos dos oleos fixos gelaõ em hum grão de calor inferior, ao que a agoa necessita para chegar a este estado; e para evaporar necessitaõ de hum mais elevado, do que a agoa requer. Os productos da combustaõ dos oleos são—agoa, e gas acido carbonico.—Cem partes de azeite doce, conforme Gay Lussac, e Thenard, contem de carvão 77,213, — de oxygenio 9,427—de hydrogenio 13,360.—A lista seguinte representa todas as especies de oleos fixos, e das arvores, que os produzem.—Oleo de azeitona, da arvore Oliveira (*Olea Europea*) oleo das sementes do linho commum (*linum usitatissimum, et perenne*) oleo da Avelam (*coryllas avellana*) da Noz (*Juglans regia*) oleo de linho canamo (*cannabis sativa*) oleo da amendoa doce (*Amygdalus communis*) oleo da Faia (*Fagus sylvatica*) oleo de nabo bravo (*Brassica napus e campustris*) oleo de Papoulas (*Papaver somniferum*) oleo de Gergelim (*Sesamum orientale*) oleo de pepino, e abobora (*cucurbita pepo a malapepo*) oleo de mustarda (*Sinapis nigra, et arvensis*) oleo de Giraasol (*Heliantus annuus et perennis*) oleo de palma christi (*Ricinus communis*) oleo das sementes do Tabaco (*Nicotiana tabacum et rustica*) oleo do miolo da ameixa (*Prunus domestica*) oleo dos bagulhos (*vitis vinifera*) manteiga de cacão (*Theobroma cacao*) oleo de Loureiro (*Laurus nobilis*)—os oleos fixos são substancias muito nutrientes; são de grande importancia na sua applicaõ para os usos da vida: no estado de combinaçaõ formão a melhor sorte de sabaõ duro, são usados extensamente nas artes mecanicas, e na preparaçaõ de cores e vernizes.

OLEOS VOLATEIS.

Oleos volateis ou *essencias* differem dos fixos em poderem evaporar em hum grão de calor muito menor, em serem soluveis em alconol, e mui pouco n'agoa—Muitos dos oleos volateis distinguem-se pelo seo cheiro, gosto, gravidade especifica, e outras qualidades sensiveis. Com tudo podemos considerar hum

cheiro peculiar e forte como o caracteristico principal de cada especie ; inflammaõ-se com maior facilidade, que os fixos, e produzem neste processo as mesmas substancias i. e. agoa, acido carbonico, e carvaõ. O cheiro particular das plantas parece em quasi todos os casos depender de certos oleos volateis, que ellas contem. Todas as agoas de cheiro distilladas devem as suas propriedades particulares aos oleos volateis, que tem em soluçãõ. Por meio da uniaõ dos oleos aromaticos a fragrançia das flores, que naturalmente he taõ fugitiva, fica, para assim dizer, encorporada, e permanente.

CARVAÕ.

A taboada seguinte contem os resultados das experiencias de M. Mushot relativamente á quantidade de carvaõ produzida por differentes madeiras. 100 partes de—

| | | | |
|--------------------|------|---------------------|------|
| Lignum vitæ | 26,8 | Faja | 19,4 |
| Mahogani Suretenia | 25,4 | Bordo Americano | 19,9 |
| Laburnum | 24,5 | Olmo | 19,5 |
| Castanheiro | 23,2 | Pinheiro de Noruega | 19,2 |
| Caryalho | 22,6 | | |

ACIDOS.

Os acidos do reino vegetal são numerosos ; os verdadeiros acidos vegetaes, que existem ja formados nos succos, ou orgaos das plantas, são o oxalico, o citrico, o tartarico, o benzoico, acetico, malico, e prussico ; crystallizaõ se, e a cor dos seus cristaes he branca ; ao contrario o acetico, malico, e prussico tem-se obtido meramente em estado fluido ; todos são mais ou menos soluveis n'agoa, tem hum sabor azedo, excepto os acidos galhico, e prussico ; o primeiro destes tem hum gosto adstringente, e o segundo tem hum sabor semelhante ao da amendoa amarga. O acido oxalico acha-se, sem estar combinado, no liquido que escorre da ervilha (*cicer arietinum*), pode-se ex-

trahir da herva azedas (*oxalis acetosella*) e todas as outras especies de *Rumex*; juntamente do *Geranium acidum*. O acido oxalico descobre-se, e distingue-se facilmente dos outros acidos pela sua propriedade de decompor todos os saes calcareos, e formar com a cal hum sal insolúvel n'agoa; e alem disso por crystallizar na forma de prismas quadrilateros. O acido citrico he o acido particular do succo dos limoens, e laranjas. Pode-se tambem obter das bagas da murta commum, do *Vaccinium oxycoccus*, e do fruto da sylvia macha*. Este acido he distinguido por formar com a cal hum sal insolúvel n'agoa, e capaz de ser decomposto pelos acidos mineraes. Podemos extrahir o acido tartarico do succo das amoras, e uvas, e juntamente da polpa do tamarindo. He caracterizado pela propriedade, que possui, de formar com a potassa hum sal difficulosamente soluvel n'agoa, e com a cal hum sal insolúvel capaz de ser decomposto pelos acidos mineraes. O acido benzoico tira-se de varias substancias resinosas por meio da distillação, taes como o benjoim, estoraque, e o balsamo de Folu. O seu cheiro aromatico, e a sua grande volatilidade o distinguem de todos os outros acidos. O acido malico obtem-se do succo das maçãs, ameixas, fruto da pertileira, bagas do sabugueiro, uvas de corintho, morangos, e amoras do *Rubus Idaeus*. Forma com a cal hum sal soluvel, e esta propriedade o distingue dos acidos acima mencionados. Acido acetico ou vinagre pode-se extrahir do succo de diferentes arvores. Distingue-se do acido malico pelo seu cheiro particular, e dos mais acidos vegetaes por formar com os alkalis, e terras saes, que se podem dissolver. O acido galbico obtem-se aquecendo-se o pó de galhas em hum fogo brando, e gradual, e recebendo-se a materia volatil em hum vaso frio. Observar-se-hão ao depois cristaes brancos, os quaes tem a propriedade caracteristica de darem huma cor de purpura escura ás soluçoens de ferro. O acido prussico vegetal he extrahido por distillação das folhas de louro, da polpa de pecego, da cereja, e da

* Não temos certeza de que esta seja a verdadeira intelligencia das palavras—*Granberry*, *Wortleberry*, e *Hip*.

amendoa amarga. A sua propriedade essencial he aquella de que, quando se mistura com huma pequena quantidade d'alkali, e se lança em soluçoens de ferro, forma hum precipitado verde atirando á azul. He muito analogo nas suas propriedades ao acido prussico derivado das substancias animaes, ou ao que se obtem, passando o ammoniaco sobre o carvão quente; com a excepção porem, que este ultimo forma com oxido vermelho de ferro huma substancia de cor azul ferrete—chamada “*azul Prussiano*.” — Alem destes tem-se achado mais dois acidos vegetaes nos productos das plantas; i. e. o acido *morolyxico* na substancia salina que escorre da amoreira branca, e o acido *quinico* em hum sal, que he fornecido pela Casca Peruviana; porem estes acidos tem meramente sido descobertos nestas substancias.—O acido phosphorico acha-se em estado simples na cebola; e os acidos phosphorico, sulphurico, muriatico, e nitrico existem em muitos compostos salinos no reino vegetal; porem não se podem propriamente classificar em o numero dos productos vegetaes. Alguns acidos são produzidos pela combustão de substancias vegetaes, e pela acção, que o acido nitrico tem sobre estas; os resultados destes processos são, acido canforico, acido mucoso ou saccharico, e o acido suberico; o primeiro he derivado da canfora; o segundo da gomma ou mucilagem; e o terceiro da cortiça pela acção do acido nitrico.

OXIDOS METALLICOS.

Os unicos oxidos metallicos, que se achão nas plantas são os de ferro, e manganesia: descobrem-se nas cinzas das plantas, e unicamente em mui pequena quantidade. Quando as cinzas tem huma cor escura atirando a vermelho he signal, que ha grande porção d'oxido de ferro, quando porem são negras ou purpuras contem oxido de manganesia; e participando d'ambas as cores segue-se, que nellas existem as duas substancias.

Analyse de Ervilhas.

| 3840 partes de | Partes |
|-------------------------------------------------------------------------|--------|
| Ervilhas maduras produzem, de amido | 1265 |
| Materia fibrosa analoga á amido com as cascas das ervilhas | 840 |
| Huma substancia analoga á gluten | 550 |
| Mucilagem | 249 |
| Materia sacarina | 81 |
| Albumen | 66 |
| Materia volatil | 540 |
| Phosphatos terreos | 11 |
| Perda | 299 |

Analyse de casca de carvalho.

1000 partes de casca de carvalho secca tirada de huma
arvore pequena privada da epiderme, contem

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| De fibra lignea | 876 |
| —tannino | 57 |
| —extracto | 31 |
| —mucilagem | 18 |
| —materia que durante a evaporação se torna insolúvel provavelmente huma mistura de Albumen, e extracto | 9 |
| —perda em parte materia salina | 30 |

LEIS CHIMICAS.

M. M. Gay Lussac, e Thenard, tem deduzido tres proposições, as quaes elles tem chamado *leis*, das suas experiencias em substancias vegetaes. A primeira he, “ que huma substancia vegetal he sempre acida, quando a porção de oxygenio combinada com o hydrogenio he maior, do que a que existe n’agoa.” A segunda he “ que huma substancia vegetal he sempre resinosa, ou oleosa, ou espirituosa, quando ao contrario a quantidade do oxygenio em estado de combinação com o hydrogenio he menor, do que a que existe n’agoa.” A terceira he “ que huma substancia vegetal não he acida, ou resinosa, mas sim sacarina ou mucilaginoso, ou analogo á fibra lignea ou amido,

quando as porções de oxygenio, e hydrogenio são iguaes, ás que existem n'agoa.

BATATAS.

Huma grande quantidade de amido, albumen, e mucilagem acha-se frequentemente depositada nas raizes bulbosas, e mesmo nas raizes communs; e estas substancias existem na maior abundancia, quando o succo tem cessado de escorrer, e de dar nutrimento aos renovos brotados na primavera. A batata he a raiz, que contem nas suas cellulas e vasos a maior quantidade de materia solavel; e o seu uso como alimento he muito importante. As batatas em geral produzem de $\frac{2}{3}$ ate $\frac{1}{2}$ parte do seu pezo de amido secco. De 100 partes de batata chamada em Inglez *Kidney* o Dr. Pearson obteve de 23 ate 28 partes de farinha, as quaes continhão de 20 a 23 de amido e mucilagem: e 100 partes de batata por nome *apple potatoe* achei dis Mr. Davy, em varias experiencias produzir de 18 a 20 partes d'amido puro. De cinco libras da variedade chamada *Captain Hart*, M. Skrimshire, jun. obteve 12 onças d'amido; da mesma quantidade da batata *rough red*, 10 onças e meia; da batata *Moulton white* 11 onças e tres quartos da batata *York-hire kidney*—10 onças e 3 quartos, da *Hundred eyes*—9 onças—da *Purple red*—8 onças e meia, da *ox noble*—8 onças e 1 quarto. As outras substancias soluveis da batata são o albumen, e mucilagem.

Segundo a analyse de Einhoff 7680 partes de batatas produzem:

| | |
|----------------------------------------------------------|-------|
| De amido | 1153 |
| — materia analoga á amido | 540 |
| — albumen | 107 |
| — mucilagem no estado de huma soluçãõ saturada | 312 |
| | <hr/> |
| | 2112 |
| | <hr/> |

Destes resultados podemos concluir que pelo menos a quarta parte do pezo da batata he materia nutritiva.

NABOS, &c.

Nabos, cenouras, e cenouras brancas produzem principalmente materia sacarina, mucilaginoso, e extractiva. Eu obtive diz Mr. Davy de 1000 partes de nabos, 7 partes de mucilagem, 34 de materia sacarina, e huma parte de albumen, 1000 partes de cenouras renderão 95 partes de assucar, 3 partes de mucilagem, e meia parte de extracto ; 1000 partes de cenouras brancas deraõ 90 partes de materia sacarina, e 9 partes de mucilagem ; 1000 partes das censuras de *Walcheren* produzirão 98 partes de assucar, 2 partes de mucilagem, e 1 de extracto.

FRUTAS.

As frutas na organizaçãõ das suas partes molles, aproximaõ-se á natureza das raizes bulbosas. Ellas contem huma certa quantidade de nutrimento accumulado nas suas cellulas para o uso dos seos embriões ; mucilagem, assucar, e amido achaõ-se em muitas dellas frequentemente em estado de combinaçãõ com acidos vegetaes. Quasi todas as arvores de fruto na Gram Bretanha tem sido naturalizadas em consequencia da materia sacarina, que possuem, a qual unida com os acidos vegetaes e mucilagem faz, com que ellas sejaõ não só agradaveis ao paladar, mas ao mesmo tempo nutrientes. Podemos avaliar quaes são as melhores frutas para a manufactura dos liquores fermentadas pela gravidade relativa dos succos, que dellas se espremem. A melhor bebida, que se obtem das macanãs, e peras, he produzida por aquellas, cujos succos são os mais densos ; e podemos fazer huma comparaçãõ toleravelmente exacta quanto a bondade das differentes frutas, lançando-as juntamente em huma soluçãõ de sal saturada, ou huma soluçãõ forte de assucar ; aquellas, que descerem mais ao fundo, indicarão conter o mais excellente succo.

GRAÃO.

As sementes e graões, que usamos como alimento, constaõ principalmente de amido, ou mucilagem coagulada, as quaes em geral estaõ combinadas com gluten, oleo, ou materia albuminosa. No trigo com o gluten; nas ervilhas e favas com materia albuminosa; nas sementes do nabo bravo, sementes do linho commum, e canamo, e nos miolos de quasi todos os caroços, com oleos. Eu tenho obtido de 100 partes de trigo de hum graõ perfeito, e boa qualidade semeado no outono—de amido 77—de gluten 19; — de 100 partes de trigo semeado na primavera—de amido 70—de gluten 24; de 100 partes de trigo de Barbaria—de amido 74—de gluten 23; de 100 partes de trigo da Sicilia—de amido 75—de gluten 21. Eu tenho examinado differentes amostras de trigo da America do Norte, e todas estas continhaõ mais gluten, que o trigo produzido na Gram Bretanha. Em geral o trigo dos paizes quentes abunda mais em gluten, e em partes insolueis; he de huma maior gravidade especifica, mais duro, e mais difficultoso de moer-se. O trigo do sul da Europa em consequencia de possuir a maior quantidade de gluten he particularmente appropriado para fazer macarroens, e outras preparaçoens de farinha, em que a qualidade glutinosa se considera excellente. Em humas experiencias feitas com cevada, eu obtive de 100 partes de boa cevada de *Norfolk*—de amido 79—de gluten 6—de folhelhos 8—as sete partes restantes foraõ materia sacarina.

Einhoff tem publicado huma analyse muito exacta da farinha de cevada. Elle achou em 3840 partes.

| | |
|-----------------------------------------------|-----|
| De materia volatil | 360 |
| —albumen | 44 |
| —materia sacarina | 200 |
| —mucilagem | 176 |
| —phosphato de cal com algum albumen | 9 |
| —gluten | 135 |
| —folhelho com algum gluten e amido | 260 |

| | | |
|-------------------------------------|---|------|
| De amido com huma pequena porção de | } | 2580 |
| gluten | | |
| —perda | | 79 |

O mesmo chimico achou em 3840 partes de centeyo, 2520 partes de farinha, 930 de folhelho, e 390 de humidade; e a mesma quantidade farinha sendo analysada produzio—

| | |
|-----------------------------|------|
| De amido | 2345 |
| —albumen | 126 |
| —mucilagem | 426 |
| —materia sacarina | 126 |
| —gluten humido | 364 |

O resto folhelho e perda.

Eu obtive de 1000 partes de centeyo produzido em Suffolk—de amido 61 partes e de gluten 5;—de 100 partes de avea, de Sussex—de amido 59—de gluten 6—e de materia sacarina 2. Tambem em 1000 partes de ervilhas de Norfolk, achei 501 partes de amido, 22 de materia sacarina, 35 de materia albuminosa, e 16 de extracto, o qual tornou-se insolavel durante a evaporação do fluido sacarino. Eiphoff extrahio de 3840 partes de favas da especie (*vicia faba*) de amido 1312,—de albumen 31—de outras materias, que se podem julgar nutrientes, taes como materia gummoza, amidea, e materia fibroza analoga á materia animal, 1204. A mesma quantidade de feijoens (*Phaseolus vulgaris*) produzio de materia semelhante á amido 1805,—de albumen, e materia de natureza quasi analoga á substancia animal 851—de mucilagem 799. De 3840 partes de lentilhas Einhoff alcançou 1260 partes d'amido, e 1433 de huma materia semelhante á materia animal, a qual este chimico descreve ser huma substancia viscosa, insolavel n'agoa, quando secca solavel em alcohol, de huma cor semelhante á da cola, e que talvez seja huma modificação particular do gluten. Bucholz obteve de 16 partes de sementes de linho canamo 3 partes d'oleo,— $3\frac{1}{2}$ de albumen,

perto de $1\frac{1}{4}$ de materia gummoza, e sacarina. Os folhelhos insolúveis das sementes pesarão $6\frac{1}{4}$ partes,

FLORES.

Differentes partes das flores contém diversas substancias: Fourcroy e Vanquelin acharaõ, que o pollen da tamareira continha huma materia analogá ao gluten, e hum extracto solúvel, no qual havia grande quantidade d'acido malico. Link descobrio no pollen da aveleira muito tannino, e gluten.—O nectario das flores tem materia sacarina, e os insectos maiores attrahidos por esta introduzem-se nas ditas flores, o que faz com que a impregnação venha a ser mais infallivel; visto que o pollen por este meio he frequentemente applicado ao estigma; e isto particularmente acontece, quando os orgaos femeninos, e masculinos estão situados em differentes flores, ou plantas. Alguns tem proposto, que a fragrançia das flores de pende dos oleos volateis, que estas contem, e que estes oleos pela sua continua evaporação cercaõ a flor com huma especie de atmosfera odorifera; a qual ao mesmo tempo, que ingoda os maiores insectos he provavel, que defenda as partes da fructificação dos estragos dos insectos mais pequenos. Os oleos volateis ou substancias odoríferas parecem ser particularmente destructivas destes pequenos insectos e animalijos, que se sustentão da substancia vegetal; milhares d'*aphidas* vem-se frequentemente no talo e folhas da roseira, mas nunca na flor. Os naturalistas uzaõ de canfora para conservar as suas colleções: as madeiras, que contem oleos aromaticos, são notaveis pela sua duração, e por não serem carcomidas; o que se observa particularmente no cedro, no páo de rosa (*Amyris balsamifera*) e no cypreste; deste ultimo foraõ feitas as portas de Constantinopla, as quaes conservaraõ-se em estado perfeito desde o tempo de Constantino até ao do Papa Eugenio quarto—periodo este não menos de 1100 annos.—Os petalos das flores produzem materia sacarina e mucilaginosa. Do lilio branco se obtem mucilagem em grande quantidade, e do lilio amarello mucilagem e assucar; os petalos do *convolvulus* daõ assu-

car, mucilagem, e materia albuminosa.—Não se tem ainda feito observaçoens mui exactas quanto á natureza da *materia corante* das flores: estas materias corantes são geralmente muito transitorias, particularmente as uzuaes, e vermelhas; os alkalis mudaõ para verde, e os acidos para vermelho as cores da maior parte dos vegetaes. Podemos fazer huma imitação da materia corante digirindo soluçoens de galhas com a cal; obtem-se hum liquido verde, o qual torna-se vermelho pela acção de hum acido, e de novo recobra a sua côr verde lançando-se alkalis na mistura.—As materias corantes amarellas são as mais permanentes; o *carthamo* contem huma materia corante amarella, e vermelha; a amarella he facilmente dissolvida n'agoa, e da vermelha se prepara rebique por hum processo occulto.

NUTRIÇÃO.

A taboada seguinte contem huma relação da quantidade das materias solveis ou nutritivas contidas nas differentes substancias, de que temos tratado, e de algumas outras, de que nos servimos para o nosso sustento, ou do gado. As analyses, diz Mr. Davy, são minhas: e foraõ feitas não com intenção de descobrir a intima composição chimica dos productos, mas sim a sua natureza geral e a sua quantidade. As materias solveis extrahidas das ervas, excepto aquella produzido do *fiorin* cortado no inverno, foraõ obtidas por M. Sinclair, (jardineiro do Duque de Bedford), de pesos iguaes d'ervas, as quaes foraõ cortadas quando as sementes estavaõ maduras; as ditas substancias foraõ-me remetidas por desejo de S. Excellencia para investigação chimica; e formaõ parte dos rezultados de huma importante, e extensa serie de experiencias em ervas feitas por direcção do Duque, em *Woburn Abbey*, as quaes passaremos a expor.

Taboada das quantidades das materias soluveis ou nutritivas produzidas por 1000 partes de diferentes substancias vegetaes

| Vegetaes. | Quantidade total de materia solavel ou nutritiva. | Mucilagem ou amido. | Materia sacarina ou assucar. | Gluten ou Albumen. | Extracto ou materia que se torna insolavel durante a evaporaçao. |
|-------------------------------------|---------------------------------------------------|---------------------|------------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------|
| Trigo de Middlesex | 955 | 765 | | 190 | |
| Trigo de primavera | 940 | 700 | | 240 | |
| Trigo mangrado | 210 | 178 | | 32 | |
| Trigo alforrado | 650 | 520 | | 130 | |
| Trigo da Sicilia | 956 | 725 | | 250 | |
| Trigo da Sicilia | 961 | 722 | | 439 | |
| Trigo da Polonia | 950 | 750 | | 200 | |
| Trigo do Norte d'America | 955 | 730 | | 225 | |
| Cevada de Norfolk | 920 | 790 | 70 | 60 | |
| Avea d'Escocia | 743 | 641 | 15 | 87 | |
| Centeo de Yorkshire | 792 | 645 | 38 | 109 | |
| Fava commum | 570 | 426 | | 103 | 41 |
| Ervilhas seccas | 574 | 501 | 22 | 35 | 16 |
| Batatas | { de 260 até 200 | { de 200 até 155 | { de 20 até 15 | { de 40 até 30 | |
| Linseed Cake* | 151 | 123 | 11 | 17 | |
| Acelgas vermelhas | 148 | 114 | 121 | 13 | |
| Acelgas brancas | 126 | 13 | 119 | 4 | |
| Cenouras brancas | 99 | 9 | 90 | | |
| Cenouras | 98 | 3 | 95 | | |
| Nabos | 42 | 7 | 34 | 1 | |
| Nabos da Suecia | 64 | 9 | 51 | 2 | 2 |
| Couve | 73 | 41 | 24 | 8 | |
| Trevo de folha larga | 39 | 31 | 3 | 2 | 3 |
| Trevo de raiz comprida | 39 | 30 | 4 | 3 | 2 |
| Trevo branco | 32 | 29 | 1 | 3 | 5 |
| Sainfoin† | 39 | 28 | 2 | 3 | 6 |
| Lucerne‡ | 23 | 18 | 1 | | 4 |
| Meadow Fox-tail Grass§ | 33 | 24 | 3 | | 6 |
| Perennial Rye | 39 | 26 | 4 | | 5 |
| Fertile Meadow ¶ | 72 | 65 | 6 | | 7 |
| Roughish Meadow ¶¶ | 39 | 29 | 5 | | 6 |
| Crested Dogs-tail** | 35 | 28 | 3 | | 4 |
| Spiked Fescue | 19 | 15 | 2 | | 2 |
| Sweet scented soft | 82 | 72 | 4 | | 6 |
| Sweet scented vernal†† | 50 | 43 | 4 | | 3 |
| Fiorin | 54 | 46 | 5 | 1 | 2 |
| Fiorin cortado no inverno | 76 | 64 | 8 | 1 | 3 |

* Linseed Cake—he o residuo que fica depois de extrahir-se o oleo das sementes do linho.

† Sainfoin he huma especie d'erva o seo nome botanico parece-nos ser *hedysarum onobrychis*.

‡ Lucerne—especie d'erva—nome botanico—*Mendicago sativa*.

§ Meadow, &c. outra especie d'erva nome botanico *Alopecurus Pratensis*.

|| Perennial Rye outra especie d'erva—nome botanico *Lolium Perenne*.

¶ Roughish meadow outra especie d'erva—nome botanico *Poa Trivialis*.

** Crested Dog's-tail—outra especie—nome botanico *cynosurus cristatus*.

†† Sweet scented vernal—outra especie—nome botanico *Anthoxantum Odoratum*.

Todas estas substancias foraõ analysadas no seo estado verde, e natural. He provavel, que a superioridade de varios artigos de alimento proceda em grande parte das suas quantidades relativas de materias soluveis, e nutritivas; com tudo naõ devemos julgar, que estas indicaõ o seo valor absoluto. Materias albuminosas, e gelatinosas tem os caracteres de substancias animaes; o assucar he mais, e a materia extractiva menos nutriente, do que outros quaesquer principios compostos de carvaõ, hydrogenio, e oxygenio. Taobem certas combinaçoens destas substancias talvez sejaõ mais nutritivas, que outras.

PHILOSOPHIA MEDICA.

Principes de la Medicine Legale, ou Judiciaire, &c.
 Principios de Medicina legal, ou Judicial; traduzidos do Alemaõ do Dr. Metzger; e augmentados com varias notas, pelo Dr. J. J. Ballard, Medico Ordinario do Grande Exercito, Membro das Sociedades de Medicina de Paris, de Toloza, &c. &c. &c.

Naõ se poderia formar huma exacta idea da Medicina, da extensaõ, e caracter de suas attribuiçoens, se ella fosse considerada, (como querem os seus inimigos que fallaõ do que naõ entendem), como restricta em seu estado, e na sua pratica, á observaçaõ dessa multidaõ de males individuaes, e particulares, a que ella oppoem, com mais ou menos felicidade, differentes meios de alivio, ou cura. He huma verdade, que, ordinariamente a Medicina se vê circumscripta, e reduzida a huma occupaçaõ mais util, que brilhante: mas he tambem hum facto, que ella sahe muitas vezes desse penoso circulo para se applicar e prover ás precizoens do corpo social, para entreter numerosas relaçoens com as differentes repartiçoens da Administracão Publica, esclarecendo-as nos seus maiores interesses, ja pela applicaçãõ das verdades, que ella

possue, aos diversos pontos da Jurisprudencia, ou da Policia Geral; e ja pela utilidade de seos Conselhos no tempo dessas desastradas epidemias, que os progressos da civilizaçãõ tem feito menos frequentes; e cujos estragos tem feito algumas vezes epochas notaveis nos annaes dos Povos.

Algunas partes distinctas e separadas da Medicina tem essencialmente por objecto esta ligaçãõ, estas importantes relaçoens que dão maior extensãõ á sua utilidade, e maior brilhantismo ás suas applicaçoens. Tal he a Medicina Legal, que se deve considerar antes como huma Sciencia distincta, e separada, do que como huma exposiçãõ regular, huma escolha methodica dos dados, e indicios certos que se podem tirar de todas as partes da Medicina, e mui principalmente da anatomia, da physiologia, da Chimica-medica, e da hygienia, para illustrar a administraçãõ publica e a Jurisprudencia civil, ou criminal em muitos pontos duvidozos, ou cujo exame se acha intimamente connexo com o profundo conhecimento da organizaçãõ humana.

O tratado de Medicina legal que annunciamos he dividido em sete secçoens, nas quaes Mr. Metzger comprehende a Medicina legal, que elle não confunde, como ordinariamente se tem feito, com a Hygienia, e Policia Medica.

A primeira secçãõ tem por objecto dar a conhecer as condiçoens necessarias ao exercito da Medicina legal, e as relaçoens desta parte da Medicina com a anatomia, a Physiologia e os outros ramos das Sciencias Medicas.

Nas outras seis secçoens trata 1. das feridas, ou lezoens: 2. das differentes questoens relativas aos partos: 3. das doenças duvidozas, e principalmente das doenças fingidas, ou occultas, da alienaçãõ, &c.: 4. das differentes idades, e da duraçãõ da vida: 5. e 6. de hum grande numero de questoens relativas á geraçãõ, e facultades reproductivas.

A introducçãõ de Mr. Metzger apresenta, com o discurso preliminar do traductor hum complexo de generalidades, que nos parecem huma das partes mais interessantes desta obra.

Mr. Ballard, traductor desta excellente obra, dá

hum esboço do estado da Medicina Legal em França desde o tempo de S. Luis ate á fundação das cadeiras de Medicina Legal em as novas escolas Francezas. Elle dá depois huma idea geral dos relatorios judiciaes, e do exercicio da Medicina legal nas differentes partes da Alemanha.

Quanto á Mr. Metzger, depois de ter dado na sua introdução huma idea geral da origem, e dos principios da Medicina legal, faz huma rapida enumeração dos tratados geraes, das grandes colleçõens de factos, e de observaçoens, das indagaçoens especiaes, &c. que tem por objecto esta parte da Medicina. Procura depois fazer conhecer a necessidade deste ramo do ensino medico tanto para os Professores de Medicina, como para o jurisconsulto.

Segue-se a estas vistas geraes hum esboço das especies de formalidades, ou de condiçoens que se exigem nos relatorios de Medicina, ou de Cirurgia legal.

As noçoens que formão o corpo da obra, a parte pratica e dogmatica da Medicina legal, são expostas com muito methodo por Mr. Metzger, e segundo o estado mais adiantado deste importante ramo da Medicina, ou das outras partes desta Sciencia, e da Philosophia Natural, que a podem esclarecer.

O author alem disso, fez addiçoens muito importantes aos numerozos, e variados conhecimentos que constituem o objecto essencial da sua obra.—Elle trata de huma maneira mui profunda, tudo o que he relativo ás differentes especies de lezoens ou de feridas; e o que diz respeito aos delicados, e variados phenomenos da alienação mental, aos quaes os authores precedentes não tinhaõ prestado huma attenção proporcional á sua importancia.

Parecem-nos muito instructivas, em geral, e muitas dellas indispensaveis, as notas que se achaõ no fim desta obra, e que constituem hum terço della.

A traducção desta interessante obra he dedicada ao habil Professor Chausier, que he hum dos Medicos que se tem occupado com o maior zelo, e proveito do ensino, e progressos da Medicina Legal.

CORRESPONDENCIA.

CONTINUAÇÃO

Da resposta á Carta sobre o Tratado de Commercio entre Portugal, e Inglaterra.

SE os raciocinios precedentes são exactos, fica demonstrado que não somente he difficil, mas que he talvez impossivel decidir *à priori* do merito de hum Tratado de Commercio: e por consequencia que he hum verdadeiro absurdo huma petição de principio sustentar que hum contracto bilateral he desvantajozo (como diz o Author), nocivo quer dizer para huma das Partes Contractantes, ao mesmo tempo, que se affirma (seja verdade, ou não) que o Contracto, não está executado em hum artigo se quer dos que são favoraveis a essa mesma Parte:—mas acha-se de mais que o merito intrinseco de hum Tratado de Commercio he problematico, huma vez que se despe de todas as circumstancias, que o acompanharão—pois o mesmo que foi proveitozo para huma das Partes, e nocivo para a outra; teria sido o contrario, ou igual para ambas, se huma das Naçoens se houvesse comportado, como devia.

Unindo a estes principios o outro de que, cada dia, se sente mais a necessidade, isto he, a urgente precizaõ que tem o Soberano de que os seos vassallos, e homens de talento escrevaõ, e publiquem as suas ideas sobre os interesses da Naçaõ, a fim de que ellas se fação geraes; sem o que jamais se aproveitaraõ os immensos recursos que lhe deo a Natureza, e o valor dos seos Antepassados, sem o que seraõ tão escuzadas, como injustas as queixas contra os Estrangeiros, quando a culpa he toda nossa—usarei eu da liberdade que dou ao Author da Carta, discutindo algumas das suas mais singulares asserçoens.

Admittindo como exacta a narraçaõ, que elle faz, do que se passou em Portugal com os lanificios; e não negando que o Conselho retroativo que elle dava ao nosso antigo Governo, teria sido bom, ao menos para obrigar

a Gran-Bretanha a desistir do seu excessivo alteamento de Direitos de entrada sobre os vinhos de Portugal; não me parece igualmente admissivel a propozição que 135 por cento de direitos sobre os lanificios, terião coberto o *deficit* annual, que agora se experimenta, para as despezas do Exercito Portuguez, apezar, e alem, do subsidio Inglez de dois milhoens esterlinos.—Se 135 dão 12,—100 dariaõ mais de 8; e com effeito em alguns annos precedentes anda por mais de 800 mil libras esterlinas o valor dos lanificios importados, metade para o Brazil, metade para Portugal, pouco mais, ou menos.

Mas aqui he que se vê como os interesses de hum Estado se tocaõ todos, e como todos devem ser pezados juntos.— Quem diz ao Author que esses 135 por cento seriaõ cobrados lealmente, sabendo a malversação que reina (segundo se diz) nas nossas Alfandegas, em hum, e outro hemisferio? Huma parte desses lanificios passa para Hespanha; e não cessaria este transitio com hum tão enorme direito? Não buscariaõ os Inglezes outra estrada para a Hespanha?

Não offereceria esse tributo enorme hum attractivo irresistivel ao extraviador dos direitos em huma Costa deserta, e tão vasta, como a do Brazil?

Não sei se he tão seducente; mas não he menos perigoza a sentença seguinte do Author—*Este artigo* (o 15 do Tratado) *cauza á Nação Portugueza hum prejuizo muito maior do que lhe teria cauzado huma invazaõ de hum exercito inimigo: por que, se Portugal, por exemplo, tivesse sido invadido pelos Hespanhoes, os Inglezes bloqueavaõ os Portos declaravaõ guerra á Hespanha, &c. Não podião os Portuguezes ser supridos com coiza alguma por mar: viaõ se obrigados a cultivar o resto das suas terras para ter que comer; e não só a continuar a manufacturar, como faziaõ; mas a augmentar o numero, e perfeição de suas fabricas para ter de que se vestir; e assim por necessidade a augmentar a sua industria, &c.* Investigador Portuguez, tom. VII. pag. 412.

Não pensáráo por certo assim os Povos de Portugal quando aproveitaráo o primeiro instante que lhes offereceo a insurreição de Hespanha, para sacudir o jugo Francez! Não: elles calcularáo, que huma boa parte delles teria que sustentar as precizoens de hum esfaimado exercito Francez, a cobiça insaciavel dos seos Generaes, e Commissarios; em quanto a outra havia de ser recrutada, ou conscrita á força para ir pelejar nas guerras dos seos oppressores a 500, ou 600 leguas da sua Patria: elles calcularáo que haviaõ de ser retalhados em pedaços para os Reis, para os Principes, e Duques que a Corsica Familia produzisse, e do que tiveráo huma amostra com a primeira divizaõ que do Reino, que

nós achamos tão pequeno, fez Bonaparte em tres, ou quatro pedaços—para a Rainha de Etruria—para o Principe da Paz, &c. &c. &c., segundo o Tratado de Fontainebleau, assignado pelo Sr. Ysquierdo.—Parece que os Povos de Portugal virão melhor do que o Author da Carta, que na hypothese de ficar sujeitos á França, ou a Hespanha, não tinhaõ grande esperança de ver prosperar as suas manufacturas, *que rivalizavaõ ja com as melhores da Europa, e algumas excediaõ a maior parte dellas*: nem esperãõ mais dos *canaes*, e das *estradas*, que Junot lhes prometteo, do que do segundo *Camoens* que elle lhes profetizou.

Pode ser hum problema (como li em alguma parte do seu Jornal) se haveria Rey que ouzasse pedir aos seus Povos os sacrificios, e esforços, que fizeraõ os de Portugal de sua livre vontade: mas huma vez, que assim o quizerãõ, acho que fizeraõ bem: basta que depois da paz continuem a ter tão leaes, tão nobres, e tão energicos dezejos!

Naõ he tão grande desgraça, como pensa o Author da Carta, haver quem se *atreva a dizer que naõ convem aos Portuguezes ter fabricas; porque primeiro devem ter que comer*. Invest. Port. tom. VII. pag. 419.

Talvez que se este erro fosse mais geral tivessem as nossas fabricas prosperado mais!

Os sectarios *desta herezia* não pertendem que se dê com huma machado nas Fabricas, que vierem por si naturalmente; nem que se negue auxilio áquellas, que prometterem prosperar com elle!...mas como elles tem visto não somente em Portugal, mas em outros reinos, o rediculo effeito de Fabricas por conta do Governo (que se esquece de destruir os obstaculos fizicos, e moraes que impedem as Fabricas de nascer; e que removidos, fariaõ talvez desnecessarios os esforços, e as despezas desse Governo); desaprovaõ este methodo de fazer andar o carro a diante dos bois:—e quando depois de 27 annos de trabalhos Herculeos do Grande Marquez de Pombal para estabelecer 220 Fabricas, se vê que o producto total das Importaçoes, e Exportaçoes entre o Brazil, e Portugal, junto, montava antes de 1807 somente a 45 milhoens de cruzados, como Vm^{cc}. disserãõ a pag. 722 do Vol. IV. do seu Jornal—rim-se ou antes choraõ, e dizem em baixa voz que a metade do dinheiro, que estas tentativas de Fabricas custaraõ ao Erario, empregada em 27 annos a abrir estradas, Rios, e Canaes, soltando os embaraços, que impedem a cultura de tão vastos desertos em todas as provincias do Reino, teria rendido muito mais; e dobrando a povoação, teriaõ posto os Portuguezes em huma situação muito diversa a respeito dos seus inimigos, agora que ao menos esta provado, como disse o

insolente Mr. de Bourgoing, que—*la valeur chez les Portugais est la seule qualité qui a résisté à l'engourdissement de toutes leurs autres facultés.*

He rizivel o quadro que o Author faz do estado das nossas Fabricas antes do Tratado! Elle não espera por certo que nos o acreditemos.—A' excepção d'alguma Seragoça, e de panno para os fardamentos da tropa, que ninguem nos impedirá de tirar da Covilhã, Fundão, e Portalegre; quem comprou em Lisboa outro panno de laã para se vestir, senão Inglez, ou Francez? Apenas se começara a fiar alguns algodoados em Thomar, e Alcobaça: e tendo nos tanto algodão, e tão barato, quem nos impedirá na paz de renovar estas fiaçoens?

Linho nem proprio tinhamos bastante; e com tudo era huma das maiores occupaçoens da gente miuda do Reino, e que mais hia para o Brazil.

Outro tanto se pode dizer do ferro; a cultura das melhores amoreiras do Piemonte, e a fiação dos organsins, &c. &c. de que tanto se occupou o Conde de Linhares, são obra de dois dias, e he fabricação em que nenhum Tratado dará vantagem aos Inglezes sobre nos, se nos soubermos fazer o que devemos:—e he pois com semelhantes rezultados de Pigmeo em consequencia de esforços de Gigante que nos temos saudades da prizaõ com que tinhamos peado o commercio, e a navegação do Brazil? O tratado, de certo, devia ter hum prazo mais curto do que o de 15 annos!... Feito para o Brazil, não devia ser com tanta facilidade applicado a Portugal, e muito menos entendido, como foi, por exemplo, na venda por miudo, na reexportação, &c. &c., antes de se saber, como os Inglezes o entendiaõ, e executavaõ; mas pensava por ventura o Author da Carta em 1809, quando se negociou o Tratado, que as ferragens, e o panno de linho da Provincia do Minho; e os estampados da Estremadura haviaõ de ter sahida para o Brazil, depois que Soutl tivesse entrado em Lisboa, ou que Massená fosse Rey de Portugal, como se diz que trazia a Patente na algebeira?...

He preciso tambem alargar hum pouco as ideas.—Que os Inglezes tenham lucrado com o commercio de Portugal, e do Brazil—não ha duvida:—mas foi por ventura facil persuadir á Nação Ingleza a despende as enormes sommas que tem desembolsado para a guerra da Peninsula com a esperança de lucra-las pelo commercio? O Author ignora por certo a deciziva opiniaõ contraria do partido de homens mui notaveis em Inglaterra como são Lord Grenville, Lord Grey, e outros? E se S. A. R. julgou a propozito secundar os votos dos seus fieis, e heroicos Povos de Portugal, offerecendo os maiores sacrificios á Gram-Bretanha, para a rezolver a

administrar os auxilios em gente, em armas, e dinheiro que S. A. R. não podia então dar aos seus vassallos, pode-se accuzar o excesso dos sacrificios, mas não a intenção.— Pode-se cuidar em remediar as consequencias, se Bonaparte não durar tanto, como o tratado de Commercio; porque se elle durar ate o anno de 1825, he de reccar, que as ferragens, e os pannos de linho, e as chitas de Portugal não prosperem muito ate então—mas em fim, a grande obra da salvação da Peninsula, e da Europa está muito adiantada. Ninguem a julgava provavel em 1809; e o Author apostro que era hum dos primeiros incredulos desse tempo.

E quem o não foi em 1809, e 1810? Longe de mim ate a mais leve suspeita de querer desacreditar a opiniaõ—que o Soberano deve proteger, e animar a Industria dos Povos!— Mas se naquella epoca apparecesse hum Tratado em que o Soberano estipulasse com grande cautela a favor das Fabricas de Portugal, por certo não faltaria quem perguntasse com hum rizo Sardonino, se aquellas Reservas se faziao em attençaõ a Bonaparte, ou a Massena?...

Huma das Thezes que o A. sustenta com mais vantagem na sua Carta he que a falta de provizoens que he contraria as Fabricas em Portugal, não existe no Brazil, e nas Ilhas.— Os raciocinios do A. são sempre Patrioticos, e quasi sempre exactos, huma vez que se lhe admitte a hypothe-e, que os Portuguezes pensao uniformemente, e se occupao seriamente dos interesses da sua Patria.—Deste erro (bem desculpavel) nascem os mais. Elle esquecesse, que ainda não ha muitos annos, que entre nos mesmos se fallava com mofa do que podiao fazer os nossos tao injustamente desconhecidos, e desprezados Guerreiros; e que entre esses que se chamavão Politicos em Portugal, huns faziao consistir a segurança do Reino na falta de estradas, outros nos ciumes das Potencias Maiores: exercito, e marinha pareciao-lhes superfluidades; e aqui ao menos eraõ coherentes: porque para elevar as forças de Mar, e Terra ao numero e costeamto necessario para defender a Monarquia com a gloria, que promette, e facilita o innato valor dos Portuguezes, era mister que hum Reino ja limitado em superficie, (á proporçaõ do seu vizinho) se não conservasse peado em cultura, industria, Povoação, credito, &c. &c. &c.

Em quanto Portugal apresentava na Europa o Spectro de huma Potencia, razao era que o Brazil fosse huma colonia no sentido Francez, e Inglez, e como corollario desta triste Doutrina, que as Ilhas, posto que regurgitando de gente, e mantimentos, não tivessem huma fabrica.

Agora que o Brazil, Graças á Magnanima Resoluçaõ de

S. A. R. he hum Reino Irmão, como sempre o foi aos olhos da antiga Legislação Nacional Portugueza, segundo Vm.^{ca} observarão muito bem a pag. 589 do Tom IV do seu Jornal, ninguem nos embarça de erigir fabricas no Brazil; e se basta para que ellas alli prosperem, que as estrangeiras sejam o mais caras que he possivel, poucas destas poderao competir com as que se estabelecerem em Villa-Rica, no Serro Frio, &c &c. &c.

He certo que huma Nação industrioza cujos Fabricantes sejam todos Escravos, sera spectaculo novo; mas nem por isso direi d'antemão que seja impossivel.—A's vantagens naturaes une o Brazil agora duas de novo, e muito grandes. Huma positiva. outra negativa. A 1. o principio dado ás fundicoens de ferro. A 2. a certeza de que alli não haverá Inquização.

Porem o A. carece geralmente de huma advertencia, e he que não argumente, ás vezes, ás avessas do que a Logica recommenda. Esta Arte não consente, que da possibilidade se induza a existencia: o argumento inverso he o unico legitimo. Que o Brazil tenha extensaõ, e fertilidade de sobejo para dar todos os mantimentos necessarios, ninguem duvida; mas que ja produza tudo quanto se pode dezejar, não he hum facto notorio—antes não ha muito tempo que os Americanos do Norte levavaõ farinhas a Pernambuco, e ao Pará. Manteiga, Azeite, Queijos, Carnes salgadas, Peixe salgado, apenas se conhecem, e muitas se importaõ de fora. Considerou ja o A.—quem hade trabalhar nestas novas fabricas; não digo como Mestres, mas como obreiros, no cazo que os Inglezes continuem a açoiar o Commercio da Escravatura, e cheguem a anniquila-lo? Pensou ja nos meios de fazer trabalhar os Brancos, que no Brazil reputaõ o trabalho manual inferior á sua dignidade? Achou o methodo de extinguir o vicio geral da mancebia dos Senhores com as escravas, e de substituir o legitimo matrimonio? Sabe dizer-nos se em falta de escravos estaõ os Capitalistas do Brazil determinados a fazer a despeza de mandar ir da Europa Colonos livres tirados daquelles paizes donde se expatriaõ com facilidade, em quanto o Governo, embaraçado pela falta de rendimento Publico, não tem meios de accelerar esta melhor colonizaçãõ?

O A. da Carta pode ter a vaidade que nesta sua composiçãõ se assemelha muito a hum Grande Homem da Antiguidade, de quem se disse—“que os Parcceres que elle dava no Senado, eraõ os melhores possiveis para a Republica de Plataõ, mas de forma nenhuma applicaveis ás fezes de Romulo.”

Porque o Brazil he *fertilissimo*, affirma elle que ja tem em si tudo quanto preciza. Porque he vastissimo suppoem que he povoado.

Porque tem gente imagina que he habitado por huma Nação industrioza. Ora apeemo-nos da imaginação do A., e batamos á porta da Realidade !.....

Tão longe está o Brazil de produzir tudo o que os commodos da vida requerem para hum Europeo, que ainda o anno passado consentio o Governo de S. A. R. (com algum receio que lhe viessem a faltar para si), consentio, digo aos Negociantes Inglezes o exportar graons do Rio Grande para Portugal.—E quantas couzas vão aqui n'hum só factio comprehendidas !.....

Sabe-se (desgraçadamente ha seculos) que nos tempos mais serenos, e nos melhores annos, he Portugal obrigado a importar huma excessiva quantidade de comestiveis para seu consumo. Era de crer que a guerra da Restauração augmentasse esta necessidade. Era vizivel a confusão em que as invazoens de Soult, e de Massena, e ate os estragos dos nossos exercitos haviaõ de pôr os lavradores.—Foi notoria a extrema carestia dos generos em Lisboa, e no Porto.—Sabia-se que os trigos não podiaõ vir livremente do Mediterraneo, da França, do Baltico; e bem se podia concluir que todo o lucro desta immensa importação havia de redundar em beneficio para os Americanos do Norte:—mas a nada disto se moveo huma Alma viva no Brazil, e em Portugal !! Ambos ficáraõ—hum Mudo—outro Quêdo.

Mas não para aqui tudo !.....Sugeiro o Governo de Portugal aos Negociantes Portuguezes que mandassem vir trigos do Rio Grande; *mas elles com fermozo rizo honesto, como quem do proposta lhe pezara*, afferrados á maxima Chinezade não pensar, nem fazer senão a que pensáraõ, e fizeraõ seos Avós, (que em ponto de commercio não sao a melhor escola), escuzaraõ-se de entrar nessa empreza. Especuláraõ os Inglezes, e ganháraõ (não digo quantos por cento, porque o não sei), mas sei que lhe sahio o trigo do Rio Grande posto em Lisboa mais barato do que o trigo que vinha dos Açores !

Bem hajaõ os Negociantes Inglezes !.....Senaõ fosse esta especulação feliz, e se não fossem os soccorros das diversas capitancias, que Sua Alteza Real mandou ir para Portugal (tanto quanto o aperto, que esperamos seja bem temporario, da Sua Real Fazenda o permittio), pareceria que o Brazil não produz senão Mandioca ou Assucar, e Café; pois em tamanha precizaõ nada tinha que offerecer á Sua Patria May !

Bem haja Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso

Senhor, que, alem de tantas outras provas do Amor que tem aos seus Vassallos, lhes dá esta de approvar que Vmces. escrevaõ com liberdade, e imparcialidade; de sorte que ouvindo-se o pro, e o contra, sem offender pessoalmente alguem, venha a aclarar-se a verdade.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Londres, 8 de Outubro de 1813.

Em o No. 28 do seu Jornal se achão publicados o primeiro Ajuste entre os Commissarios Portuguezes e Inglezes relativo ás Duvidas do Celebre Tratado de Commercio entre as duas Naçoens, huma Carta respectiva dos mesmos Commissarios Portuguezes ao Embaixador; e algumas reflexoens sobre ambos aquelles documentos. Todos elles assim como o 2. Appendice do mesmo No. me suscitaraõ algumas outras reflexoens, que tomo a liberdade de dirigir lhes, e espero hajaõ Vmces. de inserir em o seu Jornal.

Quaes, e que taes saõ os unicos quatro pontos que abrange aquelle Ajuste, e as razoens porque se conveyo nelles, e não se tratou do mais, apparecem claramente do mesmo, e da Carta dos Commissarios, pois falaõ por Si. He com tudo certo, e Vmces. o declaraõ, que aquelle Ajuste Preliminar está ainda longe de abranger todos os pontos litigiosos, e de remover todas as duvidas do Tratado. E não he menos certo que quaesquer outras Estipulaçoens que se ajustem, e todas juntas, sendo semelhantes, estaraõ sempre igualmente longe desse fim.

Os Portuguezes reclamaõ os seus direitos. O mesmo para si, que os Estrangeiros querem para Elles. Em fim a Perfeita reciprocidade, e mutua conveniencia que o seu Soberano fixou como Baze eterna do Tratado. A falta della, alem de outros motivos, he que o annullou essencialmente, e annullará sempre quaesquer novos Tratados ou Ajustes, que se façaõ, ainda que possaõ temporariamente executar-se.

Elles se lembraõ dos ajuntamentos e conferencias que tiveraõ áquelle mesmo respeito, e das Instrucçoens e representaçõens que d'ellas emanáraõ. Decorreo hum Anno em profundo Silencio, e por fim foraõ convocados para se lhes communicar aquelle Ajuste; mas não ob-

stante tamanha demora, e a promessa que lhes certificaraõ dera o Governo Inglez, e que induzio á conclusaõ dos pontos unicos que elle mesmo propozera; estaõ ainda á espera da Solucaõ devida ás suas justissimas pertençaens, que se pozeraõ com tudo de parte para ceder o lugar as delles.

Logo porem que os nossos commissarios foraõ taõ condescendentes, naõ ha tanta vazaõ de queixa pelo que estipularaõ. Elles seguráraõ a excluzã dos vazos Britannicos de Construcçaõ Estrangeira, que o Tratado tinha ja providenciado, e seguráraõ tambem hum modo mais certo para evitar o Contrabando e verificar as rendas das nossas Alfandegas; elles obtiveraõ hum resarcimento pelos direitos alheios de que nos havia feito presente o Tratado, mas seus Donos nunca cederaõ; e em fim somente o modo de verificar o valor das fazendas Britannicas, que elles parecem inculcar que se amplie ou generalize em os nossos Portos, he que naõ poderá convir nos de forma alguma, porque a mesma practica deste e outros Paizes a que se referem aconselha muito pelo contrario a conservar as nossas Pautas, e a renovalas, e acrescentalas amiudadamente.

Os nossos Commissarios tambem nos previnem que as Prezas tomadas pelos Inglezes tem *Registers* ou documentos semelhantes áquelles que se reconhecerã como sufficientes para admissaõ em os nossos portos dos seus Navios de Construcçaõ Britanica; mas como aquelles naõ saõ nelles admissiveis deve por isso haver toda a vigilancia, e se por la sempre apparecerem naõ deixar nunca de as tratar com o mesmo respeito e *Amizade* com que saõ aqui tratados os nossos Navios de Construcçaõ Estrangeira, que saõ quazi todos os que temos, e por consequencia quazi todos que nos fizeraõ o favor de excluir dos portos Britannicos. Com tudo aquelles documentos ou *Registers* especificaõ sempre a origem do Casco, e por tanto he facilimo distinguir hum dos outros. O Ponto está em naõ crer de leve, mas olhar sempre para elles.

Em fim os nossos Commissarios quando trataraõ do modo de verificar o Valor das Fazendas Britannicas naõ se esquecerã tambem de apontar que eraõ somente aquellas sujeitas aos direitos de 15 por C. Mas como acontece agora que as Fazendas de Laã, que ainda ha pouco pagavaõ direitos grandes, e que pelo Artigo 26 do Tratado ficaraõ positivamente excluidas de todas as Estipulaçoens do mesmo Tratado devendo por isso naõ somente continuar a pagar os mesmos direitos que pagavaõ, mas ainda muito maiores á proporçaõ daquelles com que tem sido sobrecarregados aqui os nossos vinhos, que ficaraõ do dito Tratados igual-

mente excluidos; como acontece pois, digo, que os direitos das fazendas de Laã se achem reduzidos agora a menos de ametade do que pagavaõ? E que ao mesmo tempo que se pertende segurar, e melhorar a Renda Publica, seja ella assim taõ enormemente defraudada de Milhoens? He crível, he possivel tanta Avareza de huma parte e tanta condescendencia da outra? Naturalmente ha de querer imputar se a culpa aos Commissarios; mas a Sua Honra, o seu character requerem, e os obrigarão a fazer recahir o odio sobre quem toca.

Poisque direi da nova pauta feita em Lisboa, e que Vmces. inseriraõ no segundo appendice do seu dito Jornal? Ella seria por si so capaz de fazer arripiar os Cabelos a todos os Portuguezes. He huma pauta de avaluaçoens das Fazendas de Laã; em que não somente se declaraõ *com pex de Lam*, e como coiza clara e sabida os direitos de 15 por C. para ficarem regulando para as mesmas fazendas, referindo-se sim ao artigo 15 do Tratado, mas sem dizer huma palavra, ou fazer cazo algum do Artigo 26 que a respeito de semelhantes fazendas destroe absolutamente aquelle, e todos os outros artigos do mesmo Tratado, conforme ja observei, mas de mais a mais, e como para fazer transbordar a taça de Fel que nos querem fazer tragar, se declaraõ igualmente as avaluaçoens, e os direitos de toda a qualidade de fato ja feito, como sobre—cazacas, cazacas, vestias, calçoens, silouras, &c. &c. e se inculca assim reconhecida e admittida a sua entrada!!!

E que maré haõ de levar os nossos Alfayates, Sapateiros e outros muitos officiaes, e suas miseraveis familias, alem de infinitas outra recolhidas e honestas, que adquireã, como ninguem ignora, a sua subsistencia com semelhantes empregos? Não lhes bastaõ os dias de amargura, e as fomes que tem ja curtido, e as desgraças porque tem passado? Agora que o sol principiava a rayar teraõ ainda a ver, teraõ a soffrer que lhes seja arrancado o paõ da boca por Estrangeiros, e que sejaõ pelos mesmos assim entregues elles, as suas mulheres, e os seus filhos ás Garras da Mizeria e da desesperaçãõ. Tanta prezumpçaõ, tanta injustiça brada aos Ceos! Não pode subsistir, nem poderia supportar-se.

Desenganem-se para sempre. Não pode existir Tratado, ou Estipulaçaõ alguma entre Naçoens Independentes que não sejaõ perfeitamente reciprocos. Este hé o principio eterno de justiça, e o que altamente proclamou o nosso Principe Magnanimo, e tudo que se oppozer a elle cahira por si mesmo.

Concluirei finalmente com huma explicaçaõ que me sus-

citaõ as suas reflexoens que sãõ derigidas aos *Bons Portuguezes*. Ella me parece tanto mais necessaria, que infelizmente, e por motivos que todos nos conhecemos, o sentido de muitos de nossos termos, como por exemplo *Protecção Reciprocidade*, &c. se acha hoje invertido, e nossas expressoens confundidas.

Por Bom Portuguez, entendo eu, todos os Portuguezes. E se for necessario trarei em meu apoio a authoridade de hum Estrangeiro famoso, o Grande Wellington. Elle franca e altamente proclamou ao Mundo inteiro, que os Portuguezes todos se sujeitaraõ com a mais Heroica constancia á geral devastação do seu Paiz, e das suas propriedades (pelos Inimigos e pelos Amigos) e ás maiores tribulaçoens, e soffrimentos Pessoaes; e que apezar de tudo, e das mais insidiosas e lizongueiras promessas, não soube ja mais de *Hum* so, que não fosse fiel á boa cauza, fiel ao seu Principe, e á sua Patria*.

Consequente mente se deduz, e com orgulho o repito, que todos os Portuguezes sãõ *Bons Portuguezes*.

* Ninguem faz mais alto conceito da nossa heroica Nação do que nos; e todo Portuguez, para quem o nome de Patria não he hum nome vaõ, leve sentir hum nobre orgulho de pertencer a huma Nação cujos feitos gloriozos não tem iguaes no Mundo! Estamos bem persuadidos com o Grande Lord, e com o A. desta Carta, que desde a feliz restauração de Portugal se não tem achado hum só Portuguez, que não fosse fiel ao seu Principe, e á Sua Patria: com tudo igaora o A. que entre nos mesmos tem havido, não poucos intrigantes, que sem serem infieis, (no rigor da palavra) tem procurado piatar como taes muitos dos seus compatriotas, levados somente do dezejo de vinganças, arrastados por inveterados odios, e por interesses particulares bem viz? Ignora que esta casta infame de gente tem feito a desgraça de muitos Portuguezes, em quem se não tem achado hum crime? E chamará tambem a taes intrigantes bons Portuguezes? O mesmo Grande Lord sabe que tem havido, e ha desgraçadamente grandes dilapidaçoens, principalmente nas Alfandegas; seraõ tambem bons Portuguezes os que perpetraõ taes roubos? Bom Portuguez he todo aquelle que cumpre com fidelidade, e zêlo os seus deveres, que falla a verdade ao seu Governo, que lhe mostra os males, e os meios de os remediar, que prefere sempre o bem e os interesses do Estado ao seu bem, e interesses particulares: e pode o A. da casta sustentar que todos os Portuguezes assim o fazem? Ah! Se assim fosse, não teria Portugal chegado ás bordas do precipicio; não haveria em nossas finanças o *deficit* que ha, o qual não provem das despesas da Caça Real, como ja mostramos: nós não teriamos sido obrigados a contrahir empréstimos: nos estariamos independentes, e livres de toda a influencia estrangeira: nos seriamos inñitamente mais respeitados dos estranhos. Leia o A. os nossos mesmos Historiadores: leia o nosso Barros, e Couto; e elles lhe dirãõ se ainda em tempos de mais virtude, e de melhores costumes todos os Portuguezes eraõ bons. N'humas palavras quando o A. provar que a nossa Nação he composta de Anjos, então podera censurar que se falle em *bons Portuguezes*, na supposição de que ha alguns, que o não sãõ.

Os Redactores.

Elles sempre foraõ, e seraõ sempre capazes de tudo sacrificar pelo Principe, e pela Patria, e nunca soffreraõ, nem jamais soffreraõ o Jugo ou Prepotencia alguma de Estrangeiros, pois ainda que naõ sejaõ Inimigos d'elles, saõ com tudo, como devem, muito mais Amigos de si mesmos.

SENHORES REDACTORES DO INVESTIGADOR PORTUGUEZ.

Londres, 18 de Outubro de 1813.

SENDO como he bem sabido, que pelo Tratado de Commercio concluido entre as Cortes do Rio de Janeiro, e a de Londres em 19 de Fevereiro de 1810 ficaraõ excluidos de serem admittidos nos dominios Portuguezes todos os navios Inglezes que naõ saõ de Construcção Britannica; mas que naõ sei por que fatalidade os de prezas tem lá ate agora sido admittidos; e vendo-se agora outra vez a mesma estipulaçãõ ratificada pelos ajustes aqui concluidos pelos nossos Commissarios; parece-me ser de muita importancia que Vmces. publiquem no seu numero d'este mes as formas dos registos que as Alfandegas Inglezas custumaõ dar aos navios de construcção Britannica, (os quaes saõ os unicos admittidos nos nossos Portos) e aos de prezas, (os quaes de lá saõ excluidos como fica dito) para que os nossos officiaes a quem toca o exame d'elles conheçaõ a differença que há entre huns, e outros; e inda que he provavel que os ditos nossos Commissarios já tenhaõ mandado outras semelhantes copias ao nosso Governo, eu julgo que este he hum meio mais facil para chegar ao conhecimento de todos; e se lhes parecer que tem lugar o incerillas, aqui as acharaõ incluzas para esse fim*.

Sou com muito respeito

De Vmces.

C. P. de C.

* Nos publicamos estas formas de registos, naõ tanto com o fim que A. tem em vista; como por nos parecer que se devem adoptar taes formas de registos, ou outras muito analogas, nos Dominios de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor: d'outra sorte os Direitos Reaes continuaraõ a ser defraudados, como ate agora o tem sido. Os Redactores.

(No. 346.)

In pursuance of an Act passed in the 26th year of the Reign of King George the Third, intituled, "An Act for the further increase and encouragement of Shipping and Navigation"—

George Reid and William Clark, of Mincing-lane, Merchants,

| | | |
|--------------------------------------------------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Certificate of British Registry. Seal. | | Having taken and subscribed the oath required by this Act, and having sworn that themselves, together with Philip Cashl Skirrard, of Worthing, Sussex, are sole Owners of the Ship or Vessel called Carshalton Park, of London, whereof William Clark is at present Master, and that the said ship or vessel was built at Southampton, in the year 1811, as appears by a |
| Signed J. Wilmott and Co. | | Certificate of Registry, No. 313, granted at London, 19th October, 1811, now delivered up and cancelled; and P. Dear, Tide-surveyor at Southampton, having certified that the said ship or vessel is British built, has two decks and three masts, that her length from the fore part of the main stem to the after part of the |
| Seal. | | stern-post aloft is 118 feet 8 inches, her breadth at the broadest part above the main wales 29 feet and half an inch, her height between decks 7 feet 1 inch, and admeasures $454\frac{5}{8}$ tons, that she is a square sterned carvel built ship, has no gallery, and a man-head; and the said subscribing Owners, having consented and agreed to the above description, and admeasurement, and having caused sufficient security to be given, as is required by the said Act, the said ship Carshalton Park has been duly registered at the Port of London. |
| Signed J. Brayshorff. N. B. Ad- measured on the Socks. | | |

Given under our hands and seals of office, at the Custom-house in the said Port of London, this 13th day of November, in the year 1811.

Entered in the Register-General's office, 14th Nov. 1811,

(Signed)

W. MOSS.

Entered in the Secretary's office, 14th Nov. 1811.

(Signed)

J. RELLNAP.

(Numero 346.)

Em conformidade de hum Acto passado no anno 26 do Reinado do Rey George Terceiro, entitulado "hum Acto para maior augmento e animação do Commercio e Navegação"*—

George Reid e William Clark, de Mincing-lane, Negociantes

| | |
|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Certificado do Reg'stro Britannico. | Tendo tomado, e assignado o juramento exigido pelo Acto, e tendo jurado que elles, juntamente com Philip Cashl Skirrard, de Worthing, Sussex, são Unicos donos do Navio ou embarcação chamado Carshalton Park, de Londres, do qual William Clark he Capitaõ ao presente; e que o ditto Navio ou embarcação foi feito em Southampton no anno de 1811, como parece pelo Certificado do Registro numero 313, concedido em Londres em 19 de Outubro de 1811; entregue agora, e fica nullo sem effeito; e P. Dear, Examinador dos Mares ou agoas em Southamp- |
| Sello. | ton tendo nos certificado que o ditto navio ou embarcação he de construcção Britannica, tem duas cobertas e trez mastros, que o seu cumprimento da proa a popa são 118 pez e 8 polegadas: a sua largura na parte mais larga são 29 pez e meia polegada: sua altura entre as cobertas, sete pez e huma polegada, e mede $454\frac{1}{4}$ tonelladas, que a sua construcção he de huma forma quadrada a maneira de huma galera, naõ tem tolda, e a figura de hum homem; e os dit- |

| | |
|----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Assignados J. Willmott e Co. Cobrador. | tos donos tendo consentido e concordado na descrição e medida acima, e tendo dado segurança sufficiente como se requer pelo ditto Acto, o ditto navio Carshalton Park, tem sido dividamente Registrado no Porto de Londres. |
| Sello. | |

| | |
|----------------------------|--|
| Assignado J. Brays-horff. | |
| N. B. Medido no Estaleiro. | |

Dado debaixo das nossas Maõs e Sellos d'Officio na Alfandega do ditto Porto de Londres no dia terceiro de Novembro de 1811.

Entrado no Officio Geral do Registro, 14 de Nov. 1811.
(Assignado) W. MOSS.

Entrado no Officio dos Secretarios, 14 de Nov. de 1811.
(Assignado) J. RELLNAP.

* Nos damos a traducção tal, qual nos foi mandada.—Os Redactores.

(No. 308.)

In pursuance of an Act passed in the 26th year of the Reign of King George the Third, intituled "An Act for the further increase and encouragement of Shipping and Navigation:—"

William Hibbert, of Billiter-court, Merchant,

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Certificate of British Registry. Seal. Signed W. Read and Co. Seal. Signed J. D. Hume, and Co. N. B. Ad- measured a- float. | Having taken and subscribed the oath required by this Act, and having sworn that themselves, together with George Hibbert, of Billiter-court, Merchant, are sole Owners of the ship or vessel called Ann, of London, whereof James Hamilton is at present Master, and that the said ship or vessel was a prize, condemned in the High Court of Admiralty, 14th June 1799, as appears by a Certificate of Registry, No. 356, granted at London, 25th November, 1811, now delivered up and cancelled; and Nicholas Robilliard, Surveyor for the Act of Navigation, having certified to us that the said ship or vessel is foreign built, has three decks and three masts, that her length from the fore part of the main stem to the after part of the stern post aloft is 123 feet 10 inches, her breadth at the broadest part above the main wales 34 feet 11 inches, her height between decks 5 feet 10 inches, and admeasures 631 $\frac{3}{4}$ tons, that she is a square-sterned ship with flush deck, has quarter galleries, and a woman bust head, and the said subscribing Owners having consented and agreed to the above description and admeasurement, and having caused sufficient security to be given, as is required by the said Act, the said ship Ann has been duly registered at the Port of London. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Given under our hands and seals of office at the Custom-house in the said Port of London, this 19th day of November, in the year 1812.

Entered in the Register-General's office, 21st November, 1812.

(Signed)

JOHN COVEY.

[Certificate of British Plantation Registry.]

(Numero 308.)

Em conformidade de hum Acto passado no anno 26 do Reinado do Rey George Terceiro, intitulado "hum Acto para maior augmento e animação do Commercio e Navegação"—

William Hibbert, de Billiter-court, Negociante.

| | |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Certificado do Registro Britannico.</p> <p>Sello.</p> | <p>Tendo tomado e assignado o juramento exigido pelo Acto, e tendo jurado que elle junto com George Hibbert, de Billiter-court, negociante, são unicos donos do navio ou embarcação chamado Ann, de Londres, do qual he Capitão ao presente James Hamilton, e que o ditto navio ou embarcação foi huma Preza, condemnada na Alta Corte do Almirantado em 14 de Junho de 1799, como parece pelo</p> |
| <p>Assignado W. Read.</p> <p>Sello.</p> | <p>Certificado de Registro, Numero 356, concedido em Londres em 25 de Novembro de 1811, e entregue agora, e fica nullo sem effeito; e Nicholas Robilliard, examinador do Acto de Navegação, tendo-nos certificado que o ditto navio ou embarcação he de construcção estrangeira, tem trez cobertas e trez mastros; que o seu comprimento da proa a popa he de 123 pez e 10 polegadas; a sua largura na parte mais larga he de 34 pez e 11 polegadas; sua altura entre as cobertas 5 pez e 10 polegadas e mede 631$\frac{1}{4}$ Toneladas, que elle he hum navio da popa quadrada, com coberta corrida, tem toldas de quartel, e a figura de huma Senhora; e os</p> |
| <p>Assignado J. D. Hume.</p> <p>N. B. Me- dido sobre a agua.</p> | <p>dittos donos tendo consentido e concordado com a descripção e medição acima, e tendo dado sufficiente fiança, como se requer pelo ditto Acto; o ditto navio Ann, tem sido dividamente Registrado no Porto de Londres.</p> |

Dado debaixo de nossas mãos e sellos de Officio na Alfandega do ditto Porto de Londres, aos 19 de Novembro de 1812.

Entrado na Officio Geral do Registro, 21 de Novembro, de 1812.

(Assignado)

JOHN COVEY.

Certificate of British Plantation Registry.]

Pago por Custodio Pereira de Carvalho em 9 de Outubro de 1813, aos Srs. Corretores Sherman e Willcox, como consta da conta e recibo que vimos dos ditos Corretores, pelo Brigue In-
triga do qual he Capitão João da Costa Carvalho tendo dado entrada quando chegou de Pernambuco
em 18 de Agosto e aclariou em o 1 de Setembro para sair para o mesmo Porto de Pernambuco.*

| | | INWARDS. | | POR ENTRADA. | |
|-------------------------------|-----------------------------|-------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1816. | Aug. 18 | To paid | Dover Pier duty | £. 3 11 0 | £. 3 11 0 |
| | 20 | Entering inwards, | tonnage, &c. | 35 7 0 | 35 7 0 |
| | 28 | London Dock dues | | 25 8 3 | 25 8 3 |
| | — | Trinity dues | | 8 13 0 | 8 13 0 |
| | — | Per Harbour Pass | | 0 14 6 | 0 14 6 |
| | — | Per Admeasurement Certificate | | 1 12 6 | 1 12 6 |
| DIREITOS DE DOVER PIER. | | | | | |
| Id. de Toneladas por entrada. | | | | | |
| Idem da Dock. | | | | | |
| Idem da Trindade. | | | | | |
| Passe do Porto. | | | | | |
| Certidão de medição. | | | | | |
| | | OUTWARDS. | | POR SAHIDA. | |
| Aug. 23 | To paid | Entering out, | Tonnage, &c. | 37 1 6 | 37 1 6 |
| Sept. 1 | Lights inwards and outwards | | | 39 9 0 | 39 9 0 |
| — | Tilbury Port dues | | | 0 5 0 | 0 5 0 |
| — | Clearing out, Bonds, &c. | | | 5 15 6 | 5 15 6 |
| | | | | para fora. | |
| | | | | Idem do Porto de Tilbury. | |
| | | | | Por aclariar p ^a . fora e fianças. | |
| | | | | 157 17 3 a Cambio de 67½ rs. 561,288, ou rs. 2,201, cada Tonelada. | |

* Podendo acontecer que haja em Portugal, ou no Brazil quem duvide da verdade do que fica dito em o volume 7, do nosso Journal desde pag. 240 ate 242, por isso publicamos este documento.—Os Redactores.

POLITICA.

AMERICA.

RIO DE JANEIRO.

O PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR Foi Servido commetter por Aviso expedido da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, em data de 14 de Junho deste anno, á Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação [deste Estado do Brazil, e Dominios Ultramarinos o Exame, e Verificação das perdas, e damnos, que tem experimentado os Negociantes Portuguezes, assim Proprietarios, como Interessados nas carregações dos Navios Portuguezes empregados no Commercio da costa de Africa, e que foram tomados pelas Embarcações Británicas, para se poder tratar por meio de hum exacto e especificado conhecimento, e em consequencia da reclamação, a que o Mesmo Augusto Senhor Mandou proceder pelo seu Embaixador em Londres, da justa e devida indemnisação de taes prejuizos; ordenando que fossem admittidas justificações legaes com todas as solemnidades da Lei, e assistencia do Consul Britanico, e com a especificada declaração do valor justo das perdas e damnos soffridos pelos sobre-ditos Interessados em cada hum cazo separado, a fim de se poder conhecer a perda, que houve em cada Navio tomado, e em consequencia, reunidas as sommas dos valores parciaes, o prejuizo total, que dellas resulta; e ordenando outro sim, para que este procedimento seja uniforme e coherente, que a sobredita Real Junta especia sem perda de tempo as convenientes Ordens, e Instruções ás Mezas da Inspeção nas outras Capitánias Ultramarinas destes Estados para alli procederem á referida verificação na fôrma indicada: e por quanto ha de proceder nesta Corte a semelhantes justificações o Dezembargador Juiz Conservador dos Privilegiados do Commercio, e nas mais Capitánias as Mezas de Inspeção, onde as houver, e na falta dellas

os ouvidores, ou Juizes de Fóra; mandou a mesma Real Junta affixar Edictaes, para que chegue á noticia de todos o Paternal Disvelo, com que o Principe Regente Nosso Senhor tanto protege a fortuna de seus vassallos, e para que os interessados, que tiverem soffrido taes perdas e damnos, compareção desde logo perante as Estaçoens indicadas a legitimarem pelo modo competente os seus prejuizos, ajuntando documentos, contas, e mais provas, que tiverem, e igualmente inserir este na Gazeta.

ESTADOS UNIDOS.

FINANÇAS.

Lê-se nas Gazetas Americanas huma carta de M. Jones, interino Secretario do Thezoiro, que faz as vezes de M. Gallatin, datada de 19 de Julho, e dirigida a M. Bibb, Prezidente do Committee dos Meios, e Modos sobre o objecto de novas exigencias, que se farão precisas para as despezas da guerra. Diz a sobredita carta que as despezas additionaes das Repartiçoens da Guerra, e da Marinha, requererao hum novo emprestimo de dois milhoens de dollars para o serviço do anno corrente. Passa depois a fazer ver, que como o emprestimo para o serviço do anno corrente não pode convenientemente fazer-se naquelle anno taõ cedo, que satisfaça ao que se precisa no Thezoiro, no principio do mesmo anno, propoem-se, em consequencia, que alem da somma dos dois milhoens sobreditos, para o presente anno; se authorize agora hum emprestimo sufficiente, com as sommas que se receberem das rendas publicas, para pagar as despezas dos primeiros tres mezes do anno de 1814.

O que o Thezoiro necessita para aquelles tres mezes, se calcula da maneira seguinte:—

| Despeza. | Dollars. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| Despezas Civis, diplomaticas, e miscellaneas | 400,000 |
| Para a devida Publica, exclusivas as notas do Thesoiro, e juros dellas, que se tem de pagar nos mezes de Janeiro, e Fevereiro, de 1814: e que seraõ tiradas do excedente do fundo de amortizaçãõ no anno de 1813 | 1,100,000 |
| Para as Repartiçoens da Guerra, e Marinha | 6,000,000 |
| | <u>7,500,000</u> |

Receita.

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| Receita avaliada—Direitos das Alfândegas, durante aquelle periodo | 1,500,000 |
| Venda das terras publicas, e direitos internos, que se poraõ em vigor no 1. de Janeiro de 1814 | 250,000 |
| Balanço que ficará no Thesoiro aos 31 de Dezembro proximo, se avalia em perto de dois milhoens de dollars. Como esta somma he de algum modo maior do que he necessario, para se reter permanentemente no Thesoiro, se pode della applicar para as necessidades do primeiro quartel do anno de 1814 a somma de | 250,000 |
| | <u>2,000,000</u> |
| Somma que se deve providenciar pelo em- prestimo | 5,500,000 |
| | <u>7,500,000</u> |

Conseqüentemente toda a somma que se julga conveniente que o Presidente tinha authoridade de obter por via de emprestimo, antes do fim do presente anno, vem a ser 7,500,000 dollars, da qual se avalia que 2,000,000 seraõ precizos para o presente anno, e o residuo para supprir o serviço do anno de 1814.

DOCUMENTO IMPORTANTE.—RELAÇOENS COM A FRANÇA.

Mensagem do Presidente dos Estados Unidos ao Congresso.

A' Casa dos Representantes dos Estados Unidos.
Remetto á Casa dos Representantes hum Relatorio do Secretario de Estado, que contem a informaçãõ requerida em suas Resoluçoens de 21 de Junho proximo passado.

(Assignado)

JAMES MADISON.

Washington,
12 de Julho, 1813.

O Secretario de Estado, a quem se referiram varias Resoluçoens da Casa dos Representantes, de 21 do passado, requerendo-se-lhe que desse informaçãõ sobre certos pontos, relativos ao decreto Francez de 28 d'Abril, 1811; tem a honra de fazer ao Presidente o seguinte relatorio :—

FORNECENDO a informaçãõ que requer a Casa dos Representantes, o Secretario de Estado presume, que se poderá julgar sufficiente, que elle refira o que agora se exige, que parte disso tem ja sido communicado; e supprir o que falta. Elle porém considera mais conforme ás vistas da Casa, não attender ao que ja se communicou e satisfazer todas as perguntas, dando resposta a cada huma dellas; com a explicaçãõ propria que lhe diz respeito.

A Casa dos Representantes requereo informaçãõ—quando, por quem, e em que maneira, recebeu este Governo a primeira noticia do Decreto do Governo Francez, que tem a data de 28 d'Abril, de 1811, e que se representa ser huma revogaçãõ definitiva dos Decretos de Berlin e Milão:—Se Mr. Russel Ex-encarregado de Negocios dos Estados Unidos, junto ao Governo Francez, jamais admittio ou negou a este Governo, a exactidaõ da declaraçãõ do Duque de Basano a Mr. Barlow, como se refere na carta de Mr. Barlow de 12 de Maio, 1812, ao Secretario de Estado, que o dicto De-

creto tinha sido communicado ao predecessor de Mr. Barlow, ali; e apresentar á Casa qualquer correspondencia com Mr. Russel, sobre esta materia, que não sêja improprio communicar; e tambem qualquer correspondencia entre Mr. Barlow, e Mr. Russel, que exista na Secretaria de Estado; por onde se averigüe se o Ministro da França nos Estados Unidos jamais informou este Governo da existencia do dito Decreto; e apresentar ante a Casa, qualquer correspondencia com o dito Ministro, relativa a isto, e que não sêja improprio communicar; com qualquer outra informação, que esteja em posse do Poder Executivo, e cuja publicação se não supponha contraria ao interesse publico; que seja relativa ao dito Decreto, e sirva a mostrar em que tempo, por quem, e em que maneira se fez primeiramente saber a este Governo, ou a algum de seus Agentes ou Representantes; e ultimamente informar a Casa se o Governo dos Estados Unidos jamais recebeu da França alguma explicação das razoes porque aquelle Decreto se occultou deste Governo, e seu Ministro, por tanto tempo depois de sua data; e se este Governo pediu alguma explicação disso, e se a França omittio o dálla; se este Governo tem feito algumas Representações, ou expressado o seu desgosto ao Governo Francez por tal omissão.

Estas perguntas abraçam dous objectos distinctos. O primeiro refere-se ao comportamento do Governo da França, a respeito deste Decreto. O segundo, ao Governo dos Estados Unidos. Para satisfazer ao que a Casa deseja sobre o ultimo objecto, parece proprio o tractallo, em dous pontos de vista differentes; primeiro, no que respeita o comportamento deste Governo, nesta transacção; e segundo, no que respeita o seu comportamento para com ambos os Belligerantes em algumas occasioens importantes connexas com ella. As resoluções não exigem especialmente hum relatório de tal extenção: porém como as medidas do Executivo, e os actos do Congresso, fundados nas communicações do Executivo, que se referem a hum dos Belligerantes, tem, por huma consequencia necessaria relação immediata huns com os outros, parece que tal relatório obviamente se comprehende nos seus objectos. Fundado neste principio se preparou o relatório, na esperança de que quanto mais plena informação se desse sobre cada ramo da materia, maior satisfação teria a Casa.

O Secretario de Estado tem a honra de participar, em resposta áquellas perguntas; que a primeira noticia que este Governo recebeu do Decreto Francez de 28 d'Abril, de 1811; foi communicada por Mr. Barlow, em huma carta, datada de 12 de Maio, 1812, que foi recebida nesta repartição aos 13 de Julho seguinte; que a primeira intimação a Mr. Barlow,

da existencia deste decreto, segundo o que apparece de suas communicacões, lhe foi feita pelo Duque de Bassano, em huma conferencia não formal em algum dos dias entre o 1 e 10 de Mayo, 1812: e que a communicacão official disso a Mr. Barlow, foi feita aos 10 daquelle mez, e a requirimento seu; que Mr. Barlow remetteo huma copia daquelle decreto, e da carta do Duque de Bassano, que o annunciava, a Mr. Russell, em carta datada de 11 de Mayo, naqual elle tambem informou a Mr. Russell que o Duque de Bassano tinha dicto que o decreto lhe tinha sido devidamente communicado a elle Mr. Russell; que Mr. Russell respondéra, em huma carta a Mr. Barlow, datada de 29 de Mayo, que o primeiro conhecimento, que tivera de tal decreto, era o que resultava de sua carta; e que repetidas vezes tinha ja referido isto mesmo a este Governo. O papel marcado (A) he a copia de hum extracto da carta de Mr. Barlow á repartiçãõ de estado, de 12 de Mayo, 1812 (B) a carta do Duque de Bassano a Mr. Barlow de 10 do mesmo mez; (C) o extracto de huma carta de Mr. Barlow a Mr. Russell, de 11 de Mayo; (D) extracto da resposta de Mr. Russell de 29 de Mayo; e (E) a carta de Mr. Russell á repartiçãõ de estado, datada de 30.

O Secretario de Estado participa tambem, que nem o Ministro Francez, nem outra alguma pessoa fez jamais communicacão alguma a este Governo, relativamente ao Decreto de 28 d'Abril, de 1811; senão a que se refere; e que nunca se deo a este Governo explicacão alguma da causa por que se não communicou a este Governo, nem se publicou ao tempo de sua data; nem, em tanto quanto se sabe, aos representantes ou agentes dos Estados Unidos na Europa. Pedio-se ao Ministro da França, que explicasse a causa de hum procedimento, apparentemente tão extraordinario, e digno de objecçãõ; elle respondeo que a primeira noticia que tinha recebido daquelle decreto foi pelo navio Wasp, em huma carta do Duque de Bassano, de 10 de Mayo, 1812; em que elle exprimia a sua admiracão, excitada pela communicacão de Mr. Barlow, de que não tivesse recebido a carta de Mayo, 1811, que se mandou primeiro em que lhe transmittio a copia do decreto para informacão deste Governo. Esperavam se mais explicacões de Mr. Barlow, mas nenhuma se déram. O ponto de vista em que este Governo olhou para esta transacção, foi mencionado pelo Presidente na sua mensagem ao Congresso; e communicado tambem a Mr. Barlow, em huma carta de 14 de Julho, 1812; com as vistas das explicacões, que se pediram ao Governo Francez. Aos 9 de Mayo, de 1812, o Imperador sahio de Paris para o Norte, e dous dias depois o seguiu o Duque de

Bassano. A morte de Mr. Barlow, suspendeo huma negociação para o ajuste das offensas, e arranjamto de nosso commercio, com o Governo da França, negociação que continuava havia longo tempo, e que se diz estava proxima a concluir-se, quando Mr. Barlow morreo. O seu successor, novamente nomeado, esta authorizado a recommençar a negociação, e a concluir-a. Elle tem instrucções de exigir do Governor Francez a reparação de todas as injurias, e huma explicação dos motivos porque se occultou a este Governo o conhecimento do decreto, tanto tempo depois de sua adopção.

Dos documentos a que se refere parece, que Mr. Barlow não perdeo tempo, logo que soube da existencia do decreto Francez de 28 de Abril, de 1811, em pedir copia delle, e remettella a Mr. Russell, o qual immediatamento a apresentou ao Governo Britannico urgindo, sob fundamento desta nova prova da revogação dos Decretos Francezes, que fossem revogadas tambem as Ordens Britannicas em Conselho. A nota de Mr. Russell a Lord Castlereagh, he datada de 20 de Mayo; a resposta de Lord Castlereagh he de 23; na qual promette submeter o decreto á consideração do Principe Regente. Mas parece, que naquelle tempo se não deo motivo a esperar, que se revogariam as Ordens em Conselho, em consequencia daquelle decreto; e que posto que ao depois se alegasse como fundamento de sua revogação; com tudo a revogação se deve attribuir a outras causas. A sua revogação não teve lugar senão aos 23 de Junho; mais de hum mez ao depois que o decreto Francez se apresentou ao Governo Britannico, demora ésta, que de si mesmo indica, em hum periodo de tal momento e tão critico, não sómente negligencia, mas desattenção ao decreto Francez. Podem produzir-se outras provas de que a revogação das Ordens em Conselho Britannicas, não foi produzida pelo decreto Francez. Eu referirei huma, que além do testemunho que se contem nas cartas de Mr. Russell, aqui communicadas, marcadas (G) se julga convincente. Na communicação de Mr. Baker a Mr. Graham, em 9 de Agosto, 1812; que se fundou nas instrucções de seu Governo, na data tão moderna de 17 de Junho; e em que diz elle, que se mandaria para este paiz huma declaração official, propondo huma revogação condicional das Ordens em Conselho, em tanto quanto ellas dizem respeito aos Estados Unidos; não se faz a menor menção do decreto Francez. Huma das condições que então se contemplava era que as Ordens em Conselho se revivessem no fim de 8 mezes, a menos que o comportamento do Governo Francez, e o resultado das communicações com o Governo dos Estados Unidos, fosse tal

que, na opiniaõ do Governo Britannico fizesse que se revivessem: condiçaõ que prova incontestavelmente, que o decreto Francez naõ foi considerado pelo Governo Britannico com fundamento sufficiente para a revogaçaõ das Ordens em Conselho. Prova tambem que, naquelle dia o Governo Britannico tinha resolvido naõ revogar as Ordens sobre a base daquelle decreto; visto que a revogaçaõ proposta tinha de depender, naõ do que o Governo Francez havia ja feito, mas sim do que elle poderia fazer para o futuro; e dos arranjamientos em que se devia entrar com os Estados Unidos, independentes da revogaçaõ Franceza.

O decreto Francez de 28 de Abril, 1811 foi transmittido aos Estados Unidos pelo navio Wasp, navio publico, que havia muito tempo tinha estado esperando nos portos da Gram Bretanha, e França, pelas cartas do nosso Ministro, relativas a estes importantissimos negocios, com ambos os Governos. Recebeo-se na repartiçaõ de estado aos 15 de Julho, 1812; quasi hum mez depois da declaraçaõ de guerra contra a Gram Bretanha, a noticia da revogaçaõ das Ordens em Conselho naõ foi recebida senaõ pelo meado do mez seguinte. Portanto, era impossivel que nem hum nem outro destes actos, em qualquer ponto de vista que se olhassem, pudessem ser tomados em consideraçaõ, ou tivessem influencia alguma na decisaõ daquelle importante acontecimento.

Se o Governo Británnico estivesse disposto a revogar as suas Ordens em Conselho, em conformidade do principio que professa, tello movido, e com a condiçaõ, que elle mesmo tinha prescripto, naõ havia razaõ para demorar a sua revogaçaõ até que se produzisse hum decreto, tal como o de 28 de Abril de 1811. A declaraçaõ do Governo Francez de 5 d'Agosto, de 1810, tinha plenamente satisfeito a tudo que o Governo Britannico exigia, segundo seus mesmos principios, naquelle ponto. Por elle se declaravam revogados os decretos de Berlin e Milaõ, para ter isso effeito no 1 de Nõvembro seguinte, no qual dia teve effeito. A unica condiçaõ, que se lhe ajunctava, era; que ou a Gram Bretanha seguisse o exemplo, e revogasse as suas Ordens em Conselho; ou que os Estados Unidos, puzessem em vigor contra ella o seu Acto de Nãõ importaçãõ. Esta condiçaõ era de sua natureza subsequente, naõ precedente, reservando á França o direito de reviver os seus decretos, no caso em que se naõ executasse nenhuma das alternativas. Por esta declaraçaõ se punha inteiramente no poder da Gram Bretanha o terminar esta controversia da maneira mais honrosa para ella. A França lhe tinha cedido o terreno, debaixo da condiçaõ, com que a Gram Bretanha tinha declarado que deseja conformar-se. Se ella satisfizesse a

isto, o Acto da não-importação não se teria posto em vigor, nem se podiam reviver os decretos Francezes. Recusando acceder, ella se fez responsavel por tudo que se seguiu depois.

Pelo decreto de 28 de Abril 1811, se disse, que estávam definitivamente revogados os decretos de Berlin e Milão; e se declarava; que o fundamento daquella revogação era o acto de Não-importação contra a Gram-Bretanha. A revogação, annunciada pela declaração de 5 de Agosto, 1810, era absoluta e final, excepto quanto á condição que lhe era subseqüentemente annexa. Este ultimo Decreto reconhece, que aquella condição se tinha executado, e renuncia o direito de o reviver, em consequencia, daquella execução; e se estende retrogradando ao 1 de Novembro, o que confirma todas as circumstancias da revogação precedente. O ultimo acto portanto, quanto a revogação, não he outra cousa senão a confirmação do primeiro. He neste sentido que aquelles dous actos se deviam entender em França. Ate no mesmo sentido que o devem entender as outras Potencias.

Revogando as Ordens em Conselho sob o pretexto do Decreto Francez de 28 d'Abril de 1811, o Governo Britannico tem concedido, que as devia ter revogado ao tempo da declaração de 5 d'Agosto de 1810. He impossivel fazer distincção entre os dous actos, ou separar hum do outro, de maneira que se possa justificar com principios solidos, e consistentes, a revogação das Ordens em Conselho sob o fundamento de hum acto, e negar a sua revogação, pelo outro. O segundo acto faz a revogação definitiva mas porque razão? Porque se tinha posto em força o Acto de Não-importação, contra a Gram-Bretanha; na conformidade da condição subseqüente, affixa á primeira revogação; e sua negativa em não revogar as suas Ordens em Concelho. Estando o acto ainda em força, e sendo nelle expressamente fundado o Decreto de 28 de Abril de 1811, a Gram Bretanha revoga as suas Ordens em Concelho, sobre a base deste ultimo Decreto. A conclusão he, portanto, irresistivel, de que por esta revogação, vistas todas as circumstancias do caso, o Governo Britannico tem reconhecido a justiça das pretensões dos Estados Unidos em esperar a revogação na primeira occasião. Aceitando a ultima revogação, sanccionou a precedente; tem tambem sancionado o comportamento deste Governo, em pôr em execução o Acto de Não-importação contra a Gram Bretanha; fundado na revogação precedente.

Desta revogação do Governo Britannico resultam outras importantes consequencias. Por conclusão obvia e justa, a aceitação do Decreto de 28 de Abril, de 1811, como fun-

damento da revogação das Ordens em Concelho, se devia entender retrocedendo ao 1. de Novembro, 1810, dia em que teve effeito a revogação precedente. O Secretario de Estado tem plena confiança, que se a disputa podesse ser submettida ao juizo de hum tribunal de justiça imparcial, tal houvera sido a sua decisaõ. Elle confia igualmente, que tal será o juizo que pronunciará sobre isso o mundo illuminado, e imparcial. Porém, se estes dous actos se podessem separar hum do outro, de maneira que este podesse ter sido a base da renovação das Ordens em Conselho, distinctamente do primeiro ; segue-se que, trazendo a data de 28 de Abril, de 1811, a revogação devia ter relação daquella data. Na interpretação legal, entre as naçoens, assim como entre os individuos, devem olhar-se os actos desde o tempo em que começam a obrar; e quando elles impõem á outra parte huma obrigação moral ou politica, aquella obrigação começa com o principio do acto. Porém tem-se argumentado, que o decreto Francez não foi promulgado, nem notificado ao Governo Britannico, senão hum anno depois de sua data. Esta objecção não tem vigor. Aceitando hum acto, cuja data he de hum anno anterior á sua promulgação, admite-se que no intervallo não se fez cousa alguma repugnante a elle. Não se pode presumir, que Governo algum aceitasse de outro, como base sobre que fundava huma medida importante, hum acto de data anterior e remota, empenhando-se em certo curso de comportamento de que aquelle mesmo Governo se tinha desviado, e que tinha violado, durante o intervallo. Se qualquer Governo violasse hum acto, cujas determinaçoens éra obrigado a observar por outro anterior, relativamente a outra parte interessada; e que professava ter observado, antes de sua aceitação pela outra parte, não se podia presumir que deixaria de o violar depois da aceitação. A conclusão he irresistivel, que se o outro Governo aceitou tal acto, com o conhecimento de sua violação antecedente, fundamentando nelle alguma medida de sua parte: tal acto deve ter sido somente o motivo apparente; e não o motivo real de tal medida.

(Continuar-se-ha.)

EUROPA.

PRUSSIA.

CONTINUAÇÃO

Dos Bulletins do Exercito combinado do Norte de Alemanha, Commandado por S. A. R. o Principe de Suecia.

No. XIII.

Quartel-general de Leyda, Septembro 12, 1813.

O Principe da Corôa mudou o seu quartel-general hontem á noite para este lugar. Muitos dos officiaes que ficaram prisioneiros na ponte de Torgau, affirmáram hontem que o Principe de Moskwa estava morto. Outros dizem que o viram na cabeça de ponte exhortando as suas tropas a defendella. Os mesmos officiaes referem, que poucos momentos antes que as columnas Suecas e Russianas apparecessem na planicie, o Principe de Moskwa se poz á frente da reserva, composta de duas divisoens, e marchando contra o exercito Prussiano, exclamou, "A victoria he nossa: dentro em dous dias estaremos em Berlin." Elle porém, demorou a marcha, vendo a multidão dos batalhoens, que chegávam; e a desordem se fez completa, com a chegada da cavallaria.

As divisoens do exercito Prussiano, que soffreram mais, se estão reorganizado, e concertando as suas perdas. He difficil mostrar mais valor, ou mais perseverança, do que mostráram os soldados novos Prussianos. O batalhão do Landwehr se pôde agora comparar ás melhores tropas da Europa.

Não existem zelos alguns no Exercito Combinado. Elle apresenta a pintura de huma familia de homens valorosos, que tem jurado vencer ou morrer na defesa da honra de seus Soberanos, e da liberdade da Europa.

O General Winzingerode ja se moveo cruzando o Elbe, com alguns milhares de Cossacos; e o General Czernicheff ja occupa Dessau e Cothen.

O exercito está juncto ao Elbe, e se ajunctam materiaes em muitos pontos para a passagem daquelle rio. Tres mil homens Prussianos do Landsturm passaram o Elbe em Leutzen, para o fim de proteger os antigos subditos de Prussia.

O Landsturm da Pomerania Sueca ja tem estado em serviço activo. Dous mil cidadaons de Stralsund se offereceram voluntariamente para trabalhar nas fortificaçoens daquelle praça.

As participaçoens de nossos agentes secretos em Leipsic referem, que chegaram ali correiros, annunciando a entrada das tropas Austriacas em Munich.

No. XIV.

Quartel general Koswig, 14 de Septembro, 1813.

O Principe da Coroa mudou o seu quartel general para este lugar, antes de hontem.

O exercito tem feito hum movimento geral para o Elbe. Elle está occupado com os meios de obter pontos fortes juncto áquelle rio, a fim de auxiliar o Grande Exercito.

Os exercitos do centro, commandados pelos Generaes Blucher, e Benigsen, se aproximaõ a Dresden. O Capitão Sueco Platen, dos hussares de Morner, que foi mandado a effectuar huma junção com o General Blucher, conseguiu o seu fim nas vizinhanças de Bautzen.

O ardente dezejo de Napoleaõ, de annihilar o exercito do Norte de Alemanha, tem occasionado áquelle Soberano muita perda de tempo, e muita gente em marchas, e contra marchas. A fim de sustentar as operaçoens do Marechal Principe de Ragusa, em Hoyeswerda, aos 7 de Septembro, este corpo, com a força de 25,000 homens teve ordem de marchar para Berlin, a fim de effectuar huma junção ali com o Principe de Moskwa. Por tanto se devia mandar hum forte destacamento para o flanco direito do General Blucher e obrigarlo a retirar-se. O Duque de Ragusa chegou a Hoyeswerda na manhaõ do dia 8; porem recebendo a noticia da batalha de Dennewitz, se retirou apressadamente duas horas depois; marchando por Konigsbruck para Dresden, aonde o Imperador Napoleaõ, que o precedeo, entrou na manhaõ de 9.

Duas vezes o Imperador Napoleão com as suas guardas, e o corpo do Duque de Ragusa fez movimentos offensivos: e duas vezes, obrigado pelas circumstancias, se retirou com precipitação e perda.

Na retirada de 8, o corpo do Duque de Ragusa foi atacado em Hoyeswerda, pelo destacamento do Coronel Figner, das guardas Russianas. O coronel, á frente de 800 cavallos, perseguiu o Duque de Ragusa até Konigsbruck matou-lhe muita gente da sua retaguarda, e tomou-lhe mil prisioneiros. Continuando sem intermissãõ o seguimento do inimigo, este official se encontrou com a bagagem, tomou a maior parte della, matou-lhe muita gente, trouxe 400 cavallos de puchar. Voltando depois para Grossenhayn, derrotou dous esquadroens do inimigo, pertencentes á divisaõ de Girardin. Pessoas, que este official mandou para Dresden, o asseguraram, quando voltáram, que aquella cidade estava provida de mantimentos, e necessarios do exercito somente para 15 dias; e nada restava para os habitantes.

A corte de Saxonia, antigamente taõ feliz, e tranquilla, vê agora a sua capital exposta a todos os horrores de hum sitio. O mesmo Rey, que era abençoado por seus subditos, he agora huma miseravel testemunha das calamidades que opprimem o seu povo, sem que lhe seja possivel alliviallas; e sem outro prospecto mais do que o vellas ainda mais aggravadas.

A nação Saxonia conhece a sua humiliação, e a de seu Soberano; e dezeja tornar a assumir a sua graduação entre os Estados independentes: ja se manifesta hum espirito patriotico; e bem depressa se veráõ na Saxonia 100,000 homons armados, em defeza dos interesses da Alemanha, e da grande cauza da Europa.

A legião Saxonia se está formando ao mesmo tempo que a de Baden; e os Alemaens podem mostrar, que são dignos de seus antepassados. He de esperar, que, em breve tempo, todas as naçoens desde as costas de Baltico até as margens do Rheno se levantarão em massa, e repulsarão os oppressores do Continente para a margem esquerda daquelle rio. O temor ja os não póde assustar; porque 400,000 guerreiros victoriosos estão promptos em todos os tempos para os socorrer e ajudar.

Os Alliados não tem designios contra a França: elles amam, elles respeitam os, Francezes; porem estão determinados a não ser governados senão por seus proprios Principes, e por suas leys. Se os Francezes do dia de hoje são dignos daquelle glorioso nome, elles se deixarão de pelejar por huma causa, que tem trazido tantas calamidades ao genero humano, e que expoem a sua reputação a tanto perigo.

Segundo as noticias de Italia, o Vice Rey foi completamente derrotado pelo exercito do General Hiller.

Hum desertor, que chegou neste momento de Leipsic, refere que o Duque de Dalmacia, Sault, foi outra vez derrotado no terreno Francez, pelo Marquez de Wellington.

A molestia do General Lagerbring, Chefe do Estado-maior do exercito Sueco, privou o exercito, por algum tempo, de seus serviços. O General Von Sparre supre o seu lugar, e cumprira com estes deveres entanto quanto as occupaçoens deste official lhe permittirem.

O Principe Carlos de Mecklemburg Schwerin tem tomado o commando do Landsturm do paiz.

Pequenos destacamentos tem ja passado o Elbe, e tem atirado mutuamente alguns tiros de espingarda, com os postos avançados Francezes.

No. XV.

Quartel-general de Zerbst, 16 de Septembro, 1813.

O Principe da Coroa mudou hontem o seu quartel-general para esta cidade. O General Czernicheff passará hoje o Elbe com hum corpo de cavallaria e artilheria. Elle levará o terror á retaguarda do inimigo, e effectuará huma junção com os partidarios do grande exercito de Bohemia.

O Capitão Russiano Fabeck, pertencente ao corpo do General Czernicheff, que tinha ja passado o Elbe, avançou para Naumburg, aonde achou o General Thielman com perto de 1,000 cavallos. O Capitão Fabeck, que se lhe tinha unido com 80 Cossacos somente, atacou o inimigo em Querfurth e tomou prisioneiros hum Coronel Bavaro hum Tenente-coronel Francez, 40 officiaes, e 500 soldados! Elle entregou os soldados ao regimento de Cossacos do corpo do General Thielman, e mandou todos os officiaes para esta parte do rio.

As noticias de Cassel referem, que reyna a maior consternação naquella cidade, e paizes adjacentes. Os membros do corpo diplomatico estão fazendo preparaçoens para a sua partida. O Ministro Francez, Reinhardt, manifestá grande inquietação.

O Principe de Eckmuhl ainda occupa a linha por detraz do Steckwitz; e aos 12 do corrente tinha o seu quartel general em Ratzeburg. Tinha destacado o General Pe-

cheux com 8 ou 9 mil homens para Magdeburg. O General Conde Walmoden foi informado deste movimento por cartas, que têm sido interceptadas, na margem esquerda do Elbe. Elle partio com parte de suas forças para Domitz, a fim de vigiar os movimentos do inimigo, e se se offerecesse occaziaõ de obrar offensivamente contra elle.

A guarda avançada do exercito do General Blucher, estava nos 13, em Bautzen, e continuou o seu movimento para Dresden, perseguindo as tropas Francezas, á proporçaõ, que estas se retirávam. Hontem se receberam noticias do General Wobeser, que esta em Falkenberg, diante de Herzberg, aonde o General Tauenzien tem o seu quartel-general; elle refere que dous corpos d'exercito do inimigo, sob o commando do Rey de Napoles, com 13 regimentos de cavallaria, estavam na margem direita do Elbe. As patrulhas avançaram para a posição do General Wobeser; e tentaram interceptar hum comboy de mantimentos, porem sem bom successo.

Os Generaes Blucher, e Benigsen daraõ boa conta destes dous corpos, se elles não tornarem a passar para a margem esquerda do Elbe. O General Tauenzien obrara consequentemente de concerto com o exercito Alliado, de quem elle forma a esquerda.

O quartel-general das tropas Succas esta em Roslau. A vanguarda esta ja na margem esquerda do Elbe, e adiante os seus postos avançados até Dessau. O General Bulow, tem o seu quartel-general em frente de Wittenberg; o cerco começara immediatamente. A guarnição desta praça foi reforçada.

PROCLAMAÇÃO.

O Principe da Coroa de Suecia aos Saxonios.

SAXONIOS!—O Exercito Combinado do Norte da Alemanha tem passado as vossas fronteiras; não para fazer a guerra ao povo de vosso paiz: mas somente para atacar os seus oppressores.

Vós não podeis deixar de desejar ardentemente o bom successo de nossas armas, cujo objecto só he reviver a vossa arruinada prosperidade, e restabelecer o vosso Governo no seu esplendor e independencia. Nós continuamos a considerar a todos os Saxonios como amigos. A vossa propriedade sera respeitada; o exercito observará a mais exacta disciplina, e as suas necessidades serãõ suppridas da ma-

neira menos pezada ao vosso paiz. Não desampareis as vossas casa's, continuai como d'antes nas vossas occupaçoens usuaes.

Bem cedo importantes acontecimentos vos libertaraõ do perigo de huma politica ambiciosa. Sede dignos descendentes dos antigos Saxonios, e se o sangue Alemão tem de derramar-se, seja pela independência da Alemanha, e não para o prazer de hum simples individuo, com quem não estais ligados por laço algum, nem por interesse algum commum. A França he bella, e assaz extensa; os conquistadores da antiguidade se contentariam com tal Imperio. Os mesmos Francezes desejam voltar aos seus limites, que a natureza lhes tem prescripto. Elles odiam a tyrannia, posto que lhe sejam subordinados. Aventurai-vos por fim a dizer-lhes, que estais resolvidos a ser livres; e estes mesmos Francezes vos louvaraõ; e elles mesmos vos animaraõ a perseverar em vossa generosa empreza.

CARLOS JOAÕ.

Quartel general de Juterbock, 10 de Setembro, 1813.

No. XVI.

Quartel-general de Zerbst, 20 de Setembro.

O General Von Puttlitz, que está encarregado da observação de Magdeburgo, se acha postado em Mockern: elle enviou varios destacamentos de infantaria para a margem esquerda do Elbe.

Duas companhias do regimento de Joseph Napoleão, compostas de 164 homens, com o seu chefe de batalhão, e outros dous officiaes, se passáram para as nossas avançadas em Biederitz, na noite de 16 para 17 de Setembro. Elles tiveram permissão de conservar as suas armas, e foram levados ao quartel-general de S. A. R., d'onde serãõ mandados para Hespanha, pela via de Stralsund.

Parte do Landsturm de Priegnitz, debaixo do commando do Major Von Puttlitz, cruzou o Elbe, e tomou posse das vizinhanças de Sechhausen e Ostenburg. Elle protege os habitantes de Marca Antiga de Brandenburg contra as requisiçoens de partidas errantes, e Governo de Westphalia.

O Tenente-general Conde Walmoden, tendo recebido informação de que o Principe de Eckmuhl tinha destacado a divisaõ do General Pecheux, para a margem esquerda do

Elbe, passou aquelle rio em Donitz, e na sua marcha, aos 16, se encontrou com o inimigo. O General Pecheux se tinha postado vantajosamente nas alturas por detraz de Goerde. Começou a canhonada; o ataque feito pelos atiradores de Lutzow e Reiche, e os bem combinadós movimentos das columnas de infantaria, forçaram o inimigo a deixar as alturas, e formar-se em massa na planicie. Ao momento em que as nossas columnas tinham chegado até as alturas, a cavallaria, e os Cossacos appareceram no flanco esquerdo do inimigo. Não obstante isto, elle fez huma obstinada defeza, sustentou hum vivo combate com a infantaria, e repulsou varios ataques da cavallaria. Com tudo depressa foi obrigado a ceder á artilheria, parte da qual seguiu de mui perto a infantaria. Sendo o inimigo repetidas vezes atacado pela infantaria, de varios lados, dezejou accelerar a sua retirada; e desde então a sua desordem foi completa; porque cahio sobre elle tanto a infantaria como a cavallaria. O corpo do inimigo teria sido totalmente destruido, senão fosse o chegar a noite, e ser o terreno escabroso, o que fez que se salvasse huma parte. O campo de batalha ficou cuberto de mortos e feridos. Tomamos 8 peças d'artilheria, 12 carros de munição, e grande quantidade de bagagem. O General de brigada Meilzinski, dous ajudantes do General Pecheux, e mais de 1,000 homens, ficaram prisioneiros. Ainda no dia seguinte se apanharam prisioneiros em todos os lados; de maneira que o todo chega a perto de 1,800 homens. O General Pecheux perdeu o seu cavallo, e escapou-se a pé. O resto de sua divisão se esta retirando em desordem para Bleckede; perseguido pelos Cossacos, debaixo do commando do General Tettenborn.

A nossa perda consiste em 30 officiaes e 400 soldados mortos ou feridos. Os maiores Von Lutzou, Firks, e Schasser, estão feridos; o Major Devaux foi morto. Todas as tropas debaixo do commando do Tenente general Conde Walmoden andaram ás invejas humas das outras, neste dia, qual mostraria mais zelo, e valor. O terceiro regimento de husares Inglezes, o 1. da Legião, e varios outros batalhoens das Legioens Ingleza e Russiana, se distinguiram muito. Os atiradores de Lutzou e Reiche tomaram a primeira peça. A artilheria Ingleza, e os corpos de fogueteiros merecem os maiores louvores.

Durante este ataque, o inimigo avançou, com alguns milhares de homens contra Boitzenberg porem sem nenhum effeito. O General Walmoden mudou o seu quartel-general, aos 17, para Dannenberg, para ficar mais perto, e poder melhor observar aquella parte do corpo d'exercito do Principe de Eckmuhl, que ficou na margem direita do Elbe.

O grande exercito unido de Bohemia deve ter ganhado

novas vantagens; as contas officiaes ainda não chegaram. Sabemos por noticias particulares de Leipsic, que na noite de 16, 8,000 de cavallaria, 2,000 dos quaes estavam desmontados, e varias peças d'artilheria desmontadas chegaram ali. O hospital de campanha foi trazido de Dresden para Leipsic, e parte d'elle se passou até Merseburg.

A falta de forragem em Dresden he tão grande, que ha algum tempo, que morrem todos dias 200 cavallos.

O General Thielman apprisionou em Weissenfels, hum general, 37 officiaes, e 1,200 soldados. Aos 14, os Cossacos tomaram em Wartzen hum comboy de carros carregados de trigo, que era destinado para a guarnição de Torgau, e era escoltado por hum batalhão Saxonio. O Coronel Von Menzdorf interceptou correiros, cujas cartas expõem o estado de abatimento do exercito Francez.

O General Blucher tem o seu quartel-general em Bautzen, pela sua ala direita, combina as suas operaçoens com as do exercito unido do Norte d'Alemanha, e pela sua ala esquerda se comunica com o exercito de Bohemia. Tendo recebido noticia de que o 6. corpo d'exercito do inimigo marchava para Grossen Hayn, o General Blucher mandou marchar para Camenz o corpo do General Sacken. A vanguarda deste corpo perturbou o inimigo todo o dia 15 e 16. O 6. corpo do exercito retrocedeo para Dresden, e o 1. corpo de cavallaria se poz em movimento para seguir a infantaria. O General Conde Tauenzien se preparava para o seguir.

O General Wurtemburgez, Franquemont, se tinha queixado ao General Delort, chefe do estado maior do 4. corpo, que as suas tropas andavaõ sempre em avançada na vanguarda, e na retirada, na retaguarda. Aquelle general lhe respondeo: "Deveis estar satisfeito que isso assim seja: he do nosso interesse que vos todos sejaes mortos; porque do contrario, bem depressa vos voltareis contra nos."

A Dinamarca, que tem cedido ás ameaças e ardilez do Barão Alquier, aos 3 de Septembro declarou guerra á Suecia. He estranho, que nesta declaração, as hostilidades previamente commettidas contra a Suecia, tanto por mar como por terra, se passassem em silencio: Nos esperamos que o Governo Dinamarquez, sendo informado das occurrencias no progresso da guerra, percebera finalmente o perigo que corre; e obrigado pelo total desarranjo de suas finanças, tomará a resolução, e aceitará as proposiçoens, que se lhe fizeram. Do contrario, se aquella Corte não se unir á cauza commum senão quando esta tiver triumphado, não tera nisso merecimento, nem sera de utilidade alguma o alcançar-lhe condiçoens moderadas. Todo o Norte vê, com

pezar, a illuzão do Governo Dinamarquez. O Ministro Alquier, que ali he conservado, deve elle mesmo admirar-se do poder e effeito de suas ordens. Ao momento em que todos os principes da Confederação do Rheno, se estão preparando para sacudir o jugo; he difficiloso explicar a razão da submissão da Corte de Copenhagen.

N.º XVII.

Quartel general de Zerbst, 22 de Setembro de 1813.

O General Howaiski, com os seus Cossacos, e o General Von Dobschuss, com 4 esquadroens, que fazem parte da guarda avançada do General Tauenzien, se encontraram, aos 19 do corrente, entre Borack e Schwediss, com o 1.º, 8.º, e 19.º regimentos Francezes de caçadores de cavallo, atacaram-nos com tam bom successo, que destes 3 regimentos apenas se escaparam 30 homens. O Coronel Talleyrand, 2 tenentes coroneis, e 16 officiaes, e 500 homens ficaram prisioneiros, o resto foi morto ou ferido. Huma circumstancia notavel, e que sómente se pode attribuir á falta de uniaõ que reyna nas tropas do inimigo, he, que toda a nossa perda consistio em hum só Cossaco ferido. O General Dobschuss occupou Cosdorf e Muhlberg. O General Wobeser observa Torgau. Dous grandes botes, que vinham pelo Elbe abaixo carregados de muniçoens e vestuario para a guarnição desta ultima fortaleza, foram tomados. O Capitão Von Zeunert, que fora mandado com 30 homens do Landweher, de cavallo, para a margem esquerda do Elbe, destruiu os entrincheiramentos, construidos junto a Rogatz. O inimigo mandou de Wolmirstadts 100 homens, para impedir isto; porem o Capitão Zeunert cahio sobre elles, á frente dos seus 30 homens, e depois de huma obstinada resistencia os passou á espada. Tomáram-se alguns prisioneiros que todos estavam feridos. O mesmo Capitão Zeunert ficou gravemente ferido nesta acção.

O Coronel Bjornstjerna, tendo sido destacado com as tropas Suecas para a margem esquerda do Elbe, marchou aos 20 para Kemberg, na esperanza de surprender ali huma companhia de Polacos; mas estes tinham ja deixado o lugar, e tomáran o caminho de Leipsic. O coronel foi por fim reconhecer a cabeça de ponte, junto a Wittenberg, e tomou junto mesmo á artilheria da praça hum corpo avançado, e hum correio que trazia varias cartas. Entre estas ha varias do Go-

vernador-general L  poype, dirigidas ao Marechal Ney, Duque de Elchingen; ao Duque de Reggio; e aos generaes Regnier, Narbonne, e Margaron. O contheudo destas cartas mostra, n  o sómente que os soldados, mas ate mesmo os officiaes e sargentos daquella fraca guarni  o de Wittenberg, desertam todos os dias.

O General Conde Walmoden refere, em data de 19, que o General Tettenborn perseguio o inimigo na sua fugida para Bleckede e Brackede, Lunenburgo, Winsen, e mesmo até Harburg; em toda a parte temos apanhado soldados, que ficavam atraz. O General Pecheux se escapou com 500 ou 600 homeas, que ajunctou em Lunenburg, aonde chegou na manhã do dia seguinte ao da batalha, e procedeo em sua marcha para Winsen, e Hopte, sem parar. O general inimigo Osten tinha ido adiante com hum destacamento de Harburg para Winsen, mas deixou aquelle lugar, quando o nosso destacamento se aproximou: ainda se acham dispersos pelo caminho muitos feridos. O numero de prisioneiros tem crescido a 1,300 durante o seguimento foram tomadas as bandeiras, pertencentes ao regimento 3 de linha. Aos 18, o inimigo fez hum grande reconhecimento de Mollen, para a parte de Zarrentien; e por fim atirou com sigo para traz, indo com a sua ala direita contra Boitzenburg. O Conde Walmoden recebeu ordens de atacar o Principe de Eckmuhl, com as suas forças unidas. Elle he sustentado por 15,000 homens do Landsturm de Mecklenburg, sob o commando do Principe Hereditario.

A leva em massa se ésta organizando em toda a parte, na margem direita do Elbe. Este exemplo bem depressa será seguido na margem esquerda do Elbe, e em breve se extendera huma guerra nacional desde o Elbe até o Rheno, semelhante áquella com que começou a liberta  o da Hespanha. Os chefes dos districtos esperam somente signal para ajunctar as suas forças; e este momento não esta mui distante.

O General Blucher tem puchado adiante hum forte destacamento para Konigsbruck. O Conde Von Tauenzien tomou posse de Liebenwerda, e Elsterwerda, e da linha por detraz do Elster. O inimigo levantou o seu campo de Stolzenhagen, junto a Elsterwerda, na noite de 19 para 20: calcula-se em 4,000 homens. Segundo as ultimas noticias El Rey de Napoles estava em Grossen Hayn.

O Imperador Napoleão em pessoa, aos 17, atacou o posto de Nollendorf, nos estreitos passos da Bohemia, porém foi repulsado pelos corpos Austriacos dos generaes Colloredo, e Meerveld, com perda de 7 peças de artilheria, 1 estandarte,

e 4,000 prisioneiros, e o General de Brigada Kreutzer, que foi tomado.

O exercito unido do Norte d'Alemanha tem tomado mais de 28,000 prisioneiros desde o fim da tregoa. Desde 17 de Agosto até 18 de Setembro passaram por Berlin, como prisioneiros de guerra, 18,257 soldados, e 299 officiaes; e mais de 2,000 se acham de caminho para aquella cidade; de 2 a 3,000 ficam doentes nos hospitaes de Juterbock, Treuenbrietzen, Belzig, e Brandenburg; e o corpo d'exercito sob o Conde Walmoden, que manda os seus prisioneiros para Stralsund, tem tomado mais de 4,000. Se accrescentarmos a este numero o dos mortos, e extraviados, podemos contar, que a perda total do exercito opposto ao do Norte da Alemanha, não he menos de 45,000 homens desde 17 de Agosto.

Os prisioneiros tomados pelo exercito sob o General Blucher, e grande exercito de Bohemia, chegam a 40,000. Podemos por tanto sem exaggeração calcular a perda do inimigo, desde a renovação das hostilidades em mais de 100,000 homens, e 250 peças de artilharia.

Se, como ha razão de esperar, a Baviera e Wurtemberg se unirem á causa da liberdade da Alemanha, o Imperador Napoleão não terá mais de 150,000 homens, que oppor aos Alliados.

El Rey de Dinamarca, mandou sahir o ministro Prussiano, e deo como causa disso, que como a Prussia esta em guerra com o Imperador Napoleão, não se podia soffrer por mais tempo a presença daquelle ministro em Copenhagen. Esta corte trabalha por se justificar com os alliados, por causa da sua declaração contra a Suecia, e pretende ter dado aquelle passo, meramente para evadir incessantes instancias do Barão Alquier, que pedia 10,000 homens mais, para serem mandados para o Holstein. Nisto porém parece que ha huma vasta differença, entre a intenção e o acto.

O inimigo ja não tem posição forte na margem esquerda do Elbe, de Wittenberg até Schernbeck. Os seus postos avançados estão entre este ultimo lugar, e Magdeburgo. O General Czernicheff está em Bernburg, o Major Von Roseusten em Rosenberg o menor, e o Major Czeczanski em Zoerbig. As partidas destacadas tem penetrado até Halle, aonde se pozéram em connexão com o General Thielman, e dali até Delttsch e Billerfeld, e na ala esquerda até Egein e Wantzleben. Elles somente poderam tomar hum pequeno numero de prisioneiros; porque nunca acharam o inimigo com força consideravel. O Major Von Lowenstem tomou hum transporte de 1,300 medidas de cevada e outros provimentos, que se destinavam para Magdeburgo.

A vanguarda do exercito Russiano, commandada pelo Conde Von Woronzoff, está em Acken (na margem esquerda do Elbe.) A vanguarda Sueca, debaixo do commando do General Schulzenheim, está em Dessau.

O Principe da Coroa tem confiado o cerco de Wittenberg ao General Bulow.

No. XVIII.

Quartel-general de Zerbst, 26 de Setembro, 1813.

Aos 21 ao romper do dia, dous officiaes Saxonios appareceram ante os postos avançados Suecos em frente de Worlitz, e os informaram de que os seus batalhoens, se passariam para nos. O Coronel Bjornstierna, acompanhado por alguns hussares, foi ter á frente dos batalhoens para os receber. O seu commandante, o Major Von Bunau, declarou, em nome de toda a sua tropa, que desejava combater debaixo das bandeiras de Sua Alteza Real pela liberdade da Alemanha. Este batalhão he o primeiro do regimento d'El Rey: a sua força chega a 8 officiaes e 360 soldados. Entrou em Worlitz com bayonetas fixas, e tambores batentes; e terá o nome de 1. batalhão da Legião Saxonica d'El Rey. Em tres dias, ao mais tardar, se completara a 800 homens.

O official Cossaco Obreis, que foi destacado com 30 homens, aos 23 junto a Goldwitz, tomou hum capitão, 2 officiaes, e 40 dragoens Saxonios, prisioneiros, depois de hum ligeiro combate.

Seis barcas canhoneiras Suecas, commandadas pelo Capitão Kruger, canhonearam com bom effeito a cidade de Stettin, o suburbio de Damm, e as baterias que ligam estes dous lugares.

Aos 24 de Agosto, se desmontaram tres peças em Damm. O Tenente-coronel Fermain, o seu ajudante, hum sargento-maior, e varios soldados fôram mortos; e grande numero feridos, da parte do inimigo. Aos 30 de Agosto, a porta de Damm foi arrombada a tiros de artilharia: e no 1. de Setembro, se dirigio o fogo contra a mesma cidade. As barcas tiveram alguns homens mortos nestas acçoens.

Para attrahir a attenção da guarnição de Wittenberg da parte aonde se tinham aberto as trincheiras, e diminuir portanto a nossa perda, recebeo o General Bulow ordens de bom-

bardear a praça da parte opposta. As 2 horas da tarde de 24 mandou atacar os suberbios. As judiciosas disposiçoens, que fez o General Hirschfeldt, fizeram com que o ataque fosse completamente bem succedido. Os suberbios fôram tomados, e o inimigo repulsado em todos os pontos: nós tivemos poucos feridos, e nem hum só homem morto. Este ataque faz grande honra ao General Hirschfeldt.

Abriam-se as trincheiras da parte de Luthersbrunn, na noite de 24 para 25: o bombardeamento começou na mesma noite, e se incendiaram varias partes: o fogo continuou desde as 10 horas da noite até ás 5 horas da manhã seguinte. Podia distinguir-se o fogo das torres de Leipsic e Dresden. Ao mesmo tempo se abriu segunda parallela, da parte do castello. A cavallaria do Conde Woronzow guarnece Halle, Querfurth, Erusleben, Bernsburg e Halberstadt.

Esteve em Quedlinburg hum destacamento. Parte desta cavallaria formou huma junção com o grande exercito de Bohemia, e marchou para a retaguarda do General Lefebvre, que escaranuçava com o General Thielmann. Em Leipsic tudo esta na maior confusão. Esta cidade ja não pôde pagar as contribuiçoens de dinheiro, mantimentos, e cavallos, que se lhe impoem de todas as partes. O povo esta reduzido a tal gráo de miseria, que as authoridades, que levam estas ordens tem tudo que temer. Os soldados Francezes estão cançados, e enfiados de huma guerra sem objecto a que elles chamam guerra de assucar e caffè.

O General Czernicheff partio para huma expedição secreta, com hum corpo de 3,000 cavallos.

O Major Hellwig, do corpo do General Bulow, abriu, na margem esquerda do Elbe huma communicação com a vanguarda do General Schulzenheim, em Dessau.

O Feld-marechal, Conde Stedinck, mandou construir obras consideraveis acima de Rosslau, e entre o Elbe e o Mulda. O General Baraõ Winzingerode esta formando a cidade de Achen em huma fortaleza.

O governo militar entre o Oder, e o Vistula tem posto todo o Landsturm na margem direita do Oder, debaixo das ordens do general commandante dos sitios de Stettin e Custrin. Este Landsturm formará huma massa de perto de 55,000 homens em huma linha de 7 milhas Alemaãs. O Landsturm na margem esquerda do Oder produzirá na mesma extensão igual numero de gente. Esta força não he certamente necessaria, em conjunção com as tropas de linha, para accelerar o rendimento destas praças. Consequentemente em huma linha de 14 milhas Alemaãs ha ja organi-

zada huma massa de 100,000 paizanos, que estão promptos a pelear em defensão e protecção de suas casas.

Quando Magdeburgo estiver cercado, se chamará a campo o Landsturm daquella provincia; a cada passo que o exercito Alliado der para diante, achará massas, que o ajudem.

Cartas recebidas de Dresden referem, que o Principe de Neufchatel está mui descontente, e que tem feito as mais urgentes representações, para persuadir o Imperador Napoleão, que faça a paz. Se se tivessem seguido os seus conselhos, a humanidade teria tido menos que lamentar.

No. XIX.

Aos 27 de Septembro começou o inimigo a fazer a sua retirada de Grossenhayn, para cruzar o Elbe em Meissen; e assevera-se, que se está preparando para evacuar Dresden. Os desertores nos asseguram, que os armazens militares daquella cidade foram já queimados; e que os habitantes se acham expostos á mais horrorosa miseria.

O General Conde Tauenzien, sem a menor demora, destacou a sua cavallaria ligeira em seguimento do inimigo: destinam-se varios destacamentos fortes para a margem esquerda do Elbe. A infantaria daquelle general felizmente se unio ja ao corpo de exercito de Blucher. O quartel-general deste, se mudou para Elsterwerda aos 28. O General Benigsen tem estado em Zittau desde os 25; pela actividade unida destes tres corpos se espéra que o inimigo será em breve forçado para traz, para o paiz entre o Elbe, e o Saale.

Wittenberg continua a ser vivamente bombardeada. Na noite de 27 a 28, a cidade estava incendiada em varios pontos; ardeo huma torre do castello, e cahio abaixo.

Alem das bombas, se usam igualmente os foguetes, de baixo da mui habil direcção do Capitaõ Inglez Bogue. A guarnição respondeo aos nossos ataques, com a sua artilheria; mas inteiramente sem effeito: podem os sitiados talvez tentar huma sortida, porem o General Bulow está diante da praça com 30,000 homens; e se for necessario pôde ser reforçado com mais 10,000.

As necessidades de Magdeburgo tem chegado ao seu maior auge. Mais de cem mil familias, que estavam absolutamente sem subsistencia, sahiram daquella cidade. Grande parte da guarnição, que he composta de todas as

naçoens, está doente. A inimidade dos Saxonios e Westphalianos contra o militar Francez, tem arrebetado em violentos disturbios; fizeram-se fogo huns aos outros com armas pequenas, e os Francezes foram obrigados em sua defeza a voltar as peças d'artilheria contra os amotinados. O Imperador Napoleão deo ordem aos seus generaes para tomar Dessau, custasse o que custasse. Recebeo-se informaçãõ disto em tempo sufficiente para se noticiar ao Major-general Schulzenheins, que evacuasse a praça, e se retirasse gradualmente para as obras da cabeça de ponte. Executou-se isto aos 27, entre o meio dia e as 2 horas da tarde. O inimigo não emprehendeo cousa alguma contra o General Von Schulzenheim. O Coronel Bjornstierna, que estava em Worlitz, teve ordens de retroceder para a margem direita do Elbe. Antes de hontem, a partida que cubria os trabalhadores, na cabeça de ponte, fez hum reconhecimento até Dessau. Aquelles postos do inimigo, que se tinham aventurado a sahir da cidade foram rebatidos, e repulsados até as ruas; e a partida de reconhecimento voltou para traz a pôr se de dentro dos entrincheiramentos. Nestas escaramuças tivemos 20 homens mortos, e feridos.

Logo depois recebemos noticias de que o inimigo tinha recebido reforços em Dessau, e estava avançando contra a cabeça de ponte. O Feld-marechal, Conde Stedink, mandou contra elle o Coronel Bjornstierna com 1,000 infantes, e alguns cavallos, e duas peças d'artilheria. O inimigo se retirou appressadamente para a cidade, e fechou as portas. Alguns officiaes moços e soldados, levados de demasiado valor, atiraram com sigo, a pezar da chuva de balas do inimigo das casas e dos muros, a huma porta, e trabalharam por arromballa com machados, mas os pregos e travessas de ferro, fizeram isto impossivel. O Coronel Bjornstierna ordenou ás suas tropas, que se retirassem para a cabeça de ponte. Quando elle tinha chegado á distancia de 100 varas o inimigo abriu a porta, e fez fogo com 3 peças d'artilheria. O coronel fez alto, e respondeo ao fogo com a sua artilheria, marchou contra o inimigo, que tornou a marchar para a cidade; e fechou as portas. A nossa perda consiste em dous officiaes mortos, e alguns feridos; e 3 ou 4 soldados mortos, e perto de 40 feridos. O Coronel Bjornstierna teve 3 cavallos mortos ou feridos. Pela noite, tornou o inimigo a sahir da cidade e tornou a sua direcção para a ponte que atravessa o Mulsia, a qual estava encarregada a hum batalhão, sob o commando do Coronel Aldercreutz. Este valoroso official cruzou a ponte, atacou o inimigo, e o repulsou outra vez para a cidade, cujas portas entãõ se feshãram.

Hontem as 9 horas da manhã, o inimigo se mostrou com hum corpo de 7 ou 8 mil homens, nas vizinhanças de Oranienbaun, entre o Muldau e o Elbe: como nos tinhamos recolhido os nossos postos, o inimigo mostrou symptomas de marchar contra os intrincheiramentos, e de os forçar. O Tenente-general Baraõ Sandels se poz á frente de tres batalhoens, sahio de nossas linhas e foi directamente ao inimigo. Derrotou, e o levou diante de si pelo caminho por onde tinha vindo: por mais de hum quarto de milha Alemanha. Como este general tinha recebido ordens de voltar para a cabeça de ponte, elle as executou com tal precisão, que não poderia ser melhor em hum movimento de parada. O fogo da mosqueteria contra os atiradores, continuou por algumas horas; e o inimigo não emprehendeo mais cousa alguma: segundo o que referem os camponezes o inimigo perdeu mais de 600 homens: Tivemos hum official morto, 10 feridos; e perto de 300 soldados mortos ou feridos.

O Feld-marechal, Conde Von Stedinck, queria passar a noite na cabeça de ponte, e foi necessaria toda a persuasão de S. A. R., o Principe da Coroa, para alcançar d'elle que se abstivesse de tal resolução.

O Tenente-coronel Marowitz, que tinha sido destacado como partidario, para sustentar as operaçoens do General Tettenborn, forçou a sua entrada em Brunswick, surprendeo as tropas ali; e aprisionou hum coronel, e 400 officiaes e soldados.

O Capitaõ Russiano Barotzi foi atacado em Halle, por tropas mui superiores ás suas em numero; mas este valoroso official manobrou tao bem, que repulsou o inimigo, e tomou-lhe alguns prisioneiros.

Hum destacamento, que se mandou contra Merseburg achou a cidade ja evacuada pelo inimigo.

O General Conde Woronzow, tendo sabido que o inimigo se tinha voltado para Cothen, mandou os Capitaens Oreschoff e Lowenstein, que marchassem contra elle, com hum destacamento de Cossacos. Elles se lançaram sobre os tres esquadroens de Uhlanos Polacos, derrotaram-nos, e tomáram prisioneiros o official commandante e 40 soldados.

A communicação do Imperador Napoleão com a França está cortada ao ponto, que os seos mensageiros se vem na necessidade de serem escoltados por divisõens inteiras. Até aqui eram somente as tropas ligeiras quem fazia esta especie de guerra: mas agora, os habitantes de varios districtos principiam a seguir o exemplo dos Hespanhoes e Russianos, fazendo causa commum com os militares dos alliados.

A deserção do exercito do inimigo he mui grande: passam-se para a nossa parte, 30 ou 40 homens todos os dias.

Temos interceptado varios officios do Conde Dernath, Ministro Dinamarquez na Corte de Saxonia, a Mr. Von Rosencrantz. Como estes eram destinados a dar á Corte de Dinamarca a informaçãõ necessaria, relativamente ao estado dos negocios em Dresden, ter-se-ha cuidado de que elles cheguem ao lugar do seu destino.

No. XX.

Quartel-general de Dessau. 4 de Outubro de 1813.

O Principe Real transferio hoje para aqui o seu Quartel General. A tentativa que o inimigo faz a 29 de Septembro para tomar as obras da ponte de Roslau, apenas traçadas, foi-lhe mais fatal, do que se tinha supposto. Os officiaes, e soldados feitos prisioneiros, os desertores, e habitantes do paiz, concordão em avaliar a sua perda em 1,500 pelo menos. De 7 a 800 homens foraõ alli enterrados. O General Sandels cauzou-lhe esta perda somente com tres batalhoens.

O General Blucher, por meio de huma daquellas marchas, de que apenas se acha hum exemplo na Historia, e que só o seu enthusiasmo pela liberdade do seu paiz lhe pode sugerir, avançou com a maior parte do seu exercito das vizinhanças de Bautzen para Elster, e posto que teve de conduzir com sigo os aprestos de huma ponte, elle effectuou a passagem em hum taõ curto espaço de tempo como o faria hum simples viajante. Depois de passar o Elbo, atacou o 4. corpo do exercito inimigo, commandado pelo General Bertrand, no dia 3 de Outubro, junto a Wurtenburg, po-lo em derrota, matou hum grande numero de inimigos, repulsou-os de todos os seos intrinchiamentos, e tomou 16 peças, 70 caixocns, e 1,000 prisioneiros.

O Tenente Coronel Lewenfern, com hum pequeno destacamento de Cossacos, pelejou contra mais de 2.000 do inimigo nas ruas de Bernburg. Depois de hum conflicto de duas horas, e tendo o inimigo sido reforçado com artilharia, a cidade foi abandonáda, mas retomada no dia seguinte. A coragem e habilidade desenvolvidas pelos Cossacos nesta occasiãõ, bem como em todas as precedentes, faz-lhes a maior honra. Estas intrepidas tropas não somente são os olheiros do Exercito, mas combatem (tambem nas fileiras, rompem esquadroens, atacaõ quadrados de infantaria, passaõ a nado os rios, e apresentãõ-se na retaguarda dos inimi-

gos, onde espalhaõ o terror, e a desordem. O exercito Russiano atrevesou hoje o Elbo em Acken. O General Winzingerode ordenou á sua vanguarda, debaixo do commando do Conde Woronzow, que avançasse para Cothen.

A cidade de Acken será brevemente fortificada taõ bem, que será precizo hum sitio regular para a tomar. He hum ponto na margem esquerda, que o inimigo se descuidou de occupar, e de que o exercito alliado tirará agora essenciaes vantagens.

O exercito Sueco, depois de ter estabelecido huma ponte de botes sobre o Elbo em Roslau, passou o Rio esta manhaõ ao romper do dia, e marchou para Dessau. Seos postos avançados se estendem ate Raguhn e Jonitz, e sua junção com o exercito do General Blucher esta effectuada. O exercito do Marechal Ney abandonou Dessau, e Jonitz pelas cinco horas desta manhaõ. Sua retaguarda foi vigorosamente perseguida, e se lhe tomáráõ alguns prizioneiros.

Seraõ ainda precizos cinco, ou seis dias antes que as fortificaçoens de Roslau se possaõ concluir. Ellas são traçadas em hum bello plano, que faz muita honra ao General Sparre.

O terceiro corpo do exercito Prussiano, commandado pelo General Bulow crusará á manhaõ o Elbo, bem como o corpo commandado pelo General Tauenzien. O General Thumen permanecerá em frente de Wittenberg. Este General continuará o sitio com o mesmo vigor, que mostrou em Spandau. Logo que esta Praça caia em poder dos alliados, estes seraõ senhores do Elbo; ella cobrirá Berlin, e servirá ao mesmo tempo de deposito para os exercitos alliados.

Hum viajante chegado de Cassel diz que o General Czernitscheff chegára alli a 28, tomou a cidadella, e poz em liberdade os prisioneiros de Estado. Espera-se a confirmação desta noticia.

Ante hontem S. A. R. o Principe da Coroa passou revista ao batalhaõ Saxonico, que passou para os alliados. Esta tropa tem a mais bella figura. Ella exprimio a resolução em que estava de servir a cauza de Alemanha, e de seu paiz natal.

(Este bulletin conclue annunciando a rendição da Praça, e cidadella de S. Sebastiaõ, e a derrota de Soult no dia 31 de Agosto, e no 1 de Setembro).

No. XXI.

Quartel-general de Dessau, 6 de Outubro de 1813.

O inimigo retira-se na direcção de Leipsic. O Quartel-general do Marechal Ney esteve em a noite de 4 para 5 em Bitterfeld. O Major Ozeczensky, perseguindo o inimigo na margem direita do Mulda, combateo todo o dia 4 com a cavallaria da retaguarda: elle diversas vezes cercado, matou, e fez hum grande numero de prisioneiros. O Capitão Obreskoff, que foi mandado com 80 Cossacos para a margem direita do Mulda a fim de formar e estabelecer communicação com a guarda avançada do General Blucher, perseguindo o inimigo entre Oranienbaum, e Golp, fez 38 prisioneiros. O General O'Rourk marchou para Zerbigo; e o Tenente-coronel Melnikoff para Landsberg. Elle, e o Tenente-coronel Chrapowitsky tiverão hontem huma acção brilhante entre Landsberg, e Delitsch. O General Francez Fournier sabio de Leipsic com huma divizaõ de cavallaria, e 4 peças de artilharia para se lhe oppor. O inimigo apezar da superioridade de sua força foi repellido, e perseguido ate as portas de Delitsch, com huma consideravel perda em mortos, e feridos, alem de 150 prisioneiros, hum dos quaes he official. O Tenente-coronel Lowenstern continuou a perseguir, em frente de Bernburg, a cavallaria inimiga, que posto superior em numero, fez demonstraçoens de se retirar para Magdeburg.

O Major Barão d'Essen, Ajudante de Campo do Principe da Coroa, e o Capitão Russiano Krasnakutzkie marcharão com hum regimento de Cossacos para Delitsch. O Coronel Stael perseguio o inimigo com muito vigor. Elle mesmo se distinguio por seu valor, e habilidade no combate diante de Dessau no dia 26 de Setembro.

A expedição do General Czernitscheff foi seguida do mais brilhante successo. Jamais se desenvolveo, de huma maneira mais eminente sangue frio, talentos, e valor. O General, depois de tres gloriozos combates, entrou em Cassel no dia 30 de Setembro, por capitulação. Elle marchou no dia 24 para Eisleben, a 25 para Rofla, e evitando o encontrar-se com hum corpo Westphaliano debaixo das ordens do General Bastineller, postado em Heiligenstadt, fez hum movimento lateral, passou por Sondershausen, e chegou no dia 26 de tarde a Muhlhausen. Dalli marchou, e chegou n'hum dia a Cassel. O Rey recebeu noticia da sua chegada somente duas horas antes. Investindo a cidade por todos os lados, ordenou aos Cossacos e aos hussares de Irum, que ata-

cassem os batalhoens inimigos em Bettenhausen, com seis peças de artilharia. Por meio de huma brilhante carga as peças foraõ tomadas, o inimigo disperso, e feitos prisioneiros mais de 400. O Coronel Bredriaga foi morto nesta occaziaõ. A morte deste official que tinha hum valor não vulgar, foi sentida por todo o exercito Russo. Os fugitivos foraõ perseguidos dentro mesmo da Cidade: porem como as ruas estavaõ trincheiradas, os Russos tiveraõ por fim que retroceder. O Rey ajuntou dois batalhoens de guardas, e mil cavallos, e fugio pela estrada que conduz para Franckfort. O Coronel Benkendorff carregou quatro esquadroens de cavallaria legeira, que formavaõ parte da escolta: nem hum só escapou: elle tomou 250 homens, e dez officiaes. O General Czernitscheff foi entaõ informado que o General Bastineller estava marchando contra Cassel. Durante a noite do dia 28 marchou para Mèlzulgen, a fim de o encontrar com toda a sua força. O corpo inimigo foi disperso: somente 20 curasseiros foraõ tomados, e duas peças. As tropas que seguiraõ o Rey dispersaraõ se igualmente: mais de 300 destas tropas se uniraõ ao General Czernitscheff, e marcharaõ com elle no dia 30 contra Cassel. Elle empregou a artilharia tomado ao inimigo em canhonear a cidade. A porta de Leipsic foi tomada pelo Coronel Benkendorff. Naquelle momento o General Czernitscheff offereceo termos de capitulaçaõ ao General de divizaõ Alix. Este obteve livre passagem para as tropas Francezas, e Wesphalianas com suas armas e bagagem militar. Estas tropas foraõ escoltadas por Cossacos ate á distancia de duas milhas de Cassel. A cidade foi occupada na tarde do dia 30 pelos Russianos. A alegria dos habitantes foi superior a toda a descripçaõ. A maior parte das tropas Westphalianas vem correndo a alistar se debaixo das bandeiras dos Alliados. Mais de 1,500 estavaõ ja alistados quando o Correio partio: e a concussaõ dada ao reino de Westphalia he da mais violenta natureza. Neste momento he que o Norte d'Alemanha deve justificar as esperanças que a Europa tem do seu patriotismo, e do valor de seos habitantes.

As guardas avançadas do exercito combinado do Norte de Alemanha, e do exercito da Silezia estaõ distantes humas das outras meia legua somente.

O grande exercito da Bohemia entrou na Saxonia. O Hetman Platoff teve no dia 29 de Setembro huma açcaõ, em Altenburg, com o General Lefevre Desnouettes, que commandava 8,000 homens entre os quaes se achavaõ cinco brigadas de cavallaria da guarda. Este corpo foi completamente batido, e perdeu mais de 1000 prisioneiros, cinco peças, e tres estandartes, e foi perseguido ate Zeitz. O

corpo commandado pelo General Thielman, e o do Coronel Mentzdorff se lhe unirão quando elle estava perseguindo o inimigo.

O Principe da Coroa vio desfilár hontem por esta cidade huma parte do 3 corpo do exercito Prussiano debaixo das ordens do General Bulow : e hoje o 4 corpo commandado pelo General Conde Tauenzien. S. A. R. observou de novo com prazer estas valorozas tropas, e ficou altamente satisfeito com o estado do seu equipamento, e seu ar militar, e nobre.

DINAMARCA.

DECLARAÇÃO

De Guerra contra a Suecia.

Desde o momento em que se concluiu, em Jonkoping, a paz entre a Dinamarca, e a Suecia; S. M. tem feito esforços, tão sinceros como constantes para manter a amizade e boa intelligencia com aquelle estado vizinho, mas ao mesmo tempo não podia deixar de observar, que o Governo Sueco, longe de ser animado pelos mesmos sentimentos, tinha demasiado frequentemente dado provas de differente disposiçãõ.

Pelo tractado de Jonkoping, era a Suecia obrigada a expulsar de suas costas os navios de guerra, e corsarios dos inimigos de Dinamarca. Elles continuáram não somente a deter os navios mercantes, juncto ás costas de Suecia; mas até aprezar alguns dentro dos portos de Suecia. Raras vezes se dignou responder; e nunca deo remedio algum ás reiteradas queixas do Governo Dinamarquez, relativamente ás perdas que resultavam daquelle estado das couzas, ao Commercio Dinamarquez e da Norwega. Desta maneira a costa Sueca, no Categate, ficou ao depois da paz, relativamente á navegaçãõ Dinamarqueza, na mesma posiçãõ hostil, em que estava durante a guerra. A declaraçãõ de guerra que o Governo Sueco se deixou persuadir que devia publicar contra a Inglaterra, não produzio a este respeito alteraçãõ alguma: e depois do restabelecimento de paz com a Gram Bretanha, os perigos, a que ficava exposta a navegaçãõ Dinamarqueza, se extendêram a toda a costa Sueca. O navegante Dinamarquez podia esperar achar-se protegido

contra todo o ataque da parte dos inimigos de sua nação, nas costas de huma Potencia amiga e vizinha. Elle devia crer que hum Governo, que constantemente basofia da sua liberdade e independencia, estaria disposto, ainda que fosse somente pela consideração de sua propria dignidade, a manter os seus direitos territoriaes. Porém os marinheiros Dinamarquezes fôram enganados mui frequentemente em suas esperanças, quando no momento de perigo procuráram protecção no territorio Sueco; aonde os botes armados do inimigo esperavam huma facil preza. Despojado de sua propriedade; e muitas vezes perseguido pelo inimigo até ao mesmo continente Sueco, somente lhe restava o sentimento e dor de suas perdas: porem ao mesmo tempo se despertava a sua justa indignação, vendo o governo de huma nação vizinha dispensar-se de prestar aquella protecção, que elles tinham direito de esperar.

A estipulação do tractado de paz de Jonkoping, que determinava, que fosse restituída toda a propriedade dos respectivos subditos dos dous estados, que depois da ruptura estivesse posta em estado de sequestro, foi executada da parte de Dinamarca sem alguma demora; e com a mais escrupulosa exactidão. Na Suecia, pelo contrario, tem ainda sido detida a propriedade de varios vassallos Dinamarquezes. As representaçoens frequentemente renovadas, a fim de a obter ou o seu valor, não produziram senão frivolos subterfugios, ou promessas de indemnização; cuja realidade até aqui se tem esperado em vão.

A Suecia não se limitou a dar estas provas de disposições pouco amigaveis para com Dinamarca.

Ja por hum tractado, concluido no principio do anno passado, entre as Cortes de S. Petersburgo, e Stockholm; e que foi ao depois confirmado em Abo, a Suecia ficou segura do auxilio da Russia, para a execução do plano então fixo de tomar o reyno de Norwega. Com a mesma intenção se concluiu depois hum similhante tractado, entre a Suecia, e a Gram-Bretanha.

Mas antes de chegar ás hostilidades declaradas, elle dezejou experimentar meios mais moderados porém não menos insidiosos.

A Suecia trabalhou por seduzir os habitantes da Norwega, mandando para este Reyno de tempos a tempos proclamaçoens insidiosas, e esforçando-se assim por allienallo do dominio de seu legitimo e hereditario Soberano. Ao mesmo tempo grande numero de navios carregados de grão para a Norwega, que se tinham successivamente despachado por conta do Governo Dinamarquez, e de varios individuos, fôram detidos nos portos Suecos, aonde tinham sido obriga-

dos a procurar refugio, ja por occasião de perigos do mar ja por causa dos corsarios do inimigo. Foram absolutamente inuteis todas as representaçoens que se fizeram contra huma medida, violenta em si mesmo, e atroz por suas consequencias a respeito dos habitantes de Norwega. O Governo Sueco, em vez de resposta, usou de hum pretexto taõ pouco applicavel ás cargas de graõ de que se tractava, isto he; que era prohibida em Suecia a exportação de graõ. Nos não podemos deixar de entender o objecto dos obstaculos, que se oppunham a dar mantimentos á Norwega. Era pela fome que se desejava obrigar os Norwegas a que se submettessem ao dominio de Suecia.

O Governo Sueco, descansando em seus poderosos Allia-dos, não se envergonhou de propor a S. M., que cedesse a Norwega por outros paizes, de que a Suecia não estava de posse, e de que ella não podia, nem devia esperar o poder dispôr livremente.

Não podendo obter o seu objecto, nem com proposiçoens atraiçoadas, a que se uniam frequentemente as ameaças; nem pelas reiteradas tentativas para induzir os Norwegas a que atraiçoassem os seus deveres para com seu Soberano, o Governo Sueco manifestou o seu mau humor pela suspensão das relaçoens ministeriaes entre os dous Estados. O encarregado de negocios de S. M. teve ordem de retirar se de Stockholmo, e se mandou recolher a missão Sueca em Copenhagen. O Consul-geral Dinamarquez em Gottenburgo, foi tambem mandado despejar. Pouco depois o Governo Sueco suspendeo toda a communicação entre os dous Estados. Desta maneira tinha ja a Suecia rompido todas as relaçoens amigaveis com a Dinamarca. Fechou se o accesso aos Estados de Suecia a todos os vassallos de Dinamarca.

Não parou aqui. Prohibio se o curso ordinario dos correios entre Dinamarca e Norwega, pela Suecia, como se tinha estipulado nos tractados.

Os navios Suecos tiveram ordem de não pagar os direitos do Sund, ainda que S. M., em virtude de tractados anteriormente concluidos com a Suecia, e do novo coufirmado pelo tractado de Jonkoping, tinha a elles o mais incontestavel direito.

Porém não bastou, que os vasos Suecos fossem desta maneira dispensados por seu governo, de preencher a obrigação de pagar os direitos de Sund; os navios armados Suecos empregáram a força para impedir que os vasos de outras naçoens pagassem os direitos.

Por fim hum official Sueco de marinha declarou, por escripto ao Governador d'El Rey em Bornholm, que tinha ordem de apprehender todos os navios que trouxessem ban-

deira Dinamarqueza; e interromper toda a communicacão entre Christiansoe e Bornholm. Pouco tempo depois hum official da Marinha Real, que voltava de Bornholm para Copenhagen foi impedido em alto mar, por hum brigue Sueco, e levado a Ystadt, d'onde não voltou ainda. Tendo o Governo Sueco por tantos meios, não somente dispensado-se de preencher os deveres de bom vizinho, para com a Dinamarca, e tendo suspendido todas as communicacões, que em geral subsistiam entre paizes e Estados vizinhos, a respeito dos quaes existia huma reciproca boa intelligencia, tanto por occasionar perdas aos vassallos d'El Rey, tendentes a subjugar a Norwegia, S. M. se vê obrigado; posto que a seu pezar, a recorrer ás armas, e repellir com a força todo e outro qualquer insulto da parte de hum governo, que por longo tempo tem exercitado hostilidades contra os Estados Dinamarquezes, e contra os vassallos d'El Rey.

Tem-se ja expedido as ordens necessarias, a este respeito, aos Chefes do exercito, e Esquadra da Sua Magestade.

Nunca houve huma guerra defensiva mais justa—Nunca Governo algum deo maiores provas de paciencia, e soffrimento, em differir o recurso ás armas, para manter a segurança do Estado; e proteger a propriedade de seos subditos.

A necessidade somente podia induzir S. M. a tomar huma rezoluçãõ taõ repugnante aos sentimentos do seu coração. Mas estes devem ceder necessariamente ao dever de defender os Estados, e subditos, que a Providencia lhe confiou, contra ataques perfidos, e não provocados da parte de hum Governo, cujos planos hostiz contra a Dinamarca, toda a Europa conhece.

S. M. que sempre descança com inteira confiança na immovel fidelidade, e constante affeicão de hum povo amado; não dezejava comprar huma vergonhoza, e precaria paz, pelo sacrificio de seos valorozos, e leaes Norwegas. Mas elle dezeja sinceramente que o Governo Sueco, reparando as injurias que tem feito aos vassallos de S. M., e adoptando, e proseguindo em principios pacificos, possa dar occasiao a que se restabeleça entre as duas Naçoens, aquella boa intelligencia, que somente he adaptada aos seos reciprocos interesses.

Dado em Copenhague aos 3 de Setembro de 1813.

SUECIA.

CARTA

De S. A. R. o Príncipe de Suecia a S. M. o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, em data de 23 de Março de 1813.

SIRE,

EM quanto Vossa Magestade intrigou, ou a fez intrigar contra mim somente de huma maneira directa, eu julguei do meu dever não lhe oppor mais, do que tranquillidade, e silencio: mas hoje que a Nota de Duque de Bassano a M. d'Ohsson procura lançar entre mim, e o Rey o mesmo facho de discordia, que facilitou a Vossa Magestade a entrada em Hespanha; estando cortadas todas as relações ministeriaes, eu me dirigo directamente a Vossa Magestade para lhe recordar a conducta leal, e franca da Suecia, ainda mesmo em tempos os mais difficeis.

'As communicações que M. Signeul foi encarregado de fazer por ordem de V. M., o Rey mandou responder que a Suecia, convencida de que só a Vos, Sire, he que ella devia a perda da Sua Finlandia, jamais poderia crer em vossa amizade para com ella, se vos lhe não fizesseis dar a Norvega para a indemnizar do mal que vossa politica lhe tinha feito.

A respeito de tudo o que se acha em a Nota do Duque de Bassano relativamente á invazão da Pomerania, e á conducta dos Corsarios francezes, os factos fallaõ por si mesmos; e comparando as datas se julgará quem tem razão, se V. M. se o Governo Sueco.

Ja cem navios estavaõ tomados e mais de 2,000 marinheiros gemião em ferros, quando o Governo se vio em a necessidade de tomar hum Corsario, que debaixo de bandeira Franceza, vinha a nossos portos roubar nossos navios, e insultar a nossa confiança nos tratados.

M. o Duque de Bassano diz que V. M. não provocou a guerra: e com tudo, Sire, V. M. passou o Niemen á frente de 400,000 homens!

Desde o momento em que V. M. se entranhou no interior daquelle Imperio, o resultado deixou de ser duvidozo. O

Imperador Alexandre, e o Rey previraõ, ja desde o mez d'Agosto, o fim da Campanha, e seos immensos rezultados.

Todas as combinaçoens militares asseguravaõ que V. M. ficaria prisioneiro: Vos escapastes desse perigo, Sire: mas vosso exercito, a flor da França, da Alemanha, e da Italia, ja não existe. La ficaraõ insepultos esses valentes guerreiros, que salvaraõ a França em Fleurus, que venceraõ na Italia, que resistiraõ ao ardente clima do Egypto, e que fixaraõ a victoria debaixo de vossos estandartes em Marengo, em Austerlitz, em Jena, em Halle, em Lubeck, em Friedland, &c. &c. Enterneça-se vossa alma, Sire, á vista deste dilacerante quadro; e se para acabar de a commover este quadro ainda não basta, recorde se da morte de mais de hum mil haõ de Francezes que tem perecido no campo da honra, victimas das guerras que V. M. tem emprendido!

V. M. invoca seos direitos á amizade do Rey! Permittime, Sire, que vos lembre o pouco apreço que de della fizestes em momentos, em que huma reciprocidade de sentimentos, teria sido mui util para a Suecia! Quando o Rey, depois de ter perdido a Finlandia, escreveu a V. M. rogando-lhe que conservasse á Suecia as ilhas de Aland, V. M. lhe respondeo—*Dirigi-vos ao Imperador Alexandre; elle he grande, e generoso*: e para conservar a medida de sua indifferença, fez inserir n'huma gazeta official, no momento da minha partida para a Suecia (Moniteur de 21 de Setembro de 1810, No. 264.)—que havia hum interregno no Reino, durante o qual os Inglezes faziaõ impunemente o Commercio.

O Rey separou-se da liga de 1792, porque esta pertendia repartir a França, e porque elle não queria ter parte na desmembração dessa bella Monarquia. Elle decidio-se a este acto, monumento de sua gloria politica, tanto por sua affeição para com o povo Francez, como pela necessidade de cicatrizar as feridas do Reino. Este comportamento virtuoz e sabio, fundado sobre o principio—que cada Nação tem o direito de se governar por suas leis, por seos uzos, e por sua vontade; esta conducta he a mesma que lhe serve de regra neste momento.

Vossa systema, Sire, quer prohibir ás Naçoens o exercicio dos direitos que ellas receberaõ da natureza, os de commerciar entre si, de se ajudar, de corresponder, e viver em paz: e com tudo, a existencia da Suecia he dependente de huma extensaõ de relaçoens commerciaes, sem as quaes não pode passar.

Longe de ver no comportamento do Rey huma mudança de Systema, o homem esclarecido, e imparcial achara nelle somente a continuação de huma politica justa, e constante, que se devia ter desenvolvido em hum tempo, em que os

Soberanos se uniaõ contra a liberdade da França; e que he seguida com energia em hum momento, em que o Governo Francez continua a conspirar contra a liberdade dos Povos, e dos Soberanos.

Eu conhecia as boas disposicoens do Imperador Alexandre, e do Gabinete de S. James para a paz. As calamidades do Continente a reclamaõ, e V. M. não a deve rejeitar. Possuidor da mais bella Monarquia da terra, quererá V. M. estender sem cessar os seos limites, e deixar a hum braço menos poderozo que o seu, a triste herança de guerras interminaveis? Não se entregará V. M. ao cuidado de cicatrizar as feridas de huma revoluçaõ da qual so resta á França a lembrança de sua gloria militar, e das desgraças reaes no seu interior? Sire, as liçoens da historia rejeitaõ a idea de huma Monarquia universal; e o sentimento da independencia pode estar amortecido, mas não extinto no coração das Naçoens. Attente V. M. a todas estas consideraçoes, e pense huma vez realmente nesta paz geral, cujo nome profanado tem feito derramar tanto sangue.

Eu nasci nessa bella França que vos governaes, Sire, e sua gloria, e sua prosperidade nunca poderaõ ser-me indifferentes. Mas sem cessar de fazer votos por sua felicidade, eu defenderei, com todas as faculdades da minha alma assim os direitos do Povo que me chamou, como a honra do Soberano, que se dignou nomear-me seu filho, nesta luta entre a liberdade do mundo, e a oppressaõ. Eu direi aos Suecos —Eu combato por vos, e os votos das Naçoens livres acompanharão nossos esforços.—

Em politica, Sire, não ha, nem amizade, nem odio; ha somente deveres a preencher para com os Povos, que a Providencia nos encarregou para governar. Suas leis, e seos privilegios são bens que lhos são charos; e se para lhos conservar he preciso renunciar a vinculos antigos, e a affeicoens de familia, hum Principe que dezeja preencher sua voçaçaõ, jamais deve hesitar sobre o partido que deve tomar. O Duque de Bassano annuncia que V. M. evitará hum rompimento; mas, Sire, não foi V. M. que interrompeo nossas relaçoens commerciaes, ordenando a captura dos navios Suecos no seio da paz? Não he o rigor de suas ordens, que ha tres annos nos tem prohibido toda a communicaçãõ com o continente, e que desde essa epoca tem feito reter mais de cincoenta navios Suecos em Rostock, Wismar, e outros portos do Baltico?

M. o Duque de Bassano accrescenta, que V. M. não mudára de systema, e que seos mais ardentes dezejos são de rejeitar huma guerra que V. M. olharia como huma guerra civil; o que indica, que V. M. quer conservar a Pomerania

Sueca, e que não renuncia á esperanza de governar a Suecia, e de aviltar deste modo, sem correr algum risco, o nome e o character Sueco. V. M. designa indubitavelmente a guerra entre os Alliados: ora sabe se qual he a sorte que ella lhes destina. Mas recorde-se V. M. do descontentamento que manifestou, quando soube do armisticio que eu concedi a esta valorosa Nação, em Abril de 1809, e nelle achará a necessidade a que este paiz se tem visto reduzido de fazer tudo o que ate hoje tem feito para conservar sua independencia, e preservar-se do perigo a que vossa politica, Sire, o teria arrastado, se elle a tivesse conhecido menos.

Se os acontecimentos que, ha quatro mezes, se tem rapidamente seguido huns aos outros, tem feito imputar aos Generaes de V. M. o desarmamento das tropas Suecas da Pomerania, e a remessa dellas para França, como prizioneiros de guerra; não se achará, Sire, hum pretexto tao facil para refutar—que V. M. jamais quiz confirmar as sentenças do Conselho de prezas, e que, ha tres annos, vos tendes feito excepções particulares contra a Suecia apezar de que aquelle Tribunal tinha sentenciado a nosso favor. De resto, Sire, ninguem na Europa se illudira a respeito da infamia que V. M. imputa aos seos Generaes.

A Nota do Ministro do Rey, encarregado dos Negocios Estrangeiros, e a resposta que M. de Cabre lhe deo a 4 de Janeiro de 1812, vos provaraõ Sire, que S. M. tinha anticipado vossos dezejões, pondo em liberdade todas as equipagens dos Corsarios. O Governo, desde entaõ, estendeo suas consideraçoens ate ao ponto de enviar Portuguezes, Argelinos, e Negros tomados nõo mesmo Corsario, os quaes se diziaõ vassallos de V. M. Nada pois devia oppor-se a que V. M. ordenasse a remessa dos officiaes, e soldados Suecos; e com tudo elles ainda gemem em ferros!

Quanto ás ameaças que a Nota do Duque de Bassano contem, e aos 40,000 homens que V. M. quer dar á Dinamarca, eu julgo do meu dever não entrar em miudo exame sobre estes objectos, tanto mais quanto eu duvido que o Rey de Dinamarca se possa aproveitar deste soccorro.

Pelo que pertence á minha ambição pessoal, confesso que tenho huma mui grande—he a de servir a cauza da humanidade, e assegurar a independencia da Peninsula Scandinavia. Para o conseguir eu conto com a justiça da cauza que o Rey me ordenou que defendesse, com a perseverança da Nação, e com a lealdade de seos Alliados.

Qualquer que seja vossa determinação, Sire, para a paz, ou para a guerra, eu terei por V. M. os mesmos sentimentos de hum antigo companheiro de armas.

FRANÇ A

NOTICIAS OFFICIAES, EXTRAHIDAS DOS PAPEIS FRAN-
CEZES.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito, em data de 13 de Setembro, 1813.

O Quartel General do Imperador estava em Dresden. O Duque de Tarentum, com o 5, 11, e 3, corpo, estava postado na margem esquerda do Spree. O Principe Poniatowski, com o 8. corpo estava em Stolpen. Todas estas forças estavam assim concentradas na margem direita do Elbe, dentro de hum dia de marcha de Dresden.

O Conde Lobau, com o 1. corpo estava em Nollendorf, na avançada de Peterswalde ; o Duque de Treviso em Pirna ; o Marechal St. Cyr, nas alturas de Borna, occupando as desembocaduras de Furstenwalde e Geyersberg ; o Duque de Belluno em Altenberg.

O Principe de Moskwa estava em Torgau, com o 4., 7., e 12., corpo. O Duque de Ragusa, e El Rey de Napoles com a cavallaria do General Latour Maubourg, estavam marchando para Grossen Hayn. O Principe de Eckmuhl estava em Ratzeburg.

O exercito do inimigo de Silezia estava na direita do Spree. O da Bohemia, os Russianos e Prussianos, na planicie de Toplitz, e hum corpo Austriaco em Marienberg. O exercito inimigo, de Berlin, estava em Juterbock.

O General Francez Margaron, occupava Leipsic com hum corpo de observação. O Castello de Sonnestein, acima de Pirna, foi occupado, fortificado, e armado. Sua Magestade deo o commando de Torgau ao Conde de Narbonne.

Os quatro regimentos das guardas de honra fôram aggregados, o primeiro aos caçadores de montanhas das guardas ; o segundo aos dragoens ; o terceiro aos granadeiros de cavallo ; o quarto ao primeiro regimento de lanceiros. Estes regimentos das guardas lhes supprirão instructores, e todas as vezes que marcharem á batalha, serao unidos a soldados

veteranos, por quem serãõ guiados e cujos cascos, ou esqueletos elles reforçaraõ. Hum esquadraõ de cada regimento das guardas de honra fará sempre o serviço junto ao Imperador, com hum esquadraõ fornecidos por cada regimento das guardas; o que fara montar o numero dos esquadroens em serviço a 8.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha recebeu a seguinte noticia do exercito de 17 de Septembro, 1813.

Aos 14 o inimigo desembocou de Toeplitz para Nollendorf, a fim de flanquear a divisaõ Dumonceau, que estava nas alturas. Esta divisaõ se retirou em boa ordem para Gieshabel, aonde o Conde Lobau ajunto o seu corpo. Desejando o inimigo atacar o campo em Grieshabel, foi repulsado, e perdeu muita gente.

Aos 15 o Imperador deixou Dresden, e marchou para o campo de Pirna. Elle dirigio o General Mouton-Duvernet, commandante da divisaõ 24, pelas aldeas de Langenhensdorf e Bera; flanqueando assim a direita do inimigo. Ao mesmo tempo o Conde de Lobau o atacou em frente: o inimigo foi repellido com a ponta da espada nas costas, por todo o resto do dia.

Aos 16 o inimigo occupava ainda as alturas alem de Peterswaida. Ao meio dia se principiou a perseguillo, elle foi desalojado de sua posiçaõ. O General Ornano fez algumas bellas cargas com a divisaõ de cavallaria das guardas, e o Principe Poniatowski, com a cavallaria ligeira Polaca. O inimigo foi repulsado para a Bohemia, em grande desordem. Elle fez a sua retirada com tanta actividade, que somente lhe podemos apanhar alguns prisioneiros, entre os quaes se acha o General Blucher, que commandava a guarda avançada, e he filho do General em Chefe Russiano, Blucher.

A nossa perda foi insignificante. O Imperador dormio em Peterswaida, aos 16, e aos 17 voltou para Pirna.

Thielman, hum General que desertou do serviço Saxonia, com hum corpo de partidarios e desertores, tinha marchado para o Saal. Hum Coronel Austriaco, tambem como partidario, marchou para Golditz. Os Generaes Margaron, Lefebre Desnouettes, e Pire, fõram com columnas de infantaria, e cavallaria, em seguimento destas partidas do inimigo: esperando dar boa conta dellas.

Paris, 26 de Setembro.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 19 de Setembro:—

Aos 17, pelas 2 horas da tarde, o Imperador montou a cavallo, e em vez de ir para Pirna, foi ter aos postos avancados. Tendo percebido que o inimigo preparava grande quantidade de faxinas, para defender a decida das montanhas, Sua Magestade ordenou ao General Duvernet, que o atacasse; este General tomou a aldeia de Arbesan, com a divisão 42, e expulsou o inimigo para as planicies de Toplitz. Foi encarregado de manobrar de tal maneira, que podesse reconhecer inteiramente a posição do inimigo, e obrigarlo a patentear as suas forças. Este General foi perfeitamente bem succedido na execução de suas instrucções. Elle se empenhou em huma viva canhonada, alem do alcance de artilharia, e que lhe causou mui pequeno damno; porém havendo huma bateria Austriaca de 24 peças deixado a sua posição para se aproximar á divisão Duvernet, o General Ornano ordenou que os lanceiros de vermelho das guardas a carregassem; elles tomáram estas 24 peças, e passaram á espada todos os artilharios, mas somente poderam trazer com sigo os cavallos, duas peças de artilharia, e hum trem de dianteira.

Aos 18, o Conde Lobau ficou na mesma posição occupando a aldeia de Arbesan, e todos as desembocaduras da planicie. As 4 horas da tarde o inimigo mandou huma divisão para surprender a altura acima da aldeia de Keimitz. Esta divisão foi repulsada, á ponta da espada, (*Pépée dans les reins*) e se fez fogo de metralha por humahora. Aos 18, pelas 9 horas da noite, Sua Magestade chegou a Pirna: e aos 19, o Conde de Lobau tornou ás suas posições adiante de Hollendorf e do campo de Giesherbel. A chuva cahia em torrentes.

O Principe de Neufchatel se acha alguma cousa molesto com hum accesso de febre.

Sua Magestade esta muito bem.

O Marechal Duque de Valmy recebeu em Mayence hum correio de Dresden, que lhe encarregou de fazer saber em Paris, que até os 19 de Setembro não havia nada de novo no exercito; e que era possivel que se passasse algum tempo,

antes que se expedissem algum correio; assim que se não admirassem, se estivessem alguns dias sem receber noticias do exercito.

Paris, 1 de Outubro, 1813.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 26 de Setembro:—

O Imperador passou em Pirna os dias 19 e 20. Sua Magestade ordenou, que se lançasse huma ponte ao Elbe, naquelle lugar, e se estabelecesse na margem direita huma cabeça de ponte.

Aos 21 veio o Imperador dormir em Dresden; e aos 22 foi para Hartaw. Elle ordenou immediatamente que desembocasse pelo bosque de Bischoffwerder, o 11 corpo, commandado pelo Duque de Tarentum; e o 5. corpo, commandado pelo General Lauriston; e o 3. corpo, commandado pelo General Souham. O exercito do inimigo em Silezia—que tinha marchado, a direita commandada por Sacken para Camenz; a esquerda commandada por Langeron para Neustadt, na desembocadura de Bohemia; e o centro, commandado por York, para Bischoffwerder—se retirou instantaneamente de todos os lados. O General Girard, commandante da nossa guarda avançada, o seguiu rapidamente, e fez alguns prisioneiros.

O inimigo foi repellido pelejando até o Spree. O General Lauriston entrou em Neustadt.

Negando-se assim o inimigo á batalha, voltou o Imperador para Dresden, aos 24, para tomar huma posição nas alturas de Weissig.

O 8. corpo, commandado pelo Principe Poniatowski, tornou a passar para a margem esquerda.

O Conde de Lobau, com o 1. corpo, ainda occupa Grieshubel.

O Marechal St. Cyr occupa Pirna, e a posição de Dohna. O Duque de Belluno occupa a posição de Freyberg.

O Duque de Ragusa, com o 6. corpo, e a cavallaria do General Latour Maubourg, estava além de Grossenhayn: elle tinha repulsado o inimigo para a margem direita, além de Torgau; para facilitar a passagem de hum comboy de

20,000 quintaes de farinha, que hiam pelo Elbe acima em botes ; e que chegaram a Dresden.

O Duque de Padua esta em Leipsic ; o Principe de Moskwa está entre Wittenberg e Torgau.

O General Conde Lefebvre Desnouettes hia com 4,000 cavallos em seguimento do traidor Thielman. Este Thielman he hum Saxonio, a quem El Rey encheo de favores. Em paga de tantos beneficios, elle se mostrou o inimigo mais irreconciliavel de seu Rey e de sua Patria. A frente de 3,000 cavallos, parte Prussianos, parte Cossacos, e Austriacos, elle roubou as cavalherices d'El Rey, impôz em toda a parte contribuiçoens para seu uso particular, e tractou os seus compatriotas com todo o odio de hum homem atormentado pelo crime. Este desertor condecorado com o uniforme de Tenente General Russiano marchou para Naumberg, aonde não havia nem commandante nem guarniçaõ, e surpredeo ali 300 ou 400 doentes. Comtudo o General Lefebvre Desnouettes o encontrou aos 19 em Freyberg, tomou-lhe os 300 ou 400 doentes, que aquellê malvado tinha arrancado de suas camas, fez alguns centos de prisioneiros, tomou alguma bagagem, e retomou alguns carros que elle havia roubado. Thielman refugiou se entaõ para Zeist, aonde o Coronel Munsdorff, partidario Austriaco, se lhe ajuntou. O General Lefebvre Desnouettes o atacou aos 24 em Altenburg, matou-lhe muitos homens, e entreoutros hum Principe de Hohenzollern, e hum Coronel.

A marcha de Thielman tinha causado alguma demora nas communicaçõens de Erfurth e Leipsic.

O exercito inimigo de Berlin parece que esta fazendo preparaçoens para lançar huma ponte em Dessau.

O Principe de Neufchatel esta molesto de huma febre biliosa : tem estado de cama por alguns dias. S. M. nunca teve melhor saude.

MINISTERIO DA GUERRA.**EXERCITOS DE ARAGAÕ E CATALUNHA.**

COPIA

De huma Carta dirigida a Sua Excellencia o Ministro da Guerra, pelo Marechal Duque d'Albufera.

Villa Franca, 16 de Septembro.

MONSEIGNEUR!

No principio de Septembro, Lord Bentinck se mudou da costa do mar para as margens do Ebro, e estabeleceo o quartel-general do exercito Anglo-Hespanhol em Villa Franca, occupando o Col de Ordal ; formando armazens em Villa Nova, e mandando manobrar os corpos de exercito do General Copons, e divisoes de Whittingham e Sarsfield, no Lobregat Superior, para Manresa, Esparaguera, e Mariorell. O ajuntamento de 30 peças de artilharia, a huma marcha de distancia de minha linha, e todas as disposicoens de manobra e formação me annunciaram hum proximo ataque. Eu resolvime a anticipallo, e impedir que os meus movimentos fossem apertados e restrictos ás portas de Barcelona.

Aos 12, se ajuntou o exercito de Aragaõ no Lobregat, em quanto o General em Chefe, Conde Decaen, convidando o eu a isso, trouxe parte do exercito de Catalunha. Eu lhe ordenei que restringisse, e guardasse a minha direita das tropas do General Copons : e que marchasse ao depois para S. Saturni, sobre Villa Franca, e cooperasse no meu ataque pela estrada grande.

As 8 horas da noite eu passei a ponte de Mollins-del-Rey, com huma lua clara, que favoreceo a minha marcha ; e a divisão Harispe, que hia na vanguarda, marchou para Ordal.

Aquella posição mui difficil e mui escabrosa, e a que se não póde chegar, senão depois de passar por hum desfiladeiro de tres leguas, estava occupada com huma guarda avançada de

9,000 homens, debaixo das ordens do Coronel Frederico Adams, composta de tropas Inglezas, Calabrezas, e por gente escolhida da divisaõ Sarsfield.

O General em Chefe Lord Bentinck tinha chegado ali na mesma noite, com o Almirante Halliowell, fosse para preparar as suas disposicoens, para hum ataque immediato; ou fosse, por alguma informaçao que recebeo de meus movimentos, para reforçar este importante ponto: a infantaria na posicao era sustentada pela artilheria, e huma reserva de cavallaria.

Aos primeiros tiros de espingarda, o General Melsop, commandante da guarda avançada, adiantou com vivacidade os voltigeurs do regimento 7. de linha, derrotou os postos, e formou a sua brigada em frente dos redutos. A cavallaria do inimigo foi vista descendo em columna pela estrada, com a intençao de repulsar, o que o inimigo indubitavelmente julgou ser hum reconhecimento; porem a nossa artilheria ligeira os fez desapparecer em breve tempo, e os voltigeurs arremecaram-se á montanha. A vivacidade e extençao do fogo, que o inimigo immediatamente começou ao longo de toda a sua frente, nos mostrou qual era a sua força. O General Melsop ordenou ao 1. batalhão do 7. que avançasse, o qual elle em pessoa sustentou com o 2.; em quanto o 44. regimento de sua parte montou os redutos: elle tornou-se a formar, repulsou os atiradores, e com a espada na mão, á frente de sua columna, ordenou, que se tocasse a degolar, e se tomou pela força a primeira posicao do inimigo.

Houve neste ponto o mais obstinado combate; o inimigo furioso, e com grandes gritos, voltou segunda vez com reservas de novo, para obter posse da posicao; e segunda vez foi repulsado para a sua segunda posicao, de onde nos abismou com o seu fogo.

A nossa infantaria, acostumada a assaltos, soube como se havia tornar a formar, e voltou ao ataque com constancia: hum pelotão de çapadores, que tinha marchado com a guarda avançada, se cubrio de gloria: o Chefe de Batalhão Feuchere, do regimento 44, ficou ferido, capitaneando as suas tropas. Eu ordenei a divisaõ Herbert que avançasse havendo-a eu formado na esquerda da estrada; em quanto o General Harispe marchava com a sua reserva, o regimento 116 de linha, para sustentar a 1. brigada. Por fim combinou-se hum esforço geral, e o 2. batalhão do 116 teve ordem de hir para a esquerda e flanquear o 2. reduto. O seu Commandante, Bugeaud, executou o movimento com igual arte e vigor. A brigada Melsop atacou ao mesmo tempo com ir-

resistivel furia, e ficamos em toda a parte senhores do campo de batalha. Em hum instante ficou cuberto de mortos e feridos: os Hespanhoes e Calabrezes fugiram em desordem para os matos e montanhas.

Logo que as tropas se tornaram a formar, eu mandei ao General Delort, commandante da cavallaria, que avançasse para seguir os Inglezes: que se retiraram precipitadamente pela estrada real. Eu esperava alcançar a sua artilharia, que tinha podido obter pôr-se em retirada. O regimento 4. de hussares derrotou os hussares de Brunswick; e, não obstante algumas descargas da infantaria, obteve tomar quatro peças da artilharia Ingleza, que me trouxeram com os seus cavallos, e dous caixoens; tomaram tambem muita bagagem, e 500 prisioneiros, para se ajuntarem aos 1,200 mortos ou feridos. O regimento 27 Inglez, de linha, ficou quasi todo destruido: o seu Coronel e General Frederico Adams, Ajudante de Campo do Principe Regente, ficou ferido: grande numero de officiaes pereceo nesta acção: a nossa perda foi comparativamente muito pequena.

Parte da guarnição de Barcelona, commandada pelo General Conde Mauricio Mathieu, e huma divisão do exercito de Catalunha, com 4 batalhoens Italianos, tinha marchado, durante a noite, debaixo das ordens do General em Chefe Decaen, para passar o Lobregat, e o Noya. Antes de chegar a Martorell, teve o General Mathieu de combater e desalojar tres batalhoens de Erolles, em posições mui difficilissimas. Pela noite tomou alguns prisioneiros, e partio outra vez para S. Estevan, e S. Saturni. De manhã, vio o corpo de Manso, e alguns Calabrezes em ordem de batalha; ordenou que fossem atacados pelo General Ordonneau, com alguma cavallaria, e somente a sua guarda avançada, do regimento 18 ligeiro, debaixo das ordens do Chefe de Batalhao Pellegrin, derrotou os dous primeiros batalhoens. O inimigo foi disperso, deixando 30 prisioneiros, e 50 mortos ou feridos. O General em Chefe Decaen seguiu o General Mathieu com toda a pressa possivel; mas em consequencia de infinitas difficuldades, depois de huma mui longa marcha, por caminhos quasi impraticaveis, á cavallaria, e até mesmo á infantaria que só pôdia avançar hum por hum, em distancia, amanheceo o dia antes que podessem tomar a posição de S. Saturni.

O ataque do Coronel d'Ordal, que se não concluiu senão ás duas horas da manhã, por huma marcha vagarosa do exercito d'Aragão, favoreceo os meus designios pelo resto do dia. A infantaria seguiu, ao romper do dia, o General Delort, que marchou na vanguarda com a cavallaria, e o batalhao do Commandante Bugeaud. Eu ordenei-lhe que fizesse

halto a huma legua de distancia deste lado de Villa Franca, por detraz das alturas, d'onde se descubrio todo o exercito inimigo em ordem de batalha, em tres linhas. Huma grande baixa, a estrada, e huma ponte intersectada cubriam a frente; a sua esquerda se aproximou á aldea de S. Cugat, no que os nossos atiradores o anticiparam. Eu tive por hum momento a esperanza de que este exercito desdobrado daria tempo a completarem-se os nossos movimentos; porem Lord Bentinck, sabendo sem duvida que havia perigo na sua posição, somente dezejou fazer huma apparencia por hum momento. Elle levantou campo e passou pelas linhas. Começou immediatamente a retirada, em boa ordem, para Villa Franca. Eu mandei avançar a artilharia e cavallaria; a qual brevemente causou alguma desordem nas columnas do inimigo.

Em quanto passavamos a baixa, e a minha infantaria desembocava para seguir a marchar sem demora, o inimigo deixou Villa Franca, e se tornou a formar na retaguarda. Com huma honrada confiança, que se não enganou, todos os habitantes ficaram em suas cazas, e viram respeitadas as suas pessoas, e a sua propriedade, no meio de huma das mais vivas acçoens. A cavallaria começou a alcançar a retaguarda, quando esta deixava a Villa: o Coronel Christophe, á frente dos hussares, e de hum esquadrão de couraçeiros, apertou vivamente a artilheria que tinha desordenado: hum fogo de infantaria, que se achava de embuscada, e os hussares de Brunswick, cubriram o movimento do inimigo; e se fizeram ataques de ambas as partes com muito vigor. A brigada do regimento 24 de dragoens, e a cavallaria ligeira Westphaliana manobrou ao mesmo tempo na direita: o General Meyer, que a conduzio, encontrou o regimento de cavallaria Ingleza No. 20, e alguns hussares de preto: atacou-os com dous esquadroens, o primeiro á frente das tropas achou opposição do Coronel Bentinck, commandante da cavallaria inimiga, deram-se mutuamente alguns golpes de espada.

Em quanto assim estavamos mixturados, hum batalhão, occulto em huns matos e vinhas, abriu repentinamente o mais vivo fogo; o resto do regimento 24 de dragoens marchou adiante, seguido pelo batalhão, commandado por M. Bugeaud, que em todo o dia formou a guarda avançada do exercito. O inimigo, a favor deste ultimo esforço, passou huma segunda baixa, e queimou a ponte na estrada, deixando mais de 150 cavallos, que foram tomados, e ainda maior numero de mortos, feridos, e prisioneiros. Os hussares de preto, ou do Duque de Brunswick, soffreram particularmente nestas ultimas acçoens; desde este momento nos chegaram prisioneiros em consideravel numero. O exercito Inglez oc-

cupou por hum momento a posição de Arbes, e de La Vendreil, de onde, pela noite, alcançou a estrada de Allafulla, que he hum continuo desfiladeiro no costa do mar. Parece que se vai postar para Cambrils e Hospitalet; os doentes foram retirados de Tarragona, e toda a frota se apresentou para cubrir a sua retirada. Nós nos adiantamos para a parte de Vendreil, donde postei o General Meyer com a guarda avançada. Tendo se retirado parte dos Hespanhoes, pela estrada de Igualada, a cavallaria ligeira os atacou com o seu valor ordinario, e nos trouxe alguns homens e cavallo, pertencentes aos dragoens de La Mancha, tropas perfeitamente bem montadas, e bem parecidas.

O General Bentinck, aos 15, me escreveo pedindo-me permissao para fazer as ultimas honras ao capitaõ de dragoens Hanson, homem de grande distincção por seu valor: eu me dei pressa a permittir, que assistisse hum official Inglez.

O inimigo perdeu mais de 3,500 homens, naõ somente em mortos e feridos, mas tambem em prisioneiros e desertores, sem incluir a perda de sua bagagem e artilharia. As tropas que entraram em combate merecem os maiores elogios: a artilharia servio com a maior distincção, e cada arma mostrou hum ardor illimitado, e grande devoção. Rogo a V. Excellencia que receba a lista dos differentes soldados que mereceram premios, e que a submeta a S. M.

Sou, &c.

O Marechal Duque D'ALBUFERA.

P. S. Todas as noticias que recebi das fortalezas de Denia, Sagunto, Peniscola, Morella, Lerida, Tortosa, e Mequinenza, sao mui satisfactorias; as suas guarniçoens estão em mui bom estado; ellas tem derrotado o inimigo, em toda a parte em que elle tem feito movimentos juncto a ellas.

O General Baraõ Robert, que commanda em Tortosa, queimou todos os botes, que o inimigo tinha ajunctado no Ebro Inferior, e ganhou brilhantes vantagens.

Paris, 4 de Outubro.

O Senado se ajunctou hoje 4 de Outubro pelo meio dia, sob a presidencia de S. A. Serenissima o Principe Archicanceller do Imperio, que foi recebido segundo a forma usual.

S. A. Serenissima, tendo tomado o seu lugar, abriu a sessão, e disse :—

“ SENHORES !—Trago ao Senado, por ordem de S. M. o Imperador e Rey, os documentos relativos á guerra com Austria e Suecia.

“ Esta communicação, determinada pelas leys do Estado somente tem sido demorada por accidentes imprevistos.

“ Explicaçoens sobre tão grandes interesses não accrescentariam cousa alguma á convicção, que vos deveis ter pelo conhecimento de factos, que somente de per si informam, e não podem ser suppridos pelo raciocinio.

“ Ha, porem Senhores, huma circumstancia em que me demorarei, e que não escapara a vossa sabedoria, nem a attenção da Europa. A continuação da guerra he contraria aos desejos de S. M. Elle tem feito tudo para impedir que recommencessem as hostilidades ; e vereis que, ainda quando se perderam as esperanças de accommodação, o Imperador manifestou o desejo de que se tornasse a ajunctar hum Congresso, e trabalhou seriamente em recouiliar os interesses dos differentes belligerentes.”

Tendo S. A. R. acabado de fallar, hum dos Secretarios leu os sobreditos documentos officiaes. Depois desta communicação, o Senado, a proposição de S. Excellencia o Conde Lacepede, presidente annual, deliberou sobre apresentar a S. M. o Imperador e Rey, hum Memorial de Agradecimentos, e encarregou ao official correspondente, que o preparasse.

Paris, 5 de Outubro.

S. M. a Imperatriz Raynha, Regente, recebeu as seguintes noticias do exercito, em data de 29 de Setembro :—

O Imperador tem dado o commandado de hum dos corpos das guardas novas ao Duque de Reggio. O Duque de Castiglione se poz em marcha com o seu corpo, para tomar huma posição nas desembocaduras do Saale. O Principe Poniatowski marchou com o seu corpo para Penég. O General Conde Bertrand, aos 26, atacou o corpo d'exercito inimigo de Berlin, que cubria a ponte lançada em Wurtemburgo, forçou-o, tomou-lhe alguns prisioneiros, e o expulsou pelejando até á cabeça de ponte. O inimigo evacuou a margem esquerda, e destruiu a sua ponte. O General Bertrand mandou immediatamente destruir a cabeça de ponte. O

Principe de Moskwa marchou contra Oranienbayn, e o 7. corpo contra Dessau. Huma divisãõ Sueca, que estava em Dessau, se deo pressa a passar para a margem direita. O inimigo foi igualmente obrigado a destruir a sua ponte; e se arrazou a cabeça de ponte. O inimigo atirou da outra parte do rio algumas bombas que cahiram em Wittenberg.

Aos 28, o Imperador passou revista ao 1. corpo de cavallaria nas alturas de Weissig.

O mez de Setembro tem sido muito máo, muito molhado, contra o que he usual neste paiz. Espera-se que o mez de Outubro sera melhor.

O Principe de Neufchatel está melhor de sua febre biliosa; e vai convalescendo.

Paris, 7 de Outubro.

Hoje, quinta-feira, á huma hora, S. M. a Imperatriz Raynha e Regente sahio do Palacio das Thuilleries, e foi ter ao Senado, com o sequito, ordem, e procissãõ, que se publicou nos jornaes.

Os Gram-Officiaes do Senado, e 24 Senadores, receberam a S. M. na porta exterior do seu Palacio. A Imperatriz Raynha e Regente tendo descansado no quarto, que estava preparado para a receber, foi ter ao salaõ das sessoens.— (Seguia-se aqui os nomes e ordem da procissãõ dos Creados, Officiaes de Estado, &c.) Quando S. M. chegou, todos os Senadores se descobriram, e puzeram de pé.

S. M. subio ao throno collocado á esquerda do Imperador, e os Ministros e Gram-officiaes se sentáram em cadeiras á direita e esquerda. S. M. entãõ fez a seguinte falla:—

“SENADORES!—As principaes Potencias da Europa indignadas pelas pretençoens da Inglaterra, uniram, no anno passado, os seus exercitos aos nossos, para obter a paz do mundo, e o restabelecimento de todas as naçoens. Com as primeiras casualidades da guerra se despertaram as paixoens dormentes. A Inglaterra, e a Russia conduziram a Prussia e Austria a unir-se a sua causa. Os nossos inimigos desejaram destruir os nossos alliados, e castigallos por sua fidelidade. Desejaram levar a guerra ao seio de nosso bello paiz, vingar os triumphos, que levaram nossas victoriosas aguias ao centro de seus Estados. Eu sei melhor que ninguem o que o nosso povo teria de temer, se jamais soffresse ser conquistado. Antes que eu subisse ao throno, a que fui chamada pela escolha de meu augustõ esposo, e pela vontade de meu

pay, tinha a melhor opiniaõ da coragem e energia deste grande povo. Esta opiniaõ tem crescido todos os dias, por tudo quanto tenho visto debaixo de meus olhos. Informada, por estes quatro annos passados, dos mais intimos pensamentos de meu esposo, sei que sentimentos o agitariam sentado em throno envilecido, e debaixo de huma coroa sem gloria.

“ Francezes, o vosso Imperador, o vosso paiz, e a vossa honra vos chamam.”

O Principe Archichancellor tendo recebido as ordens de S. M. permittio que falhasse o Ministro da Guerra, o qual subio á tribuna, e leo hum relatorio dirigido ao Imperador.

O Principe Archichancellor, tendo outra vez recebido as ordens da Imperatriz, permittio que, em nome de S. M. fallasse o Conde Reynaud, hum dos dous Oradores do Conselho de Estado, que apresentou ao Senado hum projecto de Senatus Consultum, depois de ter explicado os seus motivos.

O projecto do Senatus Consultum tem por objecto huma leva de 280,000 homens, 120,000 dos quaes seraõ das classes de 1814, e annos precedentes; nos departamentos, que não tem contribuido para a ultima leva de 30,000 homens; e 160,000 da conscripção de 1815.

O Conde de Lacepede se levantou e disse:—

“ SENORA!—Antes que proponha ao Senado medidas relativas ao projecto do Senatus Consultum, que acaba de ser apresentado, tenho a honra de pedir a V. M. Imperial e Real que me permitta offerecer-lhe; em nome de meus collegas, a respeitosa homenagem de todos os sentimentos de que estamos penetrados vendo que V. M. pre ide no Senado, e ouvindo as memoraveis palavras, que pronunciaestes do throno. Com que gratidaõ, com que religioso cuidado, conservaremos nós para sempre a sua memoria!

“ Senadores!—Tenho a honra de propor-vos, que se remetta o projecto a huma Commissão.”

Em conformidade das ordens da Imperatriz Raynha e Regente, o Principe Archichancellor propoz a votos, a proposição do Conde Lacepede, que foi adoptada. Procedeo-se ao escrutinio para a nomeação da commissão. A commissão será compostá do Conde Lacepede, Duque de Dantzic, Conde de la Apparent, Conde Dejean, Conde Colchen. Fará o seu relatorio sabbado que vem.

S. M. adiou a sessaõ, e voltou para as Thuilleries com o seu sequito. A partida da Imperatriz do palacio das Thuilleries, a sua chegada ao palacio do Senado, e a sua volta para

as Thuilleries, fôram annunciadas por salvas de artilharia. S. M. foi acompanhada em seu progresso de gritos "Viva a Imperatriz!" "Viva o Imperador!"

Paris, 9 de Outubro, 1813.

Hoje, sabbado, se ajuntou o Senado Conservador, sob a Presidencia do Principe Archichancellor do Imperio, entaõ o Senador, Conde Dejean, em nome da commissão especial nomeada na sessoã de 7 deste mez, fez o relatorio sobre o projecto de Senatus Consultum, apresentado naquelle dia, relativo á leva de 280,000 homens; e o Senatus Consultum foi approvedo pelo Senado.

SESSAÕ DO SENADO A 4 DE OUTUBRO DE 1813.

GUERRA COM A SUECIA.

Relatorio a Sua Magestade o Imperador e Rey.

Sire,

POR hum tratado assignado em Fontainebleau a 31 de Outubro de 1807, com Sua Magestade o Rey de Dinamarca, Vossa Magestade garantio a este Soberano a integridade, e independencia de seos Estados.

Posto que estes empenhos fossem conhecidos pela Suecia, esta offereceo em 1810 fazer cauza commum com a França na guerra que se preparava contra a Russia, se Vossa Magestade consentisse em lhe garantir a acquisiçaõ da Norwega que ella ardentemente dezejava sem outros direitos, sem outros titulos mais que sua conveniencia. Vossa Magestade tomou esta proposta como hum ultrage. Nenhuma consideraçaõ podia mover a V. M. a trahir os interesses da sua Alliada.

A Suecia foi procurar n'outra parte o apoio que V. M. recuzava prestar á sua ambiçaõ. Unio-se a vossos inimigos para despojar Vossa Alliada: offereceo á Russia, em paga dos bons officios, ou do emprego das forças que lhe deviaõ segurar a acquisiçaõ da Norwega, tomar parte na guerra contra a França. Hum artigo especial do tratado assignado

em Petersburgo a 24 de Março de 1812, determinou, que no cazo em que a Dinamarca consentisse na cessaõ da Norwega, se lhe concederiaõ indemnizaçoens, que só podiaõ verificar-se em territorio Francez.

Estes empenhos sem exemplo nos annaes dos povos, fizeram-se communs a Inglaterra, e por huma transacção de 3 de Maio ultimo, esta Potencia accedeo ás convençoens ja existentes entre a Russia e a Suecia, e garantio a uniaõ da Norwega aos Estados de S. M. Sueca, como parte integrante de seu Reyno.

Por estes dois tratados, a Suecia se poz em estado de guerra contra V. M.

Mas ha ja longo tempo que ella tinha violado o tratado de paz de 6 de Janeiro de 1810. Esquecendo-se das condiçoens generozas que V. M. lhe tinha concedido; desprezando a obrigaçãõ que tinha contrahido em premio da restituicãõ da Pomerania Sueca, de fechar os portos ao Commercio Inglez, ella lhos havia aberto desde aquelle mesmo anno: elles converteraõ-se em verdadeiras colonias Inglezas: nelles rezidiaõ consules Britanicos; e posto que a Suecia tivesse declarado guerra á Inglaterra, as frotas, e comboys desta Potencia entravaõ livremente e se demoravaõ em suas bahias. Os generos coloniaes, e as mercadorias Inglezes se accumulavaõ em seos portos para serem transportadas para a Pomerania, e inundarem dalli o Continente.

Tudo isto não era bastante para a Suecia: ella veio a vias de facto contra os vassallos de V. M.: elles foraõ assassina dos no posto de Stralsund, sem que fosse possivel obter huma reparacão sufficiente deste attentado. Navios com a bandeira de V. M. foraõ maltratados em alto mar pelos navios da marinha Sueca. Hum delles, o Mercurio, atacado á viva força na Sond pelo brigue de guerra *Venta-little* foi conduzido a hum porto Sueco, onde sua equipagem foi posta em ferros.

Todas as representaçoens do Governo de V. M. foraõ inuteis: consequentemente V. M. ordcnou que a Pomerania fosse occupada ate que a Suecia desse as satisfaçoens que devia á dignidade da vossa coroa. V. M. sentia uzar de rigor para com huma Nação que estima, e que, durante quasi duzentos annos, tinha seguido o systema da França.

Estas dispoziçoens, Sire, que só tinhaõ tido por objecto fazer voltar a sentimentos mais justos hum amigo que desconhecia as suas obrigaçoens, foraõ ferir hum inimigo ja ligado contra nos. Em execuçãõ destes empenhos, cuja estipulaçoens principaes acabo de apresentar a V. M., he que as

tropas Suecas, no principio desta campanha, se atreveraõ a invadir o territorio Francez.

V. M. por hum novo tratado com a Dinamarca, estreitando os laços que a ligão a esta Potencia, e unindo-se mais estreitamente á sua cauza, contrahio o reciproco empenho de declarar a guerra á Suecia.

Eu proponho a V. M. o fazer publicar o estado da guerra entre a França e a Suecia, e ordenar ao mesmo tempo que o tratado de 10 de Julho ultimo concluido entre a França e a Dinamarca, seja communicado ao Senado, e promulgado como lei do Estado, na conformidade de nossas Constituições.

Dresda, 20 de Agosto de 1813.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros,

(Assignado)

DUQUE DE BASSANO.

COPIA

Do tratado entre a França e a Dinamarca assignado em Copenhague, a 10 de Julho de 1813.

Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, &c. e S. M. o Rey de Dinamarca, e da Noruega, &c. &c. querendo apertar mais estreitamente os vinculos da alliança, que felismente subsiste entre elles, e julgando necessario entenderem-se a respeito do que exige, nas circumstancias actuaes o interesse da cauza commum, nomearaõ para Plenipotenciarios, a saber.

S. M. o Imperador dos Francezes, &c. &c. o Snr. Baraõ d'Alquier, seu enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario na Corte de Copenhague :

E S. M. o Rey de Dinamarca, o Snr. Niels Rosenkrans, &c. seu Ministro intimo, e Chefe da Repartição dos Negocios Estrangeiros ; os quaes depois de se terem communicado seos plenos poderes respectivos, convieraõ nos artigos seguintes :

Artigo 1. As duas altas partes contractantes garantem reciprocamente a integridade de suas possessoes, tanto Europeas, como coloniaes.

2. Tendo-se a Russia, e a Inglaterra obrigado a apoiar as vistas da Suecia sobre a invazaõ da Noruega ; tendo a Prussia da sua parte adherido a seos empenhos, os quaes por sua

natureza constituem a Suecia, a Russia, e a Prussia em estado de hostilidade contra a Dinamarca:

E tendo-se a Suecia resolvido a estes projectos de *invadimento* contra huma Potencia alliada da França, posto que ella tivesse conhecimento da garantia dos Estados Dinamarquezes, estipulada a 31 de Outubro de 1807, pelo tratado de Fontainebleau; mas tendo alem disso tomado, de concerto com a Inglaterra, a Russia, e a Prussia, o empenho de *constranger* a Dinamarca a unir suas forças ás dos inimigos da França, a fim de conquistar huma indemnidade pela Noruega no territorio do Imperio Francez.

Estas duas altas partes contractantes declararão a guerra, a saber; a França á Suecia; e a Dinamarca á Russia, a Suecia, e á Prussia.

As declaraçoens de guerra terãõ lugar de huma, e de outra parte nas vinte e quatro horas que se seguirem a notificação da ruptura do armisticio que actualmente existe entre a França, e a Russia e seos respectivos alliados.

3. Estas duas altas partes contractantes se obrigaõ a mutuamente se ajudarem com todos os seos meios para a defenza da cauza *commum*.

4. Ellas se obrigaõ igualmente a não tratar da paz com seos inimigos *communs* senão de concerto.

5. Os anteriores tratados existentes entre as duas Potencias são mantidos, e confirmados em todas as estipulaçoens não derogadas pelo presente.

6. O presente tratado sera ratificado, e as ratificaçoens seraõ trocadas em Dresda no espaço de quinze dias, ou antes sendo possivel.

Em fe do que nos abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, os temos assignado, e sellado com o sello das nossas armas.

Feito em Copenhague, a 10 de Julho de 1813.

(Assignados)

O Barão de Alquier.

Niels Rosenkranz.

GUERRA COM A AUSTRIA.

Relatorio a Sua Magestade o Imperador e Rey.

SIRE,

A primeira guerra da Austria contra a França durou seis annos. Ella terminou pelos preliminares de Leoben. O

exercito Francez estava entã senhor da Hollanda, da Belgica, das margens do Rhin, das provincias Italianas da Austria, do Condado de Gorice, da Istria, da Styria, da Carinthia, do Tyrol ; elle estava postado sobre as alturas de Sumering-Berg, a pouca distancia de Vienna, que a Corte tinha ja abandonado.

A moderação do vencedor parecia huma garantia da duração da paz ; mas apenas tinhaõ decorrido quinze mezes, chegou-se a persuadir ao Gabinete de Vienna que tudo estava mudado em França : hum exercito Francez estava nas margens do Nilo, e a desordem da administração interior tinha conduzido o Governo a licenciar huma grande parte das tropas. A Austria correu ás armas.

O tratado de Luneville poz fim a segunda guerra d'Austria, que durou dois annos. Os exercitos Francezes estavaõ sobre o Save, e nesse mesmo Leoben onde a primeira guerra tinha sido terminada.

Conceberãõ-se lizongeias esperanças de que a paz seria de longa duração : julgou-se que o Gabinete Austriaco, que se tinha rezolvido a romper os empenhos de Leoben pela consideração do estado em que se achava entã o interior da França, não teria para o futuro motivo para romper a paz, quando taes circumstancias ja não existiaõ.

A França consagrava todos os seus esforços ao restabelecimento da sua marinha, e aos preparativos dirigidos contra a Inglaterra. A Italia estava desguarnecida de tropas e nosso estado militar se achava no pé de paz. Nosso unico exercito estava junto em Bolonha.

O Gabinete de Vienna esqueceo-se das liçoens do passado. Ligou-se com a Russia e com a Inglaterra ; e os exercitos Austriacos marcharaõ para a Baviera. O exercito Francez apossou-se em breve da Capital, e dos tres quartos da Monarquia ; elle podia dictar leis duras ; consentio em condiçoens moderadas, e o tratado de Presburgo foi assignado na Capital da Hongria.

A terceira guerra de Austria terminou em tres mezes : ella acabou como a terceira guerra punica, pela tomada da Capital. Esta infeliz cidade não tendo tido parte nas paixões do seu gabinete, estranha á ambição que tinha dirigido a sua politica, gemendo por cauza de erros de que ella era victima, foi o objecto das considerações, e respeitos do Vencedor. Todo o mundo se persuadio, que o Gabinete de Vienna, esclarecido pela experiencia, só cuidaria para o futuro de conservar a paz. Mas quatro annos depois, V. M. estava em Hespanha ; e a Austria confiando-se nos immensos armamentos que ella tinha de longo tempo preparado ; tendo 400,000 homens em armas, não vendo algum exercito

que a podesse embarçar de chegar ás margens do Rhin, não examinou se huma nova guerra era justa; ella não calculou a sorte da guerra, julgou o bom successo seguro; e rezolvida por esta consideração unica, invadio a Baviera.

Em tres mezes, o exercito Francez estendeo suas conquistas ate a Hongria, e Moravia; occupou segunda vez a capital, e ficou senhor da maior parte do territorio da Monarquia. A existencia mesmo do Imperio de Austria se achava compromettida. Mas as considerações do vencedor estavaõ constantemente dirigidas para hum unico fim—o de forçar a Inglaterra a reconhecer em fim os direitos maritimos de todas as nações, sem os quaes não pode existir nem equilibrio, nem repoizo na Europa, elle consentio em assignar o tratado de Vienna, que poz termo á quarta guerra de Austria, e cuja moderação espantou o mundo. Se acazo se não julgou que a paz seria eterna, houve ao menos lizões esperanças de que ella tivesse huma longa duração.

Com effeito o Gabinete de Vienna pareceo reconhecer seos verdadeiros interesses, não cuidar em fim senão em reparar suas perdas, em fazer desaparecer e curar a ferida do papel moeda, que devorava a fortuna publica, e a dos particulares, e em fundar a prosperidade do estado sobre huma politica sabia, e nenhuma longa paz. Elle licenciou seu exercito, e as necessidades de sua organização interior fixáraõ toda a sua attenção. A guerra entre a França, e a Russia tornou-se eminente: a Austria antecipou os desejos da França, e lhe propoz sua alliança. Assignou-se hum tratado a 14 de Março de 1812: hum exercito Austriaco marchou com o exercito Francez para a defensão dos grandes interesses do Continente; e o sangue Austriaco correo nos combates contra os Russos.

Os politicos que só olhavaõ para os principios adoptados ate entãõ pelo Gabinete de Vienna, espantavaõ-se de huma alliança, que elles sabiaõ que era contraria a seos sentimentos secretos: mas outros politicos não menos esclarecidos julgando das disposições á vista da situação real, vendo sahir a Austria, depois de tantos sacrificios, de huma luta, que por quatro vezes lhe havia sido funesta, considerando o calamitozo estado de suas finanças, os embarços de sua administração, as complicações de sua organização interna; julgavaõ que ella queria renovar o systema de Kaunitz, e assegurar, como pelo tratado de 1755, huma longa paz, que lhe desse tempo de recoperar sua antiga prosperidade. Elles pensavaõ que seu interesse bem entendido a conservaria na alliança. Como transacção de circumstancia, o tratado de 14 de Março de 1812, era huma falta de gabinete: mas considerado independentemente da Guerra da Russia, olhado

como a base de hum systema que devia segurar quarenta annos de paz, a alliança parecia dictada por grandes vistas: ella era o meio mais efficaz para cicatrizar tantas feridas, que ainda vertiaõ sangue.

Estas consideraçoens, por mui tocantes que fossem, não se acharaõ fundadas. A alliança de 1812 não foi o resultado de hum systema, mas o producto das circumstancias. Logo que os desastres dos mezes de Novembro, e Dezembro ultimo foraõ conhecidos pelo Gabinete de Vienna, elle julgou que a fortuna tinha abandonado a França, e se apresou a adoptar outro systema: de governo alliado, a Austria converteo-se em inimigo poderoso: o corpo auxiliar, que combatia com o exercito Francez foi o *noyau* do principal exercito destinado a combater.

Com tudo, acontecimentos inesperados tinhaõ escapado a toda a providencia: elles não tinhaõ entrado nos calculos da Austria: ella estava sem finanças, sem exercitos: está provado que todos os seos esforços não poderiaõ chegar no mez de Janeiro a pôr em armas 60,000 homens. Tendo tomado sua rezolução antes de ter os meios de a sustentar, e calculando que lhe seriaõ precisos seis mezes para se achar em estado de apresentar hum exercito em campo de batalha, o Gabinete de Vienna conheceo a necessidade de occultar seos projectos debaixo das apparencias de fidelidade a seos empenhos, e do amor da paz. Elle propoz sua mediação as Potencias belligerantes, mas ao mesmo tempo comecou suas levas, e correo ás armas. O Ministro que dirigia suas finanças entregue todo a restauração da Monarquia, tinha, posto que inimigo da França, adherido á alliança, como o unico meio de conseguir o restabelecimento dos negocios interiores. Elle oppoz a mais forte resistencia á guerra, e deo-se-lhe hum successor. Crearaõ-se immediatamente 100 mil francos de hum novo papel moeda; tornaraõ-se os planos de ordem, e de economia adoptados, e o Gabinete se precipitou na guerra. Em vaõ os homens illustrados representavaõ, que o exercito não existia; que os cascos dos regimentos não podiaõ completar-se senaõ com recrutas, que eraõ precisos, ao menos, desoito mezes para reorganizar o estado militar da Austria, que os negocios dos grandes naçoens não se conduzem, e governaõ aos empurroens, que hum grande systema não he obra de hum improvizo; que, visto não se ter renunciado a entrar em luta com a França, teria sido preciso ficar neutral em 1812, e tratar desde entaõ de restabelecer o exercito: mas que tendo adoptado a alliança em 1812, era preciso persistir nella em 1813: elles representavaõ que com huma sabia politica e alguma prudencia em obrar, a Austria podia tirar

partido das circumstancias, colher vantagens reaes sem se expor á sorte de huma guerra em que ella se tornaria parte principal, que exigira exercitos na Silezia, na Saxonia, na Baviera, na Italia: que apresentar-se em huma luta sem se ter preparado para ella, era expor-se a catastrophes funestas, ou pelo menos arremeçar-se ao meio de todas as incertezas de huma guerra longa, e geral em que toda a Europa ia entrar. Que se, com tudo, se julgavaõ favoraveis as circumstancias para a Austria recobrar sua influencia, era hum engano o não perceber que as bazes de toda a grandeza para hum Estado são boas finanças, hum bom systema monetario, e exercitos bem organizados, bem equipados; e hum bom exercito não consiste no grande numero de homens, mas na qualidade dos soldados: que perseverando por alguns annos no systema de alliança, a Austria teria recuperado sua antiga prosperidade, e com ella esta independencia real que funda huma boa administração interna, e militar.

Mas os partidistas da guerra respondiaõ—que se raciocinava como se a França fosse a mesma; entretanto que a fortuna tinha mudado; entretanto que a flor dos seos soldados tinha sido devorada pelos flagellos do inverno: elles diziaõ que se a Austria não tinha senão recrutas, era só contra recrutas que ella tinha de combater: que nenhum Governo podia re-crear aquella cavallaria Franceza, taõ formidavel que em Retisbona, e em Wagram, tinha decidido a victoria: que tinha chegado o momento de realçar as aguias Austriaças, de humilhar as aguias Francezas, e de fazer entrar a França nos seos antigos limites.

Desde o mez de Abril, o Gabinete de Vienna se obrigou, e prometteo aos inimigos da França de se achar a 20 de Junho no campo da batalha com 150,000 homens.

No entanto que a Austria se armava abertamente, o Gabinete fazia huma guerra de insinuaçoens para enfraquecer a França tentando a fidelidade de seos alliados. Elle mostrou a Austria, á Dinamarça, á Saxonia, á Baviera, á Wurtemberg, e mesmo á Napoles, e á Westphalia, como amiga, e allia da França, que só queria a paz, que nada dezejava para si mesma. Elle as induzia a que não fizessem armamentos inuteis, a que não dessem á França soccorros, que não teriaõ objecto; porque não se tratava de pelejar, mas de fazer a paz, porque a Austria teria 150,000 homens em armas para os pôr na balança contra aquelle dos dois partidos que quizesse continuar a guerra. Estas insinuaçoens não podiaõ impor hum momento, senão aos Gabinetes mui pouco esclarecidos para acreditar o desinteresse do Gabinete Austriaco,

Mas as batalhas de Lutzen, e de Wurtschen espantaraõ ainda mais que os desastres de Novembro, e Dezembro, aquelles que taõ mal tinhaõ julgado a cerca dos meios da França, e previsto taõ pouco os acontecimentos: talvez quereriaõ elles retrogradar; mas o Gabinete estava empenhado: elle se esforçou em attribuir as novas victorias á cauza independentes da força dos exercitos Francezes; todavia, sua marcha tornou se incerta; propoz as mais contradictorias pertençaens; queria ser alliado da França, pondo de parte todas as clauzulas do tratado de alliança; queria ser mediador, e ficar ligado a nossos inimigos.

Respondeo-se-lhe que a Austria era senhora de renunciar a alliança; que a França não se offenderia disso, mas que não queria esses meios termos, recursos communs da irrezoção, e da fraqueza. Aceitou-se a convocação e abertura de hum Congresso, posto que se previo que elle não teria hum prompto rezultado para a guerra actual, mas como hum meio de conservar abertas as negociaçoens, que conduzissem hum dia á paz.

Eu não exporei aqui a maneira com que o Gabinete Austriaco exerceo a mediação; taõ pouco me demorei mais á cerca do Congresso de Praga; elle não existio.

Depois das batalhas de Lutzen, e de Wurtschen, a Russia, e a Prussia estariaõ sinceramente dispostas para tratar, se ellas não tivessem a esperança de induzir a Austria a entrar em sua luta, e de lançar sobre ella o pezo da guerra. Tal he o circulo viciozo em que o Gabinete de Vienna tem posto a Europa: elle pretendia conduzir nossos inimigos a fazer a paz, e ligando-se com elles, tomando sobre si mesmo a maior parte dos perigos, e dos sacrificios, os animava a fazer a guerra: elle pensava que conduzia as Potencias, e era por ellas conduzido: ellas o impelliaõ para a guerra por seu unico interesse. A Russia, sublevando os povos desde o Vistula ate o Rhin concebeo a esperança de levantar entre nos e ella huma barreira de desordem, e de anarquia: frustrada esta tentativa, offereceo-se-lhe outro meio: aproveitou-o destramente; e precipitou a Austria na guerra.

O Gabinete Austriaco, depois das frequentes experiencias que tinha tido do poder dos exercitos Francezes, não podia seriamente pensar, em nos repellir, dentro d'alguns mezes, para os nossos antigos limites: seriaõ precizos vinte annos de victorias para destruir o que vinte annos de triumphos crearaõ. Mas, se tal era o seu pensamento, porque razao depois da paz de 1809 licenciou a Austria os seus exercitos? Porque razao se alliou com França em 1812?

Nenhum dos passos do Gabinete de Vienna tinha escapado ao das Tuilerias. Desde o mez de Novembro a mu-

dança de systema da Austria tinha sido prevista; e se o Governo pedio á Nação levas extraordinarias, quando o General d'York nos trahio, porque esta traição lhe fez prever a deserção da Prussia; elle exigio novas levas, quando a Prussia desertou, porque elle previo a deserção da Austria. Esta providencia he que tem desconcertado as combinaçoens do Gabinete de Vienna, e que por os exercitos Francezes em estado de fazer frente a todos os seus inimigos.

Mas, Sire, as Potencias colligadas conhecem que para tentar o complemento dos projectos, que ja não encobrem, devem fazer os maiores esforços. He necessario que á voz de V. M. se levantem novos batalhoens no seio da França para pôr vossos poderozos exercitos em estado de levar á vante a guerra com hum novo vigor, e prover a tudo o que possa acontecer.

Quando toda a Europa está em armas, quando, alem dos exercitos regulares, os Governos colligados chamao ao combate os *Landwehr*, os *Landsturm*, e fazem de todo o homem hum soldado, o povo Francez deve á sua segurança e gloria o mostrar huma nova energia. Elle deve consagrar á conquista de huma paz estavel esforços proporcionados aos que fazem seus inimigos para realizar os projectos de huma ambição sem limites.—Dresda, 20 d'Agosto de 1813.

O Ministro dos Negocios Estrangeiros
(Assignado) DUQUE DE BASSANO.

Os mais documentos officiaes que se lerao na sobredita sessão parecem-nos muito interessantes; mas sendo muitos, e muito extensos; por isso os inseriremos em os No. 20 e 31 do nosso Jornal.

No dia 14 de Outubro se ajuntou o Senado Conservador as duas horas, sob a Presidencia do Archi-Chanceller do Imperio.

O Senador Conde Segur, em nome de hum Committe especial nomeado na sessão de 12 de Corrente, fez relatorio sobre hum projecto de Senatus Consultum, apresentado hoje, relativo á ilha de Guadalupe. O Senatus Consultum foi approvedo pelo Senado, e se expedio o seguinte

DECRETO.

Artigo 1. Não se concluire tratado algum de paz entre o Imperador dos Francezes, e a Suecia, sem que a Suecia tenha previamente renunciado á posse da Ilha Franceza de Guadalupe.

2. He prohibido a todo o Francez na Ilha de Guadalupe, sobpena de deshonor*, o prestar juramento qualquer ao Governo de Suecia—aceitar delle algum emprego—dar-lhe qualquer auxilio.

3. O prezente Senatus Consultum será transmittido por huma mensagem a S. M. o Imperador†.

Pelo Imperador, em virtude dos poderes, que nos forão confiados.

(Assignada) MARIA LUIZA.

Pela Imperatriz Regente, CAMBACERES, DUQUE DE CADORE.

EXERCITO DA CATALUNHA.

Extracto de huma carta a S. Excellencia o Ministro da Guerra, escripta pelo General Decaen, commandante do exercito da Catalunha, datada de Girona, 7 de Outubro, 1813.

MONSEIGNEUR!

Tinha eu ordenado ao General de Divisão Lamarque, que marchasse para Olot, com a brigada Petit, composta dos regimentos 67, e 113; e hum esquadrao do 29; a fim de observar os movimentos dos Hespanhoes, que se dizia terem alguns designios contra La Cerdagne, nas Fronteiras de França.

* Os habitantes de Guadalupe deixáráo de ser vassallos de S. M. Corsica, ha muito tempo: prestarão juramento de fidelidade a S. M. Britanica, a quem a ilha de Guadalupe pertence pelo Direito de Conquistista. Com que direito pois decreta o mais infame Senado, Conservador do mais infame tyranno, a respeito dos habitantes de huma ilha, que lhe não pertence, e que não são subditos seus? E quem impoem a pena de deshonor? He hum Senado que he a vergonha do seculo, e a deshonor da mesma França!

Os Redactores.

† Se os encarregados de lha levarem, podereu chegar onde elle estiver.

Os Redactores.

O General Petit manobrou, em conformidade das instrucções que tinha recebido. Aos 28 de Setembro estava em Campredon; aos 29 voltou para Olot; no 1. e 2. dia de Outubro marchou para o pé de Grau, na direcção de St. Privat, e aproveitou-se da presença de suas tropas para exigir o pagamento das contribuições; e ajunctar algumas requisições para a subsistencia de sua brigada.

Os Hespanhoes incommodados com estes movimentos, se aproximaram a Olot aos 2; e tomaram huma posição, em numero de 3 á 4 mil homens, nas alturas de St. Privat.

O General Petit os reconheceo aos 3; resolveo atacallos aos 4 e expulsallos daquelles vizinhanças, o que se executou com vigor e discernimento.

O General Petit partio de Olot ao romper do dia; chegou pelas 7 horas da manhã á presença do inimigo, e achando o mais forte do que na noite precedente; os regimentos de Burgos, Tarragona, Ausonia, &c. coroaram com duas linhas de infantaria as montanhas na direita, e esquerda de St. Privat; hum esquadraõ dos hussares de S. Narcisse estava em ordem de batalha no vale, protegido pela infantaria.

A brigada Franceza fez halto, para se formar, e descançar algum tanto; o inimigo tomou isto como effeito da irresolução; desceo com grande gritaria, e atacou vivamente algumas companhias de voltigeurs, que se formaram na vanguarda. O General Petit mandou immediatamente tocar ao ataque; os seus quatro batalhoens instantaneamente marcharam na direcção que se lhe tinha prescripto; o inimigo admirado deste ataque se retirou de posição em posição, todas foram tomadas, e cubertas com os seus mortos.

As difficuldades do terreno, que demoravam a nossa marcha, permittiram que os Hespanhoes frequentemente se tornassem a formar; o fogo foi mui vivo desde as 8 horas até o meio dia; e durou até as 4 horas de tarde. Por fim tudo foi obrigado a ceder, ante a infatigavel coragem de nossas tropas, que perseguiram o inimigo por varias leguas do campo de batalha, e o dispersaram completamente. Nos tomamos somente alguns prisioneiros; mas elle perdeu muita gente na retirada, pelo fogo de nossa mosqueteria, e grande numero se lançou pelos precipicios abaixo em sua fugida.

Esta acção nos custou 2 officiaes, e 7 sub-officiaes e soldados mortos; e 7 officiaes, e 61 soldados feridos. Tenho a honra de remetter com esta a V. Excellencia huma lista da perda de cada regimento em particular.

As boas disposições e comportamento do General Petit, são dignos de elogio. Elle foi excellentemente apoiado,